

**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO JORNALISMO**

Luana Daniela Ciecelski

**UMA LEITURA DOS ARQUÉTIPOS NAS PERSONAGENS DA SÉRIE
LITERÁRIA HARRY POTTER DE J.K. ROWLING**

Santa Cruz do Sul
2016

Luana Daniela Ciecelski

**UMA LEITURA DOS ARQUÉTIPOS NAS PERSONAGENS DA SÉRIE
LITERÁRIA HARRY POTTER DE J.K. ROWLING**

Monografia apresentada à disciplina de Monografia no Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNSC - como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Jornalismo.

Orientador. Prof^o. Dr. Demétrio de Azeredo Soster

Santa Cruz do Sul, dezembro de 2016

Luana Daniela Ciecelski

**UMA LEITURA DOS ARQUÉTIPOS NAS PERSONAGENS DA SÉRIE
LITERÁRIA HARRY POTTER DE J.K. ROWLING**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido ao Curso de Comunicação Social/Habilitação Jornalismo, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Profº Dr. Demétrio de Azeredo Soster
Professor orientador - UNISC

Profª Dra. Fabiana Picinnin
Professor examinador - UNISC

Profª Dra. Eunice Piazza Gai
Professor examinador - UNISC

Santa Cruz do Sul, dezembro de 2016

*À minha mãe,
graças a quem cheguei até aqui*

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento, é claro, vai para Deus. Não sou uma pessoa fervorosamente religiosa, mas acredito em algo superior e tenho certeza de que sem a permissão dessa força maior, nada disso teria sido possível. O segundo agradecimento é para minha família, em especial minha mãe, Eloisa, que alimentou o meu amor por Harry Potter durante anos me presenteando com livros e filmes e que nos últimos meses me ouviu vezes sem conta falar dessa pesquisa e compreendeu minhas ausências em casa porque estava estudando. Mãe, eu te amo.

O terceiro agradecimento, como não podia ser diferente, vai para o meu amigo e orientador Demétrio, o primeiro a compreender que apesar de estar cursando Jornalismo e amar a profissão que escolhi, no campo da pesquisa, é a literatura e as narrativas que têm o meu coração. Dê, obrigada por embarcar nessa aventura comigo. Tu foi demais.

O próximo agradecimento é todo do Diego. Foi ele quem tornou as últimas semanas, aquelas mais difíceis de toda a graduação, não apenas facilmente vivíveis mas também as mais incríveis semanas de toda a minha vida. Teu apoio, meu amor, foi imprescindível. Ao teu lado tudo é mais fácil. Muito obrigada!

Eu também não poderia deixar de agradecer aos colegas de Riovale Jornal. Passei metade da minha graduação entrando e saindo daquela redação, colocando na prática o que aprendia na sala de aula e como se isso não bastasse, nesses últimos meses eles foram os colegas mais bacanas que alguém poderia querer. Vivi e Alyne, obrigada por ficarem me ouvindo falar dessas coisas todas, por sempre terem uma palavra amiga para dar em troca e por até mesmo me ajudarem a compreender o que são arquétipos. Vânia, o que seria de mim sem os teus ouvidos também e sem o teu consolo. Tu és uma segunda mãe pra mim. André, obrigada por compreender tantas ausências. Se não tivesse sido assim, eu não teria conseguido.

Para ir encerrando gostaria de agradecer aos meus amigos, que se preocuparam e se interessaram em saber como estava a monografia, mas especialmente aqueles que passaram por esse momento comigo, como é o caso da Stephanie e da Daniela. Meu diploma também é um pouquinho de vocês, porque sempre estiveram ao meu lado, tanto na construção da monografia, quanto no trajeto que me permitiu chegar até ela, ou seja, os oito semestres que a antecederam.

E por último, só queria dizer obrigada J. K. Rowling. “Juro solenemente que não pretendo fazer nada de bom”.

“Palavras são, na minha nada humilde opinião,
nossa inesgotável fonte de magia.”

Alvo Dumbledore

RESUMO

O presente trabalho monográfico consiste em uma leitura dos arquétipos dentro da série literária Harry Potter de J. K. Rowling. Para realizá-la foram identificados e analisados os arquétipos relacionados às personagens Harry Potter, Ronald Weasley e Hermione Granger, dentro do volume *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, primeiro da série. A pesquisa teve como base um referencial teórico sobre Narratologia e Literatura Fantástica, bem como sobre arquétipos, especialmente o conceito formulado pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung e a listagem de Arquétipos elaborada por Margareth Mark e Carol S. Pearson na obra *O herói e o fora da lei* (2001).

Palavras-chave: narratologia; literatura fantástica; arquétipos; Harry Potter; C.G. Jung; J.K.Rowling

ABSTRACT

The present monographic work consists of a reading of the archetypes within the literary series Harry Potter of J. K. Rowling. To accomplish this, the archetypes related to the characters Harry Potter, Ronald Weasley and Hermione Granger were identified and analyzed, within the volume *Harry Potter and Philosopher's Stone*, first of the series. The research was based on a theoretical reference on Narratology and Fantastic Literature, as well as on archetypes, especially the concept formulated by the Swiss psychiatrist Carl Gustav Jung and the list of archetypes elaborated by Margareth Mark and Carol S. Pearson in the work *The hero and the outside Of the law* (2001).

Keywords: narratology; fantastic literature; archetypes; Harry Potter; C.G. Jung; J.K. Rowling.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação entre os gêneros fantástico, estranho e maravilhoso	24
Tabela 2 - Principais arquétipos, segundo Mark e Person (2001)	38
Tabela 3 - Os arquétipos encontrados em Harry Potter	62
Tabela 4 – Resumo dos arquétipos encontrados	87

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 AS NARRATIVAS FANTÁSTICAS	13
2.1 O que são narrativas	13
2.2 A narrativa fantástica	19
3 OS ARQUÉTIPOS E O INCONSCIENTE COLETIVO	30
3.1 O que são os arquétipos	30
3.2 Outras contribuições	37
4 O MUNDO DE J.K. ROWLING	44
4.1 Principais obras	47
5 ESTUDO DE CASO: ARQUÉTIPOS EM HARRY POTTER	58
5.1 Estudo de caso	58
5.2 Isolamento do arquétipos	60
5.3 Tabela de arquétipos em Harry Potter	62
6 CONSIDERAÇÕES INTERPRETATIVAS	87
6.1 As personagens e seus arquétipos	88
6.2 O papel dos arquétipos na narrativa	91
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

1 INTRODUÇÃO

A vida do homem é construída com base na narrativa. Os fatos que ele vivencia são contados e registrados através das narrativas, suas biografias são narrativas de uma seleção de fatos que aconteceram em suas vidas. O próprio acontecer humano, sua convivência, sua forma de comunicar-se é uma sucessão de narrativas ou, como define Luiz Gonzaga Motta em seu livro *Análise Crítica da Narrativa*, a vida dos homens pode ser comparada a uma teia intrincada de narrativas. Então, nada mais óbvio que o homem também utilize a narrativa em suas variadas formas de expressão, incluindo a literatura, e que essa literatura nada mais seja do que uma representação do real, uma representação daquilo que o homem vive. Mesmo quando a narrativa está enquadrada no gênero fantástico, ainda assim ela terá elementos do real em seu enredo. Seja do real físico, palpável, ou do imaginário das pessoas, daquilo que está incrustado em seus inconscientes.

Durante seus estudos, que aconteceram ao longo do século passado, o psiquiatra Carl Gustav Jung pesquisou justamente o inconsciente. Jung afirmou que os homens possuem uma consciência, uma inconsciência individual e uma inconsciência coletiva. Essa inconsciência coletiva, diferentemente da pessoal, já nasce com a pessoa, e ela possui como conteúdo, modos de comportamentos e assimilações do mundo que são as mesmas para todos os seres humanos, em todas as partes do mundo. São uma espécie de herança psicológica que se soma à herança biológica. Ela é formada por estruturas psíquicas que nasceram das vivências experimentadas ao longo de centenas de gerações. Essas estruturas são chamadas por Jung de *arquétipos*.

Pesquisas após pesquisas, Jung chegou a concluir que os arquétipos estavam representados, e que podiam ser encontrados nas mais diversas áreas, inclusive na arte dos homens, entre elas a literatura, e nas variadas formas de narrativas. Entre suas contribuições para com a narratologia está a conclusão de que a utilização de personagens-arquétipos até mesmo confere à história maior aceitabilidade, porque os personagens personificam imagens que fazem parte da psique do leitor.

Desde suas descobertas, muitas pessoas já utilizaram suas teorias como base para pesquisas, principalmente no âmbito da psicologia. Elas buscam compreender melhor a pessoa humana. No campo da narratologia, as pesquisas também existem e, nesse caso, buscam, entre outras coisas, tentar compreender a narrativa como uma representação do sujeito. Ainda assim, os arquétipos continuam sendo pouco compreendidos e mesmo desconhecidos. Muito pouco se pode dizer sobre quais são efetivamente, onde e como eles estão presentes nos livros, filmes e

séries que lemos e assistimos. Também se conhece muito pouco do papel que esses arquétipos têm nessas histórias, de como o nosso inconsciente assimila e absorve esses arquétipos através das narrativas e das consequências que essa assimilação traz para o inconsciente coletivo.

Foi tendo isso em mente que a presente pesquisa se moldou. Tendo como base o universo literário de Harry Potter, uma série composta por sete livros, escrita por J. K. Rowling e lançada na Inglaterra em 1997, nos propomos a contribuir com o desenvolvimento da ciência no que se refere à compreensão dos arquétipos. Queremos compreender o papel deles na narrativa de Harry Potter, nos propomos a descobrir de que forma eles estão representados nas personagens Harry Potter, Ronald Weasley e Hermione Granger na narrativa da série. E dessa forma, pretendemos descobrir os sentidos que emergem dos arquétipos existentes nessa narrativa, e avaliar, mesmo que minimamente o papel dos arquétipos na literatura fantástica.

Mas por que pensar a literatura pelo viés psicológico? Primeiro, porque a literatura frequentemente procura atingir domínios que vão além da literatura pura e simplesmente. É como falar da obra “O mundo de Sofia” e não falar de seu conteúdo filosófico já que o principal propósito de Jostein Gaarder ao escrever o livro era falar de filosofia de uma forma mais simples, diretamente para um público infanto-juvenil. Em segundo lugar porque a literatura, as narrativas são retratos da realidade humana e o homem é um ser psicológico. Se o que se busca é uma compreensão mais aprofundada de determinado texto, é difícil de consegui-lo sem que seja feita uma análise dos processos psicológicos envolvidos. Essa é pelo menos, uma boa forma de se analisar uma obra.

E Harry Potter, nunca foi uma obra qualquer. Contando a história de um menino de 11 anos, órfão, que descobre não apenas ser bruxo, mas um bruxo conhecido em todo o mundo mágico por ter derrotado, quando era apenas um bebê, o maior mago das trevas que já existiu, a história já vendeu, desde seu lançamento, mais de 400 milhões de exemplares. Eles foram traduzidos para 69 idiomas, e estão em todos os 193 territórios reconhecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), incluindo o Brasil, onde a narrativa apareceu pela primeira vez no ano 2000. Para que uma série faça tanto sucesso, no mínimo uma identificação entre leitores e personagens é preciso ter. Especialmente quando esses leitores são crianças. E por isso, consideramos ainda mais importante levar essa pesquisa adiante.

Dessa forma, o primeiro capítulo teórico abordará as narrativas fantásticas. Nele, uma revisão bibliográfica nos auxiliará a compreender o que são as narrativas, suas características e importância, para em seguida abordarmos a questão da literatura fantástica, contando como ela se desenvolveu e como se deram as pesquisas relacionadas a esse campo da literatura com o passar dos anos. Também compreenderemos quais são as características desse gênero.

O segundo capítulo teórico nos inserirá no mundo de Carl Gustav Jung, na busca pela compreensão do que são os arquétipos. Também abordaremos outros teóricos da psicologia analítica, da narratologia e até mesmo da comunicação que já desenvolveram pesquisas sobre os arquétipos e traremos suas definições para o conceito.

Em seguida falaremos sobre Harry Potter. Partindo do pressuposto de quem nem todo o leitor dessa pesquisa tem a obrigação de saber que obra é essa, ou compreendê-la mais profundamente, faremos uma apresentação de cada um dos sete volumes, bem como da autora, J. K. Rowling, visando mostrar como se deu a construção da história, destacando elementos importantes. Acreditamos que para compreender a pesquisa como um todo, é preciso que se compreenda minimamente a obra.

O capítulo seguinte nos apresentará a metodologia de pesquisa utilizada na busca por resultados, ou seja, o estudo de caso e a construção de tabelas visando a separação dos arquétipos da história. Por fim, o sexto e último capítulo dessa monografia trará as nossas considerações interpretativas a respeito da pesquisa realizada. Boa leitura.

2 AS NARRATIVAS FANTÁSTICAS

Para melhor compreender Harry Potter, é importante compreender o que é literatura fantástica, gênero dentro do qual a história está enquadrada, e quais suas características. Além disso, como veremos posteriormente, as narrativas fantásticas, desde sua origem nos mais remotos séculos, também tiveram papel fundamental na construção do inconsciente coletivo e dos arquétipos. Por isso a importância de compreender suas características e os conceitos trazidos pelos principais autores e pelas mais recentes pesquisas.

Dessa forma, nesse capítulo, vamos buscar compreender o que são narrativas por meio da revisão de autores como Motta (2013), Lopes e Reis (1988), Gancho (2002) e Amaral (2005), e em seguida o posicionamento de alguns teóricos sobre o gênero fantástico, tais quais Todorov (2004), Rodrigues (1988), Ceserani (2006) e Almeida (2013). Com base na leitura desses autores, buscaremos compreender as origens históricas do gênero fantástico e como ele está inserido em *Harry Potter*.

2.1 O que são narrativas

Narrativas são as histórias que o homem conta, sejam elas reais ou fictícias. É o ato de relatar. É um hábito do ser humano, existente desde os primórdios da civilização, quando o homem ainda contava os eventos que permeavam sua existência por meio de pinturas nas paredes. É uma manifestação que está presente na rotina das pessoas e nos relacionamentos. É um evento, como lembra Motta (2013), que ocorre até mesmo nas relações dos homens consigo mesmos, já que até as biografias são construídas com base em memórias selecionadas e contadas, e a identidade pessoal é construída a partir de narrativas. “As narrativas criam o ontem, fazem o hoje acontecer e justificam a espera do amanhã. A coerência narrativa cria o tempo, o nosso tempo” (MOTTA, 2013, p. 18).

Narrativas são importantes até mesmo para a organização social e construção de uma identidade coletiva:

Quando narramos algo estamos nos produzindo e constituindo, construindo nossa moral, nossas leis, nossos costumes, nossos valores morais e políticos, nossas crenças e religiões, nossos mitos pessoais e coletivos, nossas instituições. Estamos dando sentido à vida. Aquilo que incluímos ou excluímos de nossas narrações depende da imagem moral que queremos construir e repassar. (MOTTA, 2013, p. 18)

Também é preciso citar Bruner (1998, apud MOTTA, 2013), quando esse lembra que é

uma predisposição primitiva e inata do ser humano organizar e compreender a realidade a partir das narrativas. Por meio de suas palavras é possível compreender que até mesmo o desenvolvimento do homem em tempos remotos, logo após a descida das árvores, só foi possível por causa desse sistema que possibilitou a criação e o desenvolvimento de sociedades. Só o aparato narrativo de que dispomos possibilita a explicação de fatos, a estruturação de regras sociais e de convívio, a educação, a resolução de conflitos, entre outras necessidades inerentes ao convívio em sociedade. Por todos esses motivos Motta (2013) define os seres humanos como “seres narrativos, narradores natos, atores, personagens e ouvintes de nossas próprias narrativas” (MOTTA, 2013, p. 17).

Narrativa também é definida por alguns autores - como Gancho (2002) - como um modo literário, ou seja, uma categoria dentro da literatura especificamente. Segundo a autora, a narrativa parte de uma tríade ao lado da forma lírica e da forma dramática. A forma lírica é aquela à qual pertence a poesia lírica e o dramático é aquele estilo que engloba o texto teatral. Diferentemente dos modos lírico e dramático, que são mais limitados, dentro do modo literário narrativo há diferentes gêneros possíveis. Alguns deles se destacam.

Eles são o romance, uma narrativa mais longa, com mais personagens e onde a passagem do tempo é mais demorada; a novela, que tem um número menor de personagens e se passa em um espaço de tempo bem mais curto; o conto, uma narrativa ainda mais curta que traz, em geral uma personagem, passando por um conflito, em um espaço e tempo também condensados; e a crônica que é uma narrativa bem breve, que geralmente aborda temas do cotidiano com uma linguagem leve (GANCHO, 2002).

Há, ainda, também, as fábulas, mitos e lendas, memórias, biografias e autobiografias, bem como as narrativas que estão inseridas em contextos comunicacionais como a narrativa de imprensa. Dessa forma, pode-se facilmente perceber que a narrativa ficcional, ou seja, aquela que não necessariamente relata um fato verdadeiro, é a predominante, mas também há as narrativas de estilo histórico que visam justamente o registro do real.

Para Motta (2013), no entanto, considerar a narrativa apenas como um ramo da teoria literária é muito limitador, pois as narrativas estão presentes em todas as formas de produção do ser humano e, portanto, não se reduz às expressões ficcionais. Além disso, tão complexas são as estruturas narrativas, e tantas as formas possíveis de narrar, que há um ramo da ciência exclusivamente para estudar a narrativa, os métodos e os procedimentos empregados para construí-las: a *narratologia*.

De acordo com Motta (2013), essa ciência é mais antiga do que pensamos. Ela remete aos estudos aristotélicos como a obra *Poéticas*, escrita por volta do ano 335 a. C. que já continha

então, apontamentos sobre a questão mimética, enredo, personagens e efeitos provocados no receptor. Porém, essa ciência também permaneceu muitos anos adormecida, sendo retomada apenas na década de 1920 pelo russo Vladimir I. Propp, que escreveu *Morfologia do Conto Maravilhoso* (1984), uma análise de contos maravilhosos infantis europeus.

Em sua época, porém, ele foi ignorado pelo governo stalinista e só foi redescoberto pelo antropólogo Claude Levy Strauss na década de 1950. A partir dessa redescoberta Propp passa a ter uma grande importância. Para ele, morfologia era o estudo das formas – o próprio Vladimir fez uma comparação com a morfologia botânica que é o estudo das partes constituintes de uma planta e suas relações com as outras partes – e isso ele procurou fazer com a cultura popular de sua época. “Ele tenta pontuar a forma comum e constante das histórias populares maravilhosas. A partir da sistematização de Propp essa morfologia passou a ser considerada uma estrutura universal dos contos” (MOTTA, 2013, p. 76).

Posteriormente, outro importante teórico das narrativas foi Roland Barthes, que na década de 1970 organizou o volume *Análise estrutural da narrativa* (2008), que buscava características que fossem inerentes as mais diversas formas narrativas, um modelo básico de estrutura. Na mesma década ainda surgiu Tzvetan Todorov, que foi quem criou o termo narratologia. Mais recentemente, temos autores diversos tais como Ana Cristina Lopes e Carlos Reis, que elaboraram o *Dicionário de Teoria Narrativa* (1988)¹.

Em relação a estrutura, boa parte dos autores concorda que todas as narrativas possuem cinco elementos básicos e que a caracterizam: enredo, personagem, tempo, espaço e um narrador (GANCHO, 2002). O enredo é o conjunto de fatos que compõe a história; ele deve ter, de acordo com Gancho (2002), um início, um meio e um fim, e um conflito, porque é esse último o responsável pela existência da história, ou seja, o conflito é o que dá vida e movimento para a narrativa. Esse conflito pode ser interior (da personagem consigo mesma), entre personagens, entre a personagem e o ambiente, de ordem moral, religiosa, econômica, entre outros motivos.

O tempo é a época em que se passa o enredo (Idade Média, por exemplo) e a duração da história a ser contada (tudo acontece em um período de dois anos, por exemplo). O espaço, por sua vez, é o lugar onde a ação se passa, o ambiente da história (GANCHO, 2002). A autora esclarece ainda que é preciso diferenciar espaço de ambiente: “O termo *espaço*, de um modo geral só dá conta do lugar físico onde ocorrem os fatos da história; para designar um “lugar” psicológico, social, econômico, etc., empregamos o termo ambiente” (GANCHO, 2002, p. 23,

¹ Para saber mais profundamente sobre a história da Teoria da Narrativa, ler Motta (2013). Ele conta com detalhes como se deu o desenvolvimento das pesquisas nesse âmbito, durante todo o século XX.

grifo do autor). Nesse sentido, o ambiente é o elemento que dá um “clima” psicológico para a história.

O narrador é um dos elementos mais importantes; é aquele que está contando a história e por isso, aquele sem o qual a narrativa não existe. Ele pode contar a história por meio de dois principais pontos de vista: de fora da história (em terceira pessoa) ou de dentro da história (em primeira pessoa). Quando em terceira pessoa, o narrador, também chamado de observador, pode se dividir em dois tipos, o onisciente – aquele que tudo sabe sobre a história – e o onipresente – aquele que está em todos os lugares onde a história se passa. Quando em primeira pessoa, o narrador também chamado de narrador personagem pode ser uma testemunha – não é a personagem mas participou dos acontecimentos – ou narrador protagonista – quando é também o personagem central. (GANCHO, 2002).

Ainda sobre o narrador, Lopes e Reis (1988) defendem que é muito importante distingui-lo do autor, com o qual é confundido frequentemente. Eles explicam que “*autor* é a entidade materialmente responsável pelo texto narrativo, sujeito de uma atividade literária a partir da qual se configura um *universo diegético* com suas personagens, ações, coordenadas temporais, etc” (grifo do autores, LOPES; REIS, 1988, p. 14) e que “se o autor corresponde a uma entidade real e empírica, o narrador será entendido fundamentalmente como autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso” (LOPES; REIS, 1988, p. 61). O narrador é, portanto, uma criação linguística do autor e por isso só existe no texto.

Todos esses elementos são considerados fundamentais porque juntos nos ajudam a compreender o que aconteceu, onde a história se passou e porque ela ocorreu. Existe, no entanto, um outro elemento também muito importante porque é responsável pelo desenvolvimento do enredo, trata-se daquele que age dentro da história e vive os fatos narrados: a personagem. Vale destacar que, no decorrer dessa pesquisa, três personagens serão analisadas e os Arquétipos que emergem delas serão estudados, por isso é importante dispensar uma atenção maior ao termo, buscando compreender mais profundamente o seu significado.

Usualmente as personagens são classificadas como protagonistas - ou personagens principais -, antagonistas e personagens secundários. Dentro do primeiro grupo estão os heróis – seres de moral elevada ou com características que os tornam destacados e superiores aos seus iguais – e os anti-heróis, que possuem uma moral e características iguais ou até inferiores às de seu grupo, porém mesmo que sem grandes competências, por algum motivo são colocados no papel de heróis (Gancho, 2002). Pode ser citado como um exemplo de anti-herói a personagem Macunaíma da obra de mesmo nome do escritor brasileiro Mário de Andrade. O índio foi

chamado pelo próprio autor de herói sem nenhum caráter.

Já os antagonistas são aqueles que fazem oposição ao protagonista, normalmente os vilões. São aqueles que atrapalham os planos da personagem principal e usualmente são os que causam os conflitos dentro do enredo. Em Harry Potter, temos como principal antagonista o vilão Voldemort, bruxo das trevas que causou a morte dos pais de Harry e que tem intenção de dominar, não apenas o mundo mágico mas também o não-mágico para poder agir de acordo com seus interesses. Porém, outros personagens podem ser citados, como por exemplo o menino Draco Malfoy, que já nas primeiras aparições se torna um desafeto da personagem principal, e que em diversos momentos se envolve em intrigas com o mesmo dentro da trama.

Por fim as personagens secundárias são aquelas que tem uma participação menor dentro da história. Elas podem ou não estar envolvidas na trama, mas normalmente fazem o papel de amigos, confidentes, ou ajudam de alguma forma o protagonista ou antagonista, porém são figurativos e menos importantes na maior parte dos casos. Pode ser citado como personagem secundário da obra de Rowling, Neville Longbottom, jovem bruxo, também estudante de Hogwarts que divide o quarto com dois os personagens principais e que adquiri um pouco mais de importância ao longo da trama na medida em que apoia Harry Potter no combate à ascensão dos bruxos das trevas.

Gancho (2002) classifica as personagens, ainda, como planas ou redondas. Segundo a pesquisadora, as personagens planas são aquelas menos complexas, que não chegam a ter apresentadas grandes características suas. São divididas por tipos (o jornalista, o estudante, a dona de casa) ou caricaturas, com características fixas e muitas vezes ridículas (o Analista de Bagé, por exemplo, criado por Luiz Fernando Veríssimo e que representa fortemente uma ideia caricatural do gaúcho). Já as personagens redondas são aquelas complexificadas, que possuem características físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e/ou morais, podendo ter uma ou mais dessas características simultaneamente. Quanto mais delas, mais complexa a personagem.

Para Gancho (2002), assim como para Motta (2013) as personagens podem ser reais ou fictícias, dando a entender que algumas personagens podem ser baseadas em pessoas que de fato existem ou ser construídas tendo como modelo comportamentos tipicamente humanos. Brait (1985), no entanto, alerta que essa relação entre personagens e pessoas deve ser cuidadosa, pois entendida da forma errada pode causar uma confusão terminológica. Isso porque a personagem é sempre um ser ficcional, como já disseram Ducrot e Todorov (1988)

O problema da personagem é antes de tudo linguístico, que não existe fora das palavras, que a personagem é “um ser de papel”. Entretanto recusar toda relação entre personagem e pessoa seria absurdo: as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção. (DUCROT; TODOROV, 1972, apud BRAIT, 1985, p. 10)

É preciso ter cuidado quando se pensa nas personagens como representação da realidade externa às das páginas. “Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a “vida” desses seres de ficção” (BRAIT, 1985, p. 11). O autor esclarece, ainda, que a matéria e o espaço que a personagem habita é diferente da matéria e espaço dos seres humanos, mas que as duas realidades podem, sim, se relacionarem, e que isso acontece por causa da linguagem, que nada mais é do que um método inventado pelo homem para “reproduzir e definir suas relações com o mundo” (BRAIT, 1985, p. 12).

Brait (1985) cita, a título de comparação, o exemplo da fotografia três por quatro. Considerada uma das formas mais objetivas de se captar o real, ela normalmente é utilizada para garantir a identidade da pessoa retratada. Possui muita semelhança com o real, porém não é a pessoa verdadeiramente e sim um registro feito em determinado momento, sob determinado ângulo e incidência de luz (uma linguagem fotográfica), que posteriormente foi revelado em papel de fotografia graças a diversas conquistas técnicas. Sabe-se que mesmo nas fotografias é possível criar realidades. Na linguagem escrita o mesmo acontece.

Ainda assim, muitas narrativas podem ser pensadas como uma exploração imaginária das condutas e comportamentos humanos, como uma mimese², uma metáfora da realidade, que não é de todo copiada, mas que adquire um novo significado. Se refletirmos, também perceberemos que essa aquisição de significados é natural até mesmo porque cada leitor fará a sua ressignificação de acordo com suas próprias experiências anteriores e valores morais, em uma catarse.

Essa concepção de personagem antropomorfizada, ou seja, baseado nas condutas e comportamentos do homem de carne e osso, como entendemos hoje, porém, só começou a ser formulada em meados do século XVIII³, quando ocorre um declínio em relação à estética clássica e o romance começa a sofrer mudanças em função de um novo público, os burgueses.

² Mimese ou mimésis é um termo que abarca uma variedade de significados, incluindo a imitação, representação, mímica, o ato de se assemelhar. Imitação verosímil da natureza que constitui, segundo a estética aristotélica e clássica, o fundamento de toda a arte. (WIKIPÉDIA, 2016a)

³Para saber mais sobre as origens da concepção do termo personagem – a partir de estudos aristotélicos -, consultar Brait (1985). Ele traz mais a fundo o trabalho que foi publicado em obras como *Poética*.

Como explica Amaral (2005),

Até o século XVIII, a palavra romance teve seu significado definido em oposição à língua erudita, o que lhe reservava um teor pejorativo. Romance, e mais tarde o verbo romancear, era a designação utilizada para qualquer obra que não fosse em latim e (ou) tivesse caráter ficcional, sem bases históricas. (AMARAL, 2005, p. 15)

Porém, com a difusão dos ideais iluministas, a reforma protestante, a invenção da imprensa e uma necessidade cada vez maior de especialização da mão de obra, os livros acabaram barateando e o acesso foi facilitado. Como os burgueses eram caracterizados por um gosto artístico ligado à experiência humana, tanto das paixões e sentimentos - características literárias do século XVIII -, quanto os romances históricos de crítica e análise da sociedade, dos temperamentos e meios sociais - característicos dos realistas e naturalistas do século XIX - (BRAIT, 1985), a concepção de romance se alterou, ganhando status de literatura popular.

Para finalizar esse capítulo sobre narrativas, depois de esclarecer quais são suas principais características e aprofundarmos os conhecimentos a respeito das personagens, é preciso fazer uma observação, ainda, sobre as várias formas em que as narrativas se apresentam. De uma forma geral elas são quase sempre lembradas em suas formas textuais, porém como lembram Lopes e Reis (1988), são muitas as formas de narrar e muitos os momentos e locais onde elas são encontradas.

A narrativa desencadeia-se com frequência e encontra-se em diversas situações funcionais e contextos comunicacionais (narrativa de imprensa, historiografia, relatórios, anedotas etc.), do mesmo modo que se resolve em suportes expressivos diversos, do verbal ao icônico, passando por modalidades mistas verbo-icônicas (histórias em quadrinhos, cinema, narrativa literária etc.). É, pois, no quadro desta diversidade de ocorrências que se inserem as narrativas literárias. (LOPES; REIS, 1988, p. 66)

Há até mesmo obras que possuem dentro de si, mais de uma narrativa. A Bíblia é um dos exemplos que pode ser citado. Dentro dela estão a origem do homem, da mulher, o nascimento de Jesus, dos milagres feitos por ele. E cada uma dessas histórias compreende uma narrativa.

2.2 A narrativa fantástica

Compreendido o que são as narrativas, passamos então à definição do fantástico. O termo é oriundo do grego *phantastikós* que se refere a tudo aquilo que é criado pela imaginação e já dá uma pista de seu conteúdo: trata-se de uma narrativa onde estão personagens, situações, objetos ou outros elementos que foram criados por alguém, normalmente o autor, mas essa criação não é comum, já que teoricamente, toda as narrativas - especialmente quando se fala de

literatura - são ficcionais por excelência, mesmo quando baseadas na realidade. Na narrativa fantástica esses elementos possuem a característica de até aquele momento não existirem na “vida real”. São elementos estranhos ao leitor. Para citar um exemplo que aparece logo no início da narrativa de Harry Potter, são as corujas entregadoras de cartas, ou o gato que parece estar lendo a placa com o nome da rua.

Essa forma de literatura, assim como as narrativas, pode ser encontrada na história desde os tempos remotos - muito antes que houvesse uma preocupação formal com o gênero - nas tradições orais das sociedades primitivas. Aliás, como assinala Selma Rodrigues, “podemos dizer que a mais antiga forma de narrativa é a fantástica” (1988, p. 14). Ela iniciou na contação de histórias de cunho mitológico⁴. Eram lendas, mitos, contos populares, histórias que apresentavam deuses e heróis, monstros e seres mágicos. Eram narrativas que em muitos casos buscavam explicar fenômenos naturais, tais como o nascer e o pôr do sol, os raios e trovões.

Todas essas histórias mitológicas, porém, tinham como característica um padrão de irrealidade que ao mesmo tempo continham em si uma verossimilhança⁵ com a realidade, características que viria a ser a base do gênero. Isso, entretanto, só foi percebido séculos depois, em tempos bastante recentes, quando o gênero finalmente despertou atenção e começou a ser estudado.

Isso ocorreu em meados dos séculos XVIII e XIX. De acordo com Furtado (Apud ALMEIDA, 2013), os estudos só surgiram nesse período porque antes disso, nos séculos XV, XVI e XVII, bem como na fase histórica que os antecede, a Idade Média, criaturas como bruxas e situações sobrenaturais eram aceitas e vistas como parte do cotidiano. Dessa forma, o debate sobre o gênero não tinha sentido. “Num passado que tinha magos, fantasmas e demônios como elementos da própria realidade do ser humano, não havia espaço para a ambiguidade que hoje vinculamos ao gênero fantástico” (ALMEIDA, 2013, p. 7).

Em tempos mais recentes⁶, um dos autores responsáveis pela retomada do assunto foi Tzevan Todorov. No final da década de 1960 ele realizou e publicou um estudo aprofundado do estilo definindo-o como um gênero literário. Sua base para essa afirmação foi a de que todo o gênero tem como característica “uma regra que funcione para vários textos” (TODOROV,

⁴ Mitologia é a ciência que estuda os mitos. Os mitos, por sua vez, são aquelas narrativas criadas em tempos remotos para explicar fatos da realidade e questões da natureza que não eram bem compreendidas pelos homens. Repletos de símbolos e misturando situações reais e irreais, os mitos também serviam para transmitir conhecimentos entre as gerações e diferentes povos. Apesar de o mito ter sua base em situações reais, todas as personagens dos mitos são criadas (SIGNIFICADOS, 2017).

⁵ Um texto verossímil, de acordo com Rodrigues (1988) é um texto semelhante à verdade, à realidade.

⁶ Para saber mais sobre os primeiros estudos a respeito do fantástico, ler Ceserani (2006). Ele traz em sua obra apontamentos bastante completos de como se deu o desenvolvimento do modo e quem foram os primeiros estudiosos a lançar um olhar mais atento a essa forma de narrativa.

2004, p. 8). Na literatura fantástica ele encontrou essas regras e apresentou-as.

Segundo ele, o gênero fantástico tem como principais pilares de sustentação a dúvida e o real. Todorov explica que nesse tipo de história, há sempre um fenômeno estranho que ocorre em um mundo próximo ao do leitor, e que tanto pode ter explicações em causas naturais, como sobrenaturais.

Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. (TODOROV, 2004, p. 30)

Há uma hesitação, que deve partir do leitor, e que caracteriza o gênero. “A fé absoluta como a incredulidade total nos leva para fora do fantástico; é a hesitação que lhe dá vida” (TODOROV, 2004, p. 36). Porém, para que essa hesitação ocorra e permaneça durante a história, alguns elementos são considerados fundamentais: a base na realidade (ou verossimilhança), a aproximação entre personagem e leitor e a narrativa do enredo.

A base na realidade tem como principal função aproximar o leitor da história, de forma que ele encontra elementos de sua realidade no enredo. É fundamental porque o leitor aceita os fatos na medida em que está familiarizado com eles e só através da assimilação de que alguns pontos da história são semelhantes ao que lhe é comum no cotidiano, é que a hesitação se torna possível. Do contrário, se toda a história for apresentada com elementos totalmente estranhos, o leitor já considerará o texto enquadrado dentro de um gênero diferente, como o maravilhoso, sobre o qual falaremos mais adiante.

Nesse ponto também é preciso destacar a relação do fantástico com os avanços científicos. Seria muito fácil pensar que algumas descobertas acabariam, como de fato acabaram, com muitos mistérios que deixavam o leitor de narrativas fantásticas hesitantes – como por exemplo a descoberta de doenças curiosas que antes deixavam pessoas intrigadas. Porém, alguns autores como Rodrigues (1988), pensam justamente o contrário. Para eles, o século XIX também foi muito favorável ao fantástico justamente por causa da ciência. A autora traz em sua pesquisa uma citação da obra *Poètes et nèvrosés* de 1908, da francesa Arvède Barine, para explicar essa relação entre o fantástico e a ciência.

A honra dessa nova floração tem origem provavelmente na ciência. Quando essa nos ensina que uma ligeira alteração de nossa retina faria o mundo para sempre descolorido, ela sugere a todos o pensamento de que o mundo real poderia bem não ser senão uma aparência, como já os filósofos o sabiam. Quando ela nos provê de criaturas dotadas de órgãos e de sentidos diferentes dos nossos, ela faz pressentir que deve haver tantas aparências de mundos quantas formas de olhos e de variedades de entendimento. A ciência torna-se assim a aliada e, mais ainda, a inspiradora do escritor fantástico: ela o encoraja a sonhar mundos imaginários ao falar-lhe sem cessar de mundo ignorados (BARINE, 1908 apud RODRIGUES, 1988).

É preciso levar em consideração os tempos de mundo que são diferentes, mas ainda assim, o que as autoras quiseram dizer é que, com tantas descobertas feitas pela ciência sobre o homem e sua relação com o mundo, quantas outras podem estar ainda sem uma resolução? Quantas outras possibilidades existem e ainda são desconhecidas? Até onde aquela narrativa fantástica é algo sobrenatural se pode ser apenas algo ainda não compreendido? Entende-se que a partir do momento que os leitores possuem essas dúvidas, eles podem facilmente hesitar diante de uma narrativa fantástica.

Porém, como já dissemos, o contrário também pode acontecer. Em relação a Harry Potter há situações que vão totalmente contra o que a ciência nos ensinou. Um exemplo é o uso do feitiço *Wingardium leviosa* que possibilita a levitação de objetos. Ele vai totalmente contra o que nos diz a lei da física segundo a qual os corpos ficam presos ao chão por causa da gravidade, a não ser que uma engenhosidade mecânica o impulse contra a gravidade, em direção ao céu.

Daí, voltamos a necessidade da verossimilhança dentro da história, e que faça com que o leitor se identifique e hesite, mesmo diante das afirmações científicas. Essa verossimilhança, de acordo com Rodrigues (1988), pode ser apresentada por meio de estratégias narrativas⁷, como um narrador em primeira pessoa/narrador personagem que aproxima mais o leitor da narrativa e faz com que ele sinta mais as emoções da história, ou através de explicações dadas pelas próprias personagens, mas que não deem conta de esclarecer totalmente o fato, deixando ainda mais dúvida, como por exemplo, quando a personagem diz que parece estar vivendo um sonho ou um pesadelo. A questão das estratégias narrativas, no entanto, foi estudada mais a fundo por outro teórico e será abordada de forma mais aprofundada na sequência desse trabalho monográfico.

Voltando aos demais elementos considerados fundamentais por Todorov, a aproximação

⁷ Lopes e Reis (1988) esclarecem que estratégias narrativas são um conjunto de atitudes organizativas, onde se utilizam de algumas opções táticas durante a construção do texto para atingir determinados objetivos dentro da narrativa e provocar no leitor determinados efeitos.

com o personagem ocorre pelos mesmos motivos que a base na realidade, por isso a personalidade das personagens é comumente construída de forma que os leitores possam se identificar pelo menos um pouco com elas. Como já vimos anteriormente nesse capítulo, isso é muito natural, já que as personagens, de fato, podem ser vistas como uma exploração imaginária das condutas e comportamentos humanos.

E, por fim, a narrativa é aquela que permitirá manter ou não a hesitação no leitor, conforme as escolhas do narrador ao contar os acontecimentos. Se a base do fantástico é a incerteza da realidade de um acontecimento, a narrativa fantástica deve trabalhar para que essa incerteza surja e permaneça com o leitor até o fim da história. É necessária uma atmosfera. (TODOROV, 2004). É necessário um diálogo constante entre a razão e a irrealidade. A ordem e as formas de apresentação dos fatos podem tornar a história mais ou menos hesitante.

Até esse ponto, é preciso concordar com Todorov, em especial quando se pensa na relação com Harry Potter. Os leitores facilmente encontram todas as características já apresentadas dentro do texto de Rowling. Há, na história, um menino de 10 anos, que vive uma vida particularmente difícil por causa de sua relação com os tios, mas que ainda assim pensa e age como uma criança de sua idade. Porém, num determinado dia esse menino se surpreende ao perceber que um cobra habitante de um zoológico o entende e que ele também pode entender essa cobra. Sem compreender perfeitamente o que aconteceu ele segue sua rotina até que uma série de cartas, de um lugar misterioso começam a chegar endereçadas ao menino. Quanto mais os tios evitam o recebimento daquele material, mais cartas chegam, para onde quer que a família vá. Por fim, um gigante aparece no esconderijo provisório encontrado pela família e conta ao menino que ele é um bruxo. Há nessa história um processo gradativo de inserção no fantástico.

Porém, na continuação de seus estudos Todorov concluiu que o fantástico dura apenas o tempo da hesitação, e que de uma forma geral, ao fim da leitura o leitor, ou até mesmo a personagem, acaba chegando a uma conclusão, deixando de lado a hesitação. Ao optar por uma solução ou outra em relação aos acontecimentos, a obra estaria se ligando automaticamente a dois outros gêneros possíveis: o estranho ou o maravilhoso. O próprio Todorov explica:

Se ele decide que as leis da realidade permanecem intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra se liga a um outro gênero: o estranho. Se, ao contrário, decide que se devem admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero maravilhoso. (TODOROV, 2004, p. 48)

A tabela 1, retirada da obra *Introdução à literatura fantástica* (TODOROV, 2004), representa bem o que o autor pretendeu dizer da relação entre o fantástico e os gêneros estranho

e maravilhoso:

Tabela 1: Relação entre os gêneros fantástico, estranho e maravilhoso

Estranho puro	Fantástico – Estranho	Fantástico - maravilhoso	Maravilhoso puro
---------------	-----------------------	--------------------------	------------------

Essa tabela representaria a maior parte das obras que manteriam a hesitação do leitor por um bom tempo, podendo ser consideradas pertencentes ao gênero fantástico, mas que em algum momento teriam a dúvida sanada e terminariam sendo ou maravilhosas ou estranhas. Por maravilhosas, compreendemos aquelas narrativas que possuem elementos sobrenaturais, que acabam sendo aceitos como tais. São por exemplo, os clássicos da Disney ou como Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll, que possuem elementos facilmente percebidos como poéticos ou alegóricos, onde a estranheza é facilmente aceita – animais ou objetos que falam, por exemplo.

Já por estranho, são compreendidas as narrativas com acontecimentos curiosos, também sobrenaturais, mas que ao fim da história acabam recebendo uma explicação racional, ou que induzem o leitor a crer naquele acontecimento como algo racionalmente explicável no mundo em que ele vive.

Cabe ressaltar, ainda, que Todorov até considera que possam existir obras onde a ambiguidade entre o real e o fantástico é mantida até o fim e posterior ao fechamento do livro. O fantástico puro, nesse caso, estaria representado pela linha central da tabela, na exata divisão entre o fantástico-estranho e o fantástico-maravilhoso. Porém, ele acredita que de uma forma geral o fantástico é apenas transitório e nesse ponto discordamos de Todorov. Dizer isso, seria deixar sem gênero centenas de histórias. Talvez, Todorov tenha feito o melhor possível à sua época, porém hoje os tempos são outros, as histórias evoluíram e com elas o gênero fantástico também.

Ainda pensando apenas pelo viés da teoria de Todorov, pode-se dizer que a obra Harry Potter, em sua totalidade, poderia se enquadrar no âmbito do fantástico-maravilhoso, já que não há uma explicação racional para o mundo mágico. Há nos leitores, durante a leitura, a ambiguidade entre a racionalidade de saber que um mundo mágico não existe, e a explicação existente dentro da própria narrativa de que a realidade apresentada só pode ser conhecida por bruxos por uma questão de segurança. Porém, os elementos mágicos da história não são explicados de forma racional em nenhum momento. As vassouras voam porque é assim no mundo mágico, os quadros nas paredes e as fotografias se movem porque é assim no mundo

mágico e o leitor aceita isso, transformando a narrativa, dessa forma, em maravilhosa.

Autores que estudaram o fantástico posteriormente, entretanto, como Ceserani (2006), consideram a teoria de Todorov clara, até por ser bastante simples, mas muito limitadora, de forma que se analisadas a fundo, bem poucas obras poderiam se enquadrar dentro do gênero fantástico. Afirmção com a qual concordamos. Em contrapartida, Ceserani (2006) nos apresenta o fantástico não como um gênero,

mas como um “modo” literário, que teve raízes históricas precisas e se situou historicamente em alguns gêneros e subgêneros, mas que pôde ser utilizado – e continua a ser –, com maior ou menor evidência e capacidade criativa – em obras pertencentes a gêneros muito diversos (CESERANI, 2006, p. 12).

O autor compreende que é prevalente na atualidade uma tendência a alargar o campo de ação do fantástico a todo um setor da produção literária de forma que dentro dele possam estar contidos outros modos e formas de escrita e gêneros literários tais como o fabuloso, o *fantasy*, a ficção científica, os romances utópicos, os de terror, góticos, ocultistas, apocalípticos, entre outros (CESERANI, 2006). Dentro deles, a série Harry Potter.

Complementando e melhorando os estudos realizados anteriormente, Ceserani (2006) defende que, se o fantástico não pode ser considerado um gênero, ele não possui características que precisam estar necessária e rigorosamente presentes, porém, que o modo fantástico possui, sim algumas estratégias narrativas que são amplamente aplicadas e combinadas, e por isso frequentemente percebidas e que podem ser consideradas como características ou elementos das histórias fantásticas.

Não existem procedimentos formais nem mesmo temas que possam ser isolados e considerados exclusivos e caracterizadores de uma modalidade literária específica. Isso vale para o fantástico mas também para todos os outros possíveis modos de produção literária. Cada procedimento formal ou artifício retórico e narrativo, ou tema ou motivo, pode ser utilizado em textos pertencentes às mais diversas modalidades literárias. O que caracteriza o fantástico não pode ser nem um elenco de procedimentos retóricos nem uma lista de temas exclusivos. O que o caracteriza, e o caracterizou particularmente no momento histórico em que esta nova modalidade literária apareceu em uma série de textos bastante homogêneos entre si, foi uma particular combinação, e um particular emprego, de estratégias retóricas e narrativas, artifícios formais e núcleos temáticos (CESERANI, 2006, p. 67)

Ele se preocupou em elencar esses dez procedimentos narrativos e retóricos utilizados frequentemente pelo fantástico da seguinte forma:

1) *Posição de relevo dos procedimentos narrativos no próprio corpo da narração*: esse procedimento remete ao início do modo fantástico, ainda no século XVIII, quando as mudanças

sociais e culturais possibilitaram um desabrochar da literatura. A vontade de experimentar fez com que se explorasse as mais variadas formas de narrar e isso ficava muito implícito no texto, porque os autores queriam mostrar suas descobertas. Na narrativa fantástica, especialmente daquele período, estão todas essas experiências.

2) *Narração em primeira pessoa*: são comuns tanto os narradores em primeira pessoa, quanto a existência de um destinatário explícito e esses dois elementos tornam ainda mais fácil a identificação entre leitor e personagem, seduzem esse leitor para suas próprias perspectivas.

3) *Um forte interesse pela capacidade projetiva e criativa da linguagem*: esse item está intimamente ligado às potencialidades da linguagem. Diversos gêneros utilizam as palavras de forma que elas nos passem um sentido que vai além delas próprias, porém o fantástico faz isso de uma forma muito original, utilizando-se das potencialidades fantasiosas para levar o leitor até onde o autor deseja que ele vá na compreensão do sentido da narrativa.

4) *Envolvimento do leitor: surpresa, terror, humor*: como já dissemos anteriormente, é característico do fantástico a verossimilhança para que haja uma aproximação do leitor. Por esse motivo, o conto também envolve mais o leitor, levando-o para dentro do mundo imaginado que inicialmente é familiar. Consequentemente, quando elementos surpresa surgem, eles atingem o leitor mais em cheio. Todas as emoções se tornam mais fortes quando se trata do fantástico.

5) *Passagem de limite e de fronteira*: é justamente o surgimento do elemento surpresa. É comum no fantástico que o leitor que numa página se encontra em um mundo próximo ao seu, na página seguinte se depare com uma dimensão diferente. É comum também que essa passagem de limites ocorra de forma menos clara, o que aumenta ainda mais a tensão. Isso ocorre quando, por exemplo, a personagem e/ou o leitor não sabe se vive um sonho ou um acontecimento real.

6) *O objeto mediador*: está também ligado ao elemento surpresa e a passagem de limites, especialmente nas histórias em que há uma troca de mundos. Ceserani o apresenta como um objeto que comprova o acontecimento ocorrido em outra dimensão. Algo que a personagem encontra no mundo fantástico e que traz consigo em sua volta para o real. Em Harry Potter, esse papel está representado pela varinha e pelos objetos escolares guardados em seu quarto na casa dos tios, durante as férias de verão.

7) *As elipses*: nada mais são do que espaços em branco deixados dentro do texto como forma de tencionar ainda mais a leitura ou de deixar o mistério e plantar uma semente de dúvida na cabeça do leitor.

8) *A teatralidade*: no período em que se considera que o fantástico surgiu, também estava

em evidências uma profunda experiência teatral. Como esse formato de narrativa possui uma característica que Ceserani (2006) chama de “efeito de ilusão”, muito do estilo acabou sendo aproveitado no fantástico. As técnicas teatrais ajudam a produzir no leitor um conjunto de emoções que o levam mais para dentro da história.

9) *A figuratividade*: ligada à teatralidade, esse item nada mais é do que o uso de recursos que potencializam as reações do leitor porque auxiliam na criação de imagens mentais.

10) *O detalhe*: também é característico do fantástico, especialmente nos contos e novelas. Se escolhe uma pequena parte da história e dá-se a ela um destaque dentro na narrativa. Essa característica, posteriormente, também passou a ser muito utilizada no romance policial e na literatura moderna.

É preciso destacar que esses itens não precisam estar todos dentro da narrativa. Possivelmente haverá até mesmo histórias que se enquadram dentro do gênero fantástico por sua ambiguidade ou em função de algum elemento presente na história, mas que não possuem na construção de suas narrativas nenhum desses elementos de uma forma explícita.

Além das estratégias narrativas, alguns autores como Rodrigues (1988), também fizeram tentativas de apresentar sistemas temáticos recorrentes na literatura fantástica. No caso de Rodrigues, foram apresentados quatro grupos de temas: *o pacto diabólico: sobrenatural x natural*; *transpondo fronteiras: real/irreal*; *o inanimado animado*; e *eu e o outro: o duplo*. Porém, os estudos de Ceserani (2006) são, além de mais recentes, também mais completos, e por isso esses serão levados em consideração para a presente pesquisa. Ele esquematizou oito temáticas recorrentes.

1) *A noite, a escuridão, o mundo obscuro e as almas do outro mundo*: são as histórias que remetem ao mundo noturno, ao submundo e ao sobrenatural

2) *A vida dos mortos*: como o nome já diz, o fantástico fala muito daqueles que já se foram, inclusive pelo viés de seu retorno a vida. Fala também de bruxas e espíritos.

3) *O indivíduo, sujeito forte da modernidade*: quando a personagem tem como jornada o cumprimento de uma missão ou programa de vida, servindo de exemplo e herói. A personagem possui o que Ceserani (2006) chama de programa de autoafirmação. Esse é tema característico da Modernidade⁸.

⁸ Modernidade é um período da história do mundo. De acordo com estudiosos, ele se consolidou com a Revolução Industrial e com o desenvolvimento do sistema econômico conhecido como Capitalismo e foi encerrado com a passagem para o período denominado pós-modernidade. Durante esse período, houve uma forte transição teórica que rompeu com o pensamento medieval – voltado para Deus – e estabeleceu um prevaletimento da razão, causando mudanças consideráveis também na filosofia, na cultura e nas organizações sociais ocidentais. (WIKIPÉDIA, 2017)

4) *A loucura*: o fenômeno patológico e social é comumente encontrado nas narrativas fantásticas, porém não com uma apresentação clichê do louco, ou seja, aquele com problemas mentais, e sim da loucura causada por uma mente que está em seu limite, prestes a se romper. O tema também está relacionado às personagens visionárias e conhecedoras do mundo sobrenatural.

5) *O duplo*: fala do homem e sua sombra, seu reflexo no espelho, da personalidade em crise e fragmentada.

6) *A aparição do estranho, do monstruoso, do irreconhecível*: remete àquelas histórias em que ocorre a aparição de uma pessoa estranha, muitas vezes estrangeira, com características e atitudes peculiares. Há também casos em que ocorre o contrário: um viajante chega em um local estranho com habitantes estranhos. Em muitos casos o leitor descobre que há algo mais por trás daquela personagem ou comunidade estranha. É a esses casos que se refere essa temática.

7) *O Eros e as frustrações do amor romântico*: quando o autor se utiliza da concepção de amor romântico, aquele idealizado ao máximo, e o transforma em uma aberração. Um exemplo que pode ser dado é o das histórias românticas entre vivos e mortos.

8) *O nada*: utilizasse do pessimismo para sugerir o niilismo, ou seja, uma não existência.

Apesar de todos esses estudos sobre o fantástico e das tentativas de defini-lo da forma mais completa possível, é difícil chegar a uma conclusão sobre essa forma de narrar histórias. É preciso levar em consideração, é claro, que ao longo dos anos pequenas mutações em todos os gêneros ocorrem e são naturais, conforme novas obras foram sendo produzidas, e que devido ao grande número de publicações anuais de todos os autores e editoras existentes pelo mundo, é praticamente impossível acompanhar em tempo real essa mutação. Pesquisá-los profunda e extensivamente, analisando cada uma das obras já lançadas é tarefa impossível que não cabe em uma única existência. Por isso também é natural que, mesmo que as pesquisas sobre o fantástico já possuam algumas décadas, muitas lacunas ainda precisem ser preenchidas e não haja uma definição única e precisa sobre essa forma de narrativa.

No entanto, algumas considerações podem ser feitas. Tendo como base todas características associadas ao fantástico e as estratégias narrativas já apresentados como frequentemente encontrados na literatura fantástica é fácil perceber que a mesma é um dos modos literários mais ligados ao inconsciente. E a maior parte dos autores que pesquisaram sobre o assunto concordam. Essa tendência de estar ligado às profundezas da mente humana, vem desde a formação das histórias mitológicas, nos primórdios do homem.

Além disso, diversas temáticas encontradas com certa frequência dentro das histórias

fantásticas são tidas como ligadas ao inconsciente. Esse é o caso, por exemplo, de a “noite e a escuridão”. Jung considera que as histórias sobre a noite são sempre uma representação do inconsciente, aquilo que está oculto, enquanto as histórias sobre o dia representam a racionalidade. A contraposição, entre o claro e o escuro são muito comuns na narrativa fantástica, assim como a ambiguidade entre racional e sobrenatural.

Jung, durante seus estudos - como veremos mais cuidadosamente no capítulo a seguir - fez questão de apontar inclusive, que muitas das histórias criadas pelo homem - desde a criação de lendas e mitos na antiguidade clássica até as formas de narrativa mais modernas, entre elas o fantástico – se repetem em diversas localidades do mundo, não porque tenham sido copiadas – em tempos remotos essa possibilidade praticamente inexistia porque a comunicação entre povos distantes da Terra era praticamente nula – mas porque são uma forma de ver o mundo que independe da cultura, porque são componentes de uma parte da mente que ele denominou de “inconsciente coletivo”, que estaria intrincado em cada homem, onde quer que ele viva, e que muitas vezes é revelado através dos sonhos.

Essa seria a explicação, inclusive, para o fato apontado por Severo (2014) de que há contos criados em diferentes épocas, por povos tão distintos como os chineses, japoneses, indianos, romanos, gregos, persas, egípcios, maias e nórdicos, que possuem características em comum e até mesmo tendam a se parecer.

Ceserani (2006) também apontou essa característica psicológica do fantástico em sua pesquisa. Ao trazer citações como a do crítico francês Jean Bellemin-Noël, que apresenta o fantástico como “o fantasma psíquico” (CESERANI, 2006, p. 61), ele demonstra que para ele, o fantástico pode ser, sim, uma forma de linguagem do inconsciente. Por isso, partimos agora para uma compreensão mais ampla desse inconsciente e de como ele pode estar representado na arte dos homens, entre elas a literatura.

3 OS ARQUÉTIPOS E O INCONSCIENTE COLETIVO

No capítulo anterior, buscamos compreender o que são narrativas, sua estrutura, a importância da figura da personagem e as diversas formas em que as narrativas se apresentam. Dando sequência a esse estudo, que tem por objetivo compreender o papel dos arquétipos na narrativa Harry Potter, buscaremos compreender o que são os arquétipos, e como os arquétipos estão presentes nas narrativas literárias e em seus personagens, a começar pela série literária Harry Potter de J. K. Rowling.

Do grego *arché*⁹, que significa principal ou princípio e *tipós*¹⁰, que é impressão ou marca, o termo arquétipo foi usado pela primeira vez por filósofos neoplatônicos com o objetivo de indicar algumas ideias modelos, ideias que serviam de base para todas as coisas existentes. Séculos mais tarde, também o filósofo cristão Agostinho não chega a adotar o termo, mas utiliza-se da ideia de uma inteligência, que ele naturalmente considera de origem divina, e que é a base de todas as coisas.

Posteriormente, já no século 20, Carl Gustav Jung, um psiquiatra suíço, passou a utilizar a expressão em seus estudos sobre o inconsciente coletivo. Esse conjunto de pesquisas serviu de base para a estruturação daquela que hoje é chamada de psicologia analítica¹¹. Jung determinou que os arquétipos são imagens primitivas que vêm sendo inseridas no inconsciente coletivo da humanidade desde os primórdios da civilização. São conhecimentos adquiridos e fixados em uma memória inconsciente coletiva. (JUNG, 2014)

Foi a partir deles que o termo arquétipo se tornou mais conhecido e aos poucos passou a integrar pesquisas de diversas áreas. Atualmente, o conceito não é mais um objeto apenas da psicologia, mas de áreas acadêmicas como a Filosofia e também a Narratologia. É justamente nesse último campo que se enquadra a presente pesquisa. Registra-se aqui também que é a obra de Jung que servirá de base para a pesquisa que se pretende desenvolver, por isso é importante compreendê-la um pouco mais.

3.1 O que são os arquétipos

⁹ Informação retirada do site <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/arquetipo/>.

¹⁰ Idem nota de rodapé 7

¹¹ Psicologia analítica é um campo da psicologia, fundado por Jung, que leva em consideração a existência de um consciente, e também de dois inconscientes, o individual e o coletivo, dentro da psique de cada homem. Sua prática clínica, diferentemente da psicanálise de Freud, leva em consideração os sonhos e símbolos dos homens e até mesmo acredita que eles sejam o caminho de acesso ao inconsciente, o meio pelo qual o inconsciente se manifesta (ASSOCIAÇÃO JUNGUIANA DO BRASIL, 2016).

O conceito de arquétipo, do jeito que conhecemos hoje, surgiu em meados dos anos 1900, com o suíço Carl Gustav Jung. Mas, para compreendermos melhor o seu significado como o pesquisador trouxe ao mundo, é fundamental que primeiro se entenda o conceito de inconsciente coletivo. Correspondente, amigo e parceiro de pesquisa do médico neurologista Sigmund Freud durante parte de sua vida, ambos alcançaram grandes avanços dentro dos estudos da consciência e inconsciência dos homens, Jung foi, no entanto, mais longe que o amigo na compreensão do inconsciente.

A existência do inconsciente não foi uma descoberta de Freud, nem de Jung. Anteriormente, como o próprio Jung (2014) aponta, esse termo já havia sido utilizado dentro de um viés filosófico e sociológico por estudiosos como Carl Gustav Carus¹² e Émile Durkheim¹³. Foi Freud, no entanto, que aprofundou os estudos sobre o termo dentro da psicologia médica. Freud definiu o inconsciente como uma espécie de repositório de memórias não mais utilizadas, de “conteúdos esquecidos” (JUNG, 2014, p. 11), sendo única e exclusivamente de natureza pessoal.

Jung, porém, através de observações feitas principalmente durante o acompanhamento de pacientes, começou a criar uma nova teoria a respeito do inconsciente. Sua principal fonte de inquietação e motivação para realizar essa pesquisa foi a existência dos sonhos e a necessidade de entendê-los, bem como a busca pela compreensão de algumas ideias e simbolismos que pareciam se repetir em locais diferentes do mundo, em diferentes culturas e em diversos momentos da história da humanidade. Isso desde os tempos mais remotos, quando o homem registrava seu cotidiano através de pinturas nas cavernas, até os seus dias, onde essas repetições podiam ser encontradas nas formas de expressão das pessoas, mas principalmente através das artes e dentro delas, da literatura, que foi outra das grandes fontes de pesquisa e análise de Jung.

Um exemplo dessas ideias e simbolismos que Jung encontrou em diversas culturas é a da criação do homem a partir do barro. Encontrada no livro do Gênesis da Bíblia cristã, e também comum às religiões judaica e muçulmana, o mesmo mito, ou algo bem semelhante a ele, é encontrado nas culturas grega, asiática e até mesmo de algumas tribos indígenas americanas como os *Winnegabos*, que viviam no nordeste dos Estados Unidos. Partindo do pressuposto de que antes do descobrimento das américas esses índios nem mesmo tinham contato com os povos

¹² Carl Gustav Carus foi um médico alemão nascido em 3 de janeiro de 1789 e morto em 28 de julho de 1869. Atuou como médico, naturalista, cientista, psicólogo e como pintor de paisagens. Na área da psicologia, há pelo menos dez obras escritas de sua autoria. (WIKIPÉDIA, 2016b)

¹³ Émile Durkheim (15 de abril de 1858 — Paris, 15 de novembro de 1917) foi um sociólogo, psicólogo social e filósofo francês, um dos fundadores da Sociologia como disciplina acadêmica. Criou o termo “representações coletivas” que pode ser considerado uma analogia ao termo “arquétipos”. (WIKIPÉDIA, 2016c)

européus e orientais, essa é uma clara constatação de que os mitos são compartilhados pelas mais diversas culturas. Mas por quê? E como isso acontece?

A partir de longas teorizações, Jung apontou então que, além da consciência inerente a todos os seres humanos, todos os homens possuem também um inconsciente que por sua vez é dividido em duas partes: uma individual, mais superficial, que registra questões do indivíduo apenas, e – sua grande contribuição para com a psicologia analítica - uma parte coletiva, mais profunda, e que tem sua origem em experiências e aquisições coletivas, e que ele chamou de inconsciente coletivo. Esse inconsciente coletivo seria como o ar: ele está em todos os lugares e é respirado por todos, porém não pertence a ninguém.

O conteúdo desse inconsciente coletivo é universal, segundo Jung (2014). Ou, em suas próprias palavras, “[...] são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo” (JUNG, 2014, p. 12). Enquanto o conteúdo do inconsciente pessoal, de fato se constitui de ideias esquecidas pelo consciente ou “conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos” (JUNG, 2014, p. 12), o conteúdo do inconsciente coletivo é o que Jung chamou de arquétipos.

Chegamos então à concepção que buscávamos: e os arquétipos foram definidos por Jung como “tipos arcaicos – ou melhor - primordiais” (JUNG, 2014, p. 13), registros universais que existem desde os tempos mais remotos, “figuras simbólicas da cosmovisão primitiva” (JUNG, 2014, p. 13). Eles se formam da incessante renovação das vivências experimentadas ao longo de várias gerações e podem ser encontrados em diversos aspectos da vida humana e estão no inconsciente sem que precisem ser transmitidos de uma pessoa para outra. São como uma herança psicológica que cada indivíduo traz e já possui ao nascer.

Alguns autores, a partir da leitura e da interpretação de Jung, fizeram uma tentativa de simplificar o conceito de arquétipos e torná-lo mais facilmente compreensível. Esse é o caso de Beuttenmuller (2014). A definição que ele formulou dentro da tese de seu doutorado, a partir de suas próprias considerações a respeito do conceito foi a seguinte:

Arquétipos são elementos, motivos universais que estão presentes na mente de todos os homens, mesmo que eles não saibam. O arquétipo tem origem no inconsciente e por isso muitas vezes não são reconhecidos como tal por quem o produz, uma vez que não temos controle sobre o inconsciente. Eles são modelos básicos, mas que, como diz Jung, podem sofrer algumas modificações dentro do enredo em que aparecem. Contudo isso ocorre sem que a formatação primária seja alterada, ou seja, podem ocorrer leves variações do tema subjacente a ele, mas a mensagem fundamental que o arquétipo original encerra vai ser mantida. (BEUTTENMULLER, 2014, p. 18)

Ele cita como exemplo o caso do termo *irmãos inimigos*. Há várias histórias que possuem como base esse motivo, como a da Caim e Abel ou a do Rei Arthur e sua meia-irmã Morgana, por exemplo. Dentro dessas histórias há uma centena de variações, porém o motivo permanece sendo o mesmo (BEUTTENMULLER, 2014), ou seja, quando se pensa em *irmãos inimigos*, praticamente todas as pessoas no planeta terão uma ideia ao menos semelhante a respeito do que isso quer dizer.

O mesmo acontece com o termo *herói*. Como veremos mais adiante esse é um dos arquétipos mais recorrentes na literatura, especialmente na fantástica, incluindo nesse rol a obra Harry Potter. E até mesmo por isso, é possível encontrar uma infinidade de personagens heroicos diferentes, desde os mais tradicionais como são, por exemplo, os três mosqueteiros da história de mesmo nome, até os heróis mais estranhos aos olhos e que numa primeira olhada, nada parecem ter de heróis, como é o caso da personagem *Frodo Bolseiro* de *O Senhor dos Anéis* (2003). O fato é que, apesar dessas variações, ao pensarmos no termo herói, de uma maneira geral é a mesma imagem que nos vêm na cabeça. É no mesmo conjunto de comportamentos que a maior parte das pessoas pensa.

Isso acontece porque ao longo dos séculos se criou uma imagem coletiva do herói. Geração após geração foi depositando informações a respeito desse termo e de suas características no inconsciente coletivo, sem nem mesmo saber. Hoje, nós nem precisamos que alguém nos diga: “esse personagem é um herói”. Ao assistir um filme, ler um livro, ou nos depararmos com determinadas situações, automaticamente sabemos que aquele personagem ou aquela pessoa agiu de forma heroica.

Outra definição bastante simplificada deu o professor e psicoterapeuta junguiano Ascânio Jatobá durante entrevista concedida no dia 27 de agosto de 2012 ao Canal do Youtube da Rádio Jovem Pan, o Jovem Pan Online. Segundo ele uma das formas mais fáceis de se compreender o que são os arquétipos, é pensar que em cada fase da vida vivemos um grande arquétipo na forma de um pacote de comportamentos. As crianças, por exemplo, brincam, e esse é o arquétipo da infância. Os adolescentes costumam passar por uma fase de rebeldia, e esse é o arquétipo da adolescência. Já os adultos passam pela fase da busca pelo par, pela satisfação sexual, de forma que, por causa desse desejo podem se ver envolvidos por variados arquétipos, como o do casamento, da separação (em alguns casos), da mãe, do pai (JATOBÁ, 2012). Ele explica, ainda, que essas fases da vida são consideradas arquetípicas, porque afloram um conjunto de comportamentos muito semelhantes em todos os seres humanos, e que esses comportamentos resultam em experiências muito semelhantes, mesmo que em pessoas de

culturas diferentes.

Ainda de acordo com Jung (2014), os arquétipos manifestam-se principalmente por meio de símbolos. Não entraremos nos pormenores dessa manifestação, mas cabe aqui ressaltar que, de acordo com o próprio Jung (2014) eles são a melhor expressão possível para aquilo que nos é desconhecido – por esse motivo as religiões, por exemplo, de uma forma geral são muito ricas de elementos e objetos simbólicos. Em sua obra *O homem e seus símbolos* (2008) ele nos esclarece que “o que chamamos de símbolo é um terreno, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós”. (JUNG, 2008, p. 18)

Isso significa que, para compreender o arquétipo que está emergindo do inconsciente, é necessário compreender também o que está por trás daquele símbolo. Em Jung (2014), encontramos o exemplo das cartas de *tarot* que contêm imagens simbólicas que representam claramente arquétipos, como o do Louco, do Mago, do Imperador, do Eremita, da Morte.

Também podemos citar como um exemplo dentro de Harry Potter o símbolo do cervo. Em Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban (2000), ou seja, no terceiro livro da série, o jovem bruxo aprende a executar uma fórmula mágica de grande poder denominada *Expecto Patronum* (que poderia ser traduzida como o espectro de um protetor ou defensor) que, se realizada corretamente dá origem a um ser de luz (o *Patrono*, o advogado ou defensor), que protege o mago que está realizando aquele feitiço de forças malignas como os Dementadores - seres que tiveram sua alma sugada, criados por Rowling inspirados em uma depressão pela qual a autora passou, que sugam toda a felicidade do ambiente em que estão até transformarem os seres humanos em seres igualmente “dementes” e sombrios como eles.

Cada bruxo possui o seu próprio Patrono, ou seja, da varinha de cada mago sai um ser de luz único e característico, normalmente na forma de um animal. No caso de Harry Potter, o Patrono é um cervo – ou cervídeo, família de animais ruminantes, à qual pertencem o veado, a corça, o alce, o gamo e o caribu. E o que há por trás desse animal? De acordo com o Dicionário dos Símbolos, o cervo “é muitas vezes comparado à árvore da vida, por causa de sua alta galhada, que se renova periodicamente. Simboliza a fecundidade, os ritmos de crescimento, os renascimentos” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 223), além disso, “o cervo também é o anunciador da luz – guia dos homens para a claridade do dia” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 224).



Figura 1: Representação do cervo, ser de luz e Patrono de Harry Potter. Fonte: harrypotter.com (Warner Bros)

Percebe-se que a escolha da autora pelo cervo como “Patrono” da personagem pode não ter sido ao acaso. Porém, também não há registro de que ela o tenha feito conscientemente. Sabe-se que, grande parte da história do jovem bruxo surgiu durante uma viagem de trem, como veremos no capítulo a seguir, e que foi resultado de um conjunto de ideias que veio à tona graças a uma concentração intencional e profunda da escritora que, apesar de não ter um papel e uma caneta a mão para fazer anotações a respeito da história que lhe vinha à cabeça, não a quis esquecer.

Além disso, Frye (2000) também apontou que muitos dos símbolos e referências a arquétipos que encontramos nas histórias não são conscientes ou intencionais, mas vêm à tona porque algum mecanismo (pode ser um cheiro, um som, um sentimento) resgata no inconsciente uma memória que há muito havia sido esquecida ou um conhecimento arquetípico que o escritor nem sabia ter. O pesquisador acredita, inclusive, que muitas vezes esse pensamento vem à tona e a pessoa – o escritor – crê que seja uma ideia autoral, porém, na verdade, só está reproduzindo um conhecimento que é antigo, uma ideia primordial. Cabe ressaltar que Rowling é britânica, e que as culturas antigas das ilhas britânicas costumavam reverenciar o gamo como um animal ligado a fertilidade, ao ciclo da vida e ao renascimento. Os mitos relacionados a esse animal podem ter, perfeitamente, permanecido no inconsciente da

escritora.

Aliás, outra forma bem conhecida de expressão dos arquétipos é encontrada nos mitos, na mitologia. Jung (2014) chega a defini-los como sendo “antes de mais nada manifestações da essência da alma”. Isso vem dos primórdios da civilização e da necessidade de explicar os acontecimentos naturais. Eles o faziam através de narrativas que eram contadas geração após geração. Aliás, o termo grego *mythos* significa justamente isso: narrativa, fábula.

Mais de um autor já buscou compreender essa relação dos mitos com os arquétipos. Uma boa explicação foi dada pelo já citado Beuttenmuller (2014). Ele esclarece que o mito

não é apenas uma simples história, mas tem um significado mais profundo, não podendo ser compreendida em seu sentido literal, mas sim com forte carga simbólica, que revela elementos do inconsciente. Eles representam experiências vividas repetidamente durante milênios, condensando vivências típicas pelas quais passaram (e ainda passam) os seres humanos. (BEUTTENMULLER, 2014, p. 17)

Essa ideia é complementada por Willrich (2016), quando este afirma que “[...] a partir da relação do homem com o mundo ao seu redor, nasce a necessidade de representar, por meio da narrativa, sua realidade. Mas o que conhecemos atualmente por narrativa, nasce, anteriormente, a partir da transformação dos símbolos e dos mitos” (WILLRICH, 2016, p.2).

Outra boa explicação é a formulada por Chevalier e Gheerbrant (2015). Eles apontam que os mitos nada mais são do que “transposições dramatúrgicas” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 19) dos arquétipos. “O mito aparecerá como um teatro simbólico de lutas interiores e exteriores a que o homem se entrega no caminho de sua evolução” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 19). Um bom exemplo disso é a mitologia grega. Para cada um dos grandes arquétipos da humanidade há um deus que o representa. Zeus, por exemplo, é a grande representação do arquétipo do governante; Atena (deusa da sabedoria, da guerra e da justiça) é a representação do arquétipo do sábio; Dionísio (deus do vinho, das festas e do prazer) a representação do Bobo da Corte; Apolo o arquétipo do artista.

Diante disso, é preciso dizer que os mitos são compostos basicamente por arquétipos, ou são, pelo menos, as representações mais puras de arquétipos que podemos encontrar. Além disso, os mitos fazem parte de um ciclo de aprendizagem e absorção dos arquétipos. Se por um lado eles são formados por essas ideias primordiais, por outro é através deles que absorvemos esses arquétipos e os armazenamos no nosso próprio inconsciente.

É como Motta (2013) apontou durante suas pesquisas a respeito da narratologia:

Os ouvintes de uma narrativa não captam apenas as sequências dos acontecimentos representados na trama ou enredo. Captam também aspectos ocultos ou virtuais das personagens e das ações que requerem novos pensamentos de parte de cada um, requerem uma recriação virtual das situações e comportamentos, da moral e da ética pressupostos ou sugeridos pelas estórias (a fábula, o mito, a ideologia, as metanarrativas, enfim). Referências e significação guardam, assim, uma relação de contiguidade. (MOTTA, 2013, p. 73)

Ou seja, os ouvintes ou leitores de uma narrativa, não absorvem as informações apenas de forma consciente. Eles também captam coisas sem que eles saibam que estão captando, isso acontece porque o inconsciente age o tempo inteiro, mesmo que as pessoas não percebam isso, isso se dá por que há uma assimilação direta do conteúdo das histórias com o conteúdo arquetípico que já temos no nosso inconsciente.

É dessa forma também que vão se formando as imagens arquetípicas que estão no inconsciente coletivo. Novas imagens ou aprimoramento delas. Foi através dessa assimilação, século após século, e milênio após milênio que os arquétipos se formaram. É parte de um ciclo interminável de absorção, internalização e externalização posterior.

3.2 Arquétipos para além de Jung

É preciso considerar, no entanto, que apesar de Jung ter sido o grande estudioso do conceito arquétipo, posterior a ele, diversos outros cientistas da Psicologia, da Filosofia, da Narratologia e até mesmo da Comunicação Social também fizeram suas contribuições a respeito do assunto. Entre eles estão Frye (1973; 2000), Campbell (2000), Durand (1997), Chevalier e Gheerbrant (2015), Meletinski (1998), Leite (1987), Mark e Pearson (2001) e o próprio Beuttenmuller (2014) já citado. Assim como Beuttenmuller (2014), muitos autores apenas tentaram trazer mais luz sobre o conceito arquétipo em seus trabalhos. Esse é o caso de Leite (1987), que a partir da compreensão de Jung, definiu os arquétipos como um “depósito da experiência ancestral” (Leite, 1987, p. 32); e também de Chevalier e Gheerbrant (2015), que apontaram, também tendo como base Jung, que os arquétipos “manifestam-se como estruturas psíquicas quase universais, inatas ou herdadas, como uma espécie de consciência coletiva” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 19).

Alguns autores, porém, mesmo que baseados em Jung, buscaram ampliar os conhecimentos existentes em relação aos arquétipos. Dentro do âmbito da Comunicação Social, mais especificamente da Publicidade e Propaganda, Mark e Pearson (2001), por exemplo, falam da construção de marcas utilizando o poder dos arquétipos. Para montar a espécie de manual

do publicitário que eles construíram, precisaram tecer reflexões a respeito do termo anteriormente estudado por Jung. Eles citam como exemplos de situações arquetípicas, até mesmo casos amplamente divulgados na mídia, como o da princesa Diana Spencer, que segundo os autores está ligado ao arquétipo da princesa-amante.

O poder de sua história talvez nos faça lembrar do apelo magnético da Fábula de Cinderela – a moça bela, porém vulnerável, que se casa com o príncipe, mas é obrigada a viver sob o olhar vigilante da sogra repressora. Mesmo depois do divórcio, a história de Diana evoluiu no padrão Romeu-e-Julietta: ela desafia as convenções sociais por seu amor e encontra a morte prematura. O caso da princesa Diana também mostra como as pessoas acham irresistível a evolução de uma história arquetípica (MARK; PERSON, 2001, p. 16).

Os mesmos autores também fazem referência aos arquétipos que estão presentes em nossa vida cotidiana, e que talvez até mesmo por serem algo culturalmente inserido em nossas vidas, nem percebemos. Um desses exemplos é o hábito de comer peru no Natal ou no Dia de Ação de Graças. Mark e Person (2001) lembram que ter ou não um peru como alimento nesse dia determina a sensação do feriado. “Em um nível mais profundo, o peru enquanto símbolo cultural é uma das muitas expressões do arquétipo da cornucópia, ou chifre da abundância, que aparece nas celebrações de colheitas do mundo todo” (MARK; PERSON, 2001, p. 34-35). Ou seja, ter o peru é sinal de abundância, fartura e por isso é motivo de alegria, de festa. Não ter o peru representa a falta dessa mesma abundância, a colheita pouco produtiva, as dificuldades financeiras.

Por fim, no desenvolver da pesquisa, os autores ainda apresentam uma série de 12 principais arquétipos ligados à personalidade. Eles são os seguintes:

Tabela 2: Principais arquétipos, segundo Mark e Person (2001)

Característica	Arquétipo	Função
Dão estrutura ao mundo	Criador	Criar algo novo
	Prestativo	Ajudar os outros
	Governante	Exercer o controle
Nenhum homem é uma ilha	Bobo da Corte	Se divertirem
	Cara Comum	Estar bem como são
	Amante	Encontrar e dar amor
Deixam sua marca no mundo	Herói	Agir corajosamente
	Fora-da-lei	Quebrar as regras
	Mago	Influir na transformação

Anseiam pelo paraíso	Inocente	Manter ou renovar a fé
	Explorador	Manter a independência
	Sábio	Compreender o mundo

O **Herói**, para Mark e Pearson (2001), é aquele que diante de um desafio, de uma injustiça ou de uma crise, fica ainda mais forte e corajoso e se coloca a frente dos demais para lutar. Além de melhorar o mundo, ele busca se provar, superar seus limites. Esse é um arquétipo facilmente associado ao personagem Harry, de Harry Potter. O **Fora-da-Lei** também pode ser chamado de Revolucionário. Ele normalmente tem valores discordantes do grosso da sociedade e pode até mesmo quebrar as regras existentes para fazer valer seu pensamento. Esse mesmo pensamento, muitas vezes, acaba trazendo àqueles que estão a sua volta uma percepção mais aguda da realidade e uma vontade de mudança.

O **Mago** representa a mudança. “O aspecto mais básico do Mago é o desejo de procurar as leis fundamentais que governam o funcionamento das coisas e aplicar esses princípios para que as coisas aconteçam” (MARK; PEARSON, 2001, p. 147). De uma forma geral ele tem como principal meta a realização dos sonhos. O **Bobo da Corte** é aquele que representa a diversão. Esse arquétipo é encontrado em personagens espontâneos, de espírito brincalhão e até mesmo impulsivos. Normalmente são admirados por terem essas características. Em Harry Potter, os personagens Fred e Jorge se enquadrariam nesse arquétipo.

O **Cara Comum**, é aquele que se veste de forma simples, que fala de um modo correto e que busca mostrar sua igualdade com as demais pessoas, geralmente buscando o pertencimento a determinado grupo. O diretor de Hogwarts em Harry Potter, Alvo Dumbledore, poderia se encaixar nessas características, especialmente por causa do trecho em que ele diz à Harry Potter que ele só queria ganhar um par de meias no Natal, porque as pessoas só dão livros para ele. O **Amante**, por sua vez, é aquele que busca uma relação mais profunda com as pessoas a sua volta. “O arquétipo do Amante governa todos os tipos de amor humano, desde o amor parental e a amizade até o amor espiritual, mas é de maior importância para o amor romântico” (MARK; PEARSON, 2001, p. 186).

O **Criador** como o nome já diz, representa todos aqueles que tem a necessidade de criar e inovar. De uma forma geral são personagens criativos e em muitos casos também são representados por artistas. O **Prestativo** “é um altruísta, movido pela compaixão, pela generosidade e pelo desejo de ajudar os outros” (MARK; PEARSON, 2001, p. 217).

O **Governante** é o líder. Geralmente é aquele que está em uma situação de poder em relação aos demais e que comanda uma determinada situação. Em geral são apresentados como

pessoas responsáveis. O **Inocente** é aquele sempre positivo e esperançoso, são comumente puros e bondosos, vivem em busca de uma terra perfeita onde uma rotina tranquila, agradável e onde as pessoas sejam livres para viver de acordo com seus princípios seja a norma.

O **Explorador**, é aquele que gosta da liberdade acima de tudo e que está sempre pronto para explorar o mundo em busca de uma vida melhor. Essa jornada, no entanto, é tanto externa quanto interna. O **Sábio**, é aquele que busca aprender sempre mais. Eles costumam ser lógicos e racionais. Buscam a verdade sobre as coisas e usam a inteligência para compreender o mundo. Esse é, sem dúvida, o arquétipo da personagem Hermione de Harry Potter.

Segundo Mark e Pearson (2001), esses 12 arquétipos podem representar marcas e produtos, mas também personagens, e por isso, o que vimos até agora nos mostra que as narrativas, e dentro delas a literatura, têm um papel bastante fundamental para a expressão e externalização dos arquétipos. Os dois assuntos são quase indissociáveis, e por isso, consideramos importante trazer alguns conceitos exclusivamente referentes aos arquétipos dentro da narratologia e da literatura.

O próprio Jung teorizou sobre os arquétipos e a narratologia e suas considerações, conforme aponta Leite (1987), por apresentarem um grande número de conceitos foram consideradas mais adequadas do que as de Freud, por exemplo, para dar conta das variedades das obras de artes, entre elas a literatura.

Jung constatou, desde o início de seus estudos que, por serem uma forma de expressar o drama interno e inconsciente da alma, as expressões artísticas são uma das formas de exteriorização dos arquétipos. Especialmente as narrativas e dentro delas os mitos e conto de fadas. E sendo os arquétipos um conteúdo do inconsciente coletivo, que está presente em todas as pessoas, isso explica também porque lendas e mitos de países tão diferentes como Índia, China, Rússia, Alemanha, Brasil, Inglaterra, África do Sul, entre outros, possuem elementos tão parecidos em suas narrativas. As histórias podem ser diferentes, mas a essências delas, em geral, é muito parecida (CAMPBELL, 2000).

Ainda de acordo com Jung, nas narrativas, os arquétipos podem ser encontrados através de símbolos e também no conjunto de ações que ajudam a construir a personagem fazendo com que o leitor tenha determinadas percepções sobre a personalidade daquela personagem. É o que diz também Christopher Vogler (1998). Para ele, considerando a própria definição de Jung, os arquétipos são como máscaras que as personagens utilizam durante as histórias e que personificam qualidades e personalidades dos homens.

Outro dos grandes estudiosos dos arquétipos nesse campo foi Joseph Campbell, um dos seguidores de Jung. Ele, porém, buscou estudar e compreender mais especificamente o

arquétipo do herói. Seus estudos, que unem mitologia e psicologia, resultaram na obra *O herói de mil faces* (2000), onde o autor apresenta a ideia do arquétipo do herói e os caminhos percorridos por todas as personagens de narrativas que se enquadram dentro desse modelo primordial, trazendo uma ideia de jornada cíclica dentro dos mitos.

Na obra, Campbell esclarece que o monomito – que é como ele chama a trajetória feita pelo herói durante sua jornada – se divide entre três partes, sendo elas a partida, a iniciação e o retorno, e que a jornada do herói, por sua vez, se desenvolve em 12 estágios: Mundo Comum, O Chamado da Aventura, Recusa do Chamado, Encontro com o Mentor, Cruzamento do Primeiro Portal, Provações, Aliado e Inimigos, Aproximação, Provação Difícil, Recompensa, O Caminho de Volta, Ressurreição do Herói e o Regresso com o Elixir.

Essa jornada foi resumida por Severo (2014) da seguinte forma:

A primeira sendo a partida, que leva o herói a deixar seu lugar comum, saindo de um lugar confortável e conhecido, após um chamado para a aventura. Em seguida temos a recusa do chamado, quando a dúvida perpassa sua mente, mas com o auxílio sobrenatural, uma ajuda inesperada ele consegue atravessar o primeiro limiar, ou em linguagem comum, dar o primeiro passo.

A segunda fase é a iniciação, onde o personagem realiza uma série de provas morais e testes de consciência, que funcionam como provações, autos sacrifício, onde seu valor como herói é testado e apenas quando seu valor é provado ele alcança seu objetivo. O ponto alto da narrativa, o ápice é chamado de apoteose, a exaltação máxima e glorificação do personagem na cena final, no entanto, não é o fim da narrativa.

A terceira fase implica o retorno ao lar depois de todos os acontecimentos. Primeiro ele vai recusar o retorno, vai necessitar ajuda para voltar ao lar, e vai cruzar novamente o limiar, mas dessa vez no caminho contrário. Após viver suas aventuras e voltar, o personagem é agora senhor de dois mundos, porque conheceu e vivenciou experiências além da fronteira, e agora pode usufruir se sua liberdade para viver. (SEVERO, 2014, p. 42-43)

Ainda de acordo com Campbell (2000), enredos com essas características são encontrados em todas as partes do mundo e personagens que se enquadram dentro desse roteiro estão em quase todas as narrativas que chegam até nós. Se analisados pelo viés psicológico, percebe-se que são facilmente aceitos pois eles estão intimamente relacionados com o inconsciente de cada um, e auxiliam os homens até mesmo a dar conta de suas próprias jornadas cotidianas onde também há desafios e obstáculos a serem vencidos.

Outro autor que não podemos deixar de citar é Meletinski (1998), que, por sua vez, se dedicou a estudar os arquétipos especificamente dentro da literatura. Ele traz, no entanto, uma definição um pouco diferente. Afirma que os arquétipos, no que se refere à literatura, formam uma espécie de banco de dados, “[...] elementos temáticos permanentes que acabam se constituindo em unidades como a de uma linguagem temática da literatura universal”

(MELETÍNSKI, 1998, p. 19). Ou seja, que as histórias novas nada mais são do que recriações, porque todas têm como base os arquétipos e uma memória coletiva milenar. De uma forma geral, essa não é uma visão muito diferente daquela que nos apresentou Jung, porém, Meletinski dá bastante ênfase para a questão dos elementos temáticos arquetípicos, de forma que, os arquétipos baseados em personalidades apresentados por Jung são considerados por ele mais como papéis a serem desempenhados do que como temas, como ele aponta que são os arquétipos dentro da literatura.

Seu argumento a respeito dessa tematização é o de que no que se refere à literatura, um arquétipo só pode ser inteiramente percebido em relação ao seu contexto. “Os motivos subconscientes estão igualmente ligados à ambiência social, enquanto a matricialidade temática, que permite a liberação dos arquétipos (como “tijolos” literários), configura-se gradativamente, através de uma narrativa mais amorfa” (MELETINSKI, 1998, p. 38). Daí a reflexão de que os arquétipos dentro da literatura são “elementos temáticos”.

Por um lado, concordamos com a afirmação de que é necessário analisar o contexto da obra para compreender o arquétipo. Por outro lado, não consideramos prudente descartar os arquétipos como foram apresentados por Jung, já que os personagens também são representações dos homens e esses possuem arquétipos, inclusive relacionados à suas personalidades, dentro do seu inconsciente.

Meletinski também divide os arquétipos em etapas dentro do tempo de mundo. Segundo o pesquisador, durante seus estudos ele concluiu que os arquétipos dos primeiros tempos, ou das primeiras obras literárias, são diferentes dos arquétipos mais recentes, ou seja, que eles sofreram uma mutação ao longo do tempo. Ele define que “nas primeiras etapas de desenvolvimento esses esquemas narrativos caracterizam-se por uma excepcional uniformidade” (MELTINSKI, 1998, p. 19) e que “nas etapas mais tardias eles são bastante variados” (MELTINSKI, 1998, p. 19), mas que, mesmo assim, não deixam de ser apenas variações daqueles elementos originais.

O mesmo autor ainda conclui que na maior parte das obras analisadas durante sua pesquisa há uma tendência para a centralização da ação do herói, e que a figura desse herói, de forma geral, se apresenta como um indivíduo que luta por aquilo que o autor chama de “*socium* humano” ou a família, o clã, a tribo, a religião, além da prosperidade desse *socium*. (MELTINSKI, 1998)

De uma forma geral, no entanto, os arquétipos podem ser vistos como esquemas mentais presentes nos recônditos da mente humana, uma série de impressões inconscientes compartilhadas por todas as pessoas, porque estão numa espécie de memória coletiva

inconsciente, numa alma coletiva mundial que foi chamada por Jung de inconsciente coletivo.

Essas imagens estão ali porque se repetiram ao longo das gerações. Os nossos ancestrais, ao longo dos séculos, foram observando situações muito parecidas, que se deram de uma maneira muito semelhante, por meio de um conjunto de comportamentos ou ações muito semelhantes – mesmo que sofrendo aqui e ali pequenas alterações em suas características, mas sempre possuindo em sua essência semelhanças. Muitas delas passaram sem qualquer tipo de reconhecimento pelo consciente, mas ficaram registradas no inconsciente por meio de impressões.

Diante disso, é difícil apresentar uma listagem definitiva de arquétipos. Como o próprio Jung apontou, “há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica” (JUNG, 2014, p. 57). Ou seja, existe uma infinidade de arquétipos possíveis de se encontrar para quaisquer lugares que olharmos, em quaisquer leituras que fizermos, ou filmes que assistirmos. Há uma imensa gama de arquétipos constituindo as personalidades de pessoas, personagens, situações típicas da realidade e da ficção.

Para a realização da presente pesquisa também é preciso levar em consideração que a teoria de Jung foi criada em um tempo de mundo diferente do atual e diferente daquele que acontecia quando Harry Potter começou a tomar forma. Na época, por exemplo, os estudos a respeito do fantástico eram ainda bastante superficiais, e de lá pra cá, muitas produções científicas contribuíram para uma compreensão melhor do modo literário que por si próprio também sofreu uma evolução. É possível afirmar, inclusive, que se Jung vivesse nos dias de hoje, ele possivelmente nos traria uma definição diferente, mais evoluída. Na falta dele, no entanto, cabe aos novos pesquisadores essa tarefa.

Tendo justamente essa questão em mente e já de posse de um conhecimento um pouco maior do que são os arquétipos, buscaremos, em seguida, alcançar um dos nossos principais desafios, que é entender como essas imagens primordiais estão inseridas dentro de Harry Potter, mais especificamente em relação aos personagens Harry, Rony e Hermione. Mas para que essa reflexão seja feita da forma mais aprofundada possível é preciso conhecer antes o contexto da criação da obra, o autor e o conteúdo de cada um dos volumes. É o que faremos no capítulo a seguir.

4 O MUNDO DE ROWLING

A compreensão de uma obra passa, fundamentalmente, pela compreensão de quem é seu autor e de como se deu a escrita desse trabalho. Por isso, consideramos de substancial importância iniciar a presente pesquisa falando de Joanne Rowling e sua criação, a série Harry Potter. Nascida em julho de 1965, na Inglaterra, Joanne passou a infância e boa parte da juventude no pequeno município de Chepstow, no condado de Gwent, no País de Gales. Seus estudos se deram na escola Wydean Comprehensive.

Depois de formada no Ensino Médio, Rowling foi para a Exeter University, no sudoeste da Inglaterra, onde estudou Francês e Línguas Clássicas. Em razão de seu curso, ela chegou a morar e estudar um ano em Paris. Concluída a graduação ela mudou-se novamente, dessa vez para Londres, onde, entre outros empregos, trabalhou como pesquisadora da Anistia Internacional. Foi nesse período, então ano de 1990, que a série Harry Potter surgiu na mente de Joanne. Mais precisamente durante uma viagem de trem entre Manchester e Londres, que atrasou.

De acordo com o relato da própria escritora em entrevistas concedidas ao longo da carreira, a ideia de escrever sobre um menino bruxo órfão lhe veio de repente, e em poucos minutos ela tinha um esboço do que poderia ser o enredo. Ao descer do trem ela conta que já sabia o nome da personagem, Harry Potter, e também o número de livros em que a história se desenvolveria, ou seja, sete. Porém, muito tempo se passaria até que Rowling pudesse publicar, finalmente, sua história.

Os cinco anos seguintes, entre um emprego e outro, foram dedicados a melhorias nos enredos dos livros. Dentro desse período, a mãe de Rowling faleceu e ela acabou se mudando para a cidade do Porto, em Portugal, onde deu aulas de inglês e onde se casou com o jornalista português, Jorge Arantes. Em 1993, Rowling teve sua primeira filha, Jessica. Quando a menina tinha quatro meses, no entanto, o casamento teve fim e Rowling, sozinha com o bebê, se viu obrigada a retornar ao Reino Unido. Dessa vez o destino foi Edimburgo, na Escócia, onde sua irmã vivia.

Com uma criança pequena, no entanto, Rowling teve dificuldades para conseguir um emprego. Contando então com a ajuda da irmã e de um auxílio desemprego concedido pelo governo britânico, ela passou a se dedicar integralmente a sua história e à filha. Às vezes dentro do pequeno apartamento onde vivia, às vezes em um café próximo, o *The Elephant House*, hoje um ponto turístico da cidade por causa da escritora.

Apesar das dificuldades, esse foi um dos períodos mais produtivos de Harry Potter, porque foi nele que a maior parte do enredo tomou forma. Para construir esse enredo, Rowling buscou principalmente no latim, na mitologia e nas lendas e folclore do Reino Unido a base da construção de sua história.

Em relação ao latim, recorrer a ele para a construção dos nomes é um recurso linguístico que reporta o leitor a um mundo impregnado de história, tradição, confiabilidade, e Rowling utilizou-se dessa artimanha para construir principalmente os nomes dos feitiços. Alguns desses feitiços, conforme aponta Carneiro (2014), são o *Accio* (mandar vir, chamar); o *Alohomora* conforme atestado por J. K. Rowling, esse é um termo derivado de um dialeto do Oeste Africano que significa “amigável aos ladrões”, o que corrobora o fato de que o feitiço é usado para invadir recintos. Mesmo assim, não podemos deixar de notar que “mora” que em latim significa “impedimento, obstáculo, estorvo” faz referência ao suposto obstáculo a ser superado pelo invasor; o *Aperecium*, termo derivado do latim *appareo* que significa “aparecer, ser visível, mostrar-se”; o *Confundo*, termo latino que significa “confundir” e o *Crucio*, termo latino que significa “atormentar, torturar”.

Além disso, também é possível notar a influência do latim em alguns nomes, como é o caso de Alvo (Albus) que significa “branco” ou ainda “sabedoria” em latim, o que faz todo o sentido quando se trata do diretor de Hogwarts, Alvo Dumbledore. Outro exemplo é Lupin, de “Lupus”, que significa, em latim, “lobo”. *Canis Lupus* é o nome científico de lobo. Ser descrito como “lupino” significa que “se assemelha a um lobo”. Em Harry Potter temos Remo Lupin, professor de Hogwarts no terceiro ano de Harry, velho amigo dos pais de Harry, e lobisomem nas noites de lua cheia.

Em relação às lendas e folclores do Reino Unido, podemos dizer que eles possuem um conjunto de seres muito recorrentes dentro da literatura fantástica como gnomos, fadas, elfos entre outros seres mágicos, incluindo entre eles bruxos, magos e feiticeiros, como o famoso Merlin das Lendas de Rei Arthur, e Rowling soube se utilizar muito bem dessa riqueza de seres em sua série.

Dentro da obra *Animais fantásticos e onde habitam* (2001) – volume que é utilizado por Harry Potter como livro didático da escola de magia - é possível encontrar descrições de diversos seres da mitologia irlandesa, escocesa e inglesa, como o Agoureiro, um pássaro inspirado na Fênix Irlandesa; os *Grindylow*, uma espécie de demônio aquático de lendas da Grã-Bretanha e Irlanda; o *Leprechaun*, um famoso duende irlandês que nas lendas do país produz uma substância que parece ouro, mas que desaparece depois de algum tempo; o Diabrete, ou *Pixie*, originário da lendas da região da Cornualha, na Inglaterra; os *Trolls*, ou

Trasgos, originários da Escandinávia, mas muito utilizados em lendas Britânicas; o Iéti, também conhecido como Abominável Homem das Neves, que aparenta-se com um trasgo e é comum em lendas tibetanas, entre outros.

Já em relação a mitologia greco-romana, também há uma série de referências. Os Centauros, por exemplo, que, de acordo com o Guimarães (1999) são “seres monstruosos e brutais, metade homem, metade cavalo, com quatro patas e dois braços” (GUIMARÃES, 1999, p. 102). Há também, os gigantes, descritos por Guimarães como “seres imensos, invencíveis e poderosos, de espessa cabeleira e barba hirsuta, o horrendo corpo terminado como serpente” (GUIMARÃES, 1999, p. 159). Pode ser citado também a Sibila. Segundo Guimarães (1999), “a primeira sibila foi uma moça, filha do troiano Dárdano e de Neso. Dotada do dom da profecia, tinha reputação de adivinha, e o seu nome generalizou a todas as profetisas” (GUIMARÃES, 1999, p. 276). Em Harry Potter, a professora da disciplina de adivinhação chama-se Sibila Trelawney e diz-se pertencente à linhagem da primeira Sibila.

Outra referência interessante é em relação ao nome Argus. Na série, esse é o nome do zelador de Hogwarts, Argos Filch. Na mitologia, é um monstro que tinha 100 olhos. Faz todo o sentido, pois os alunos de Hogwarts não gostam do zelador, justamente pelo fato de que ele parece ver tudo o que acontece na escola de magia. Há ainda uma referência a Alastor que em Grego Antigo, significa “vingador do crime”. O nome é usado para diversos personagens importantes para a mitologia grega, como em *Ilíada* de Homero, onde Alastor é um generoso combatente ao lado dos aqueus, na Guerra de Troia. Em Harry Potter, Alastor Moody é um auror do Ministério da Magia, ou seja, uma espécie de policial especializado em captura de bruxos das trevas.

Em relação às personagens principais, sabemos que Rowling também buscou referências para a construção de nomes e personalidades. O melhor exemplo é Hermione, “filha de Menelau e Helena” (GUIMARÃES, 1999, p. 177). O nome também significa “bem-nascida”, “terra”, ou “pedra” e, segundo Guimarães (1999), na mitologia grega, era muitas vezes conhecida como a padroeira da alta magia.

Tendo como base essas informações, não é difícil perceber que ao construir sua série, Rowling criou uma inteligente mistura de heranças de tempos antigos que permanecem no nosso inconsciente coletivo e os uniu a informações do nosso mundo de hoje, tornando a realidade das personagens mais próxima da realidade do leitor. E foi de posse dessas informações que a escritora escreveu o primeiro livro e formulou a base de todos os outros volumes da série.

O passo seguinte, então, era enviar o manuscrito para agentes literários, mas os primeiros

retornos não foram positivos. Diversas editoras negaram a publicação da história. O principal argumento era o tamanho do livro em consideração ao público-alvo. Os editores não acreditavam que jovens com idade entre 8 e 12 anos leriam volumes com cerca de 200 páginas. A editora Bloomsbury, finalmente, viu na história um potencial e aceitou editá-la. No calendário, esse já era o ano de 1997, ou seja, desde o surgimento da ideia até o lançamento do primeiro livro se passaram sete anos.

Um fato curioso foi o do surgimento da letra “K” no nome de Joanne Rowling. Essa foi, de acordo com informações do próprio site da escritora, uma sugestão da editora. Na época, acreditou-se que os meninos, que eram o público-alvo da história, poderiam não se sentir atraídos sabendo que o autor era uma mulher. Por isso sugeriu-se a colocação apenas das iniciais, imitando grandes escritores homens como J.R.R. Tolkien e C.S. Lewis. Como “J. Rowling” não soava bem aos ouvidos, a escritora decidiu acrescentar o “K” como uma homenagem a sua avó, Kathleen.

Após o lançamento de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, os anos seguintes foram dedicados a ajustes nos enredos dos seis demais volumes e aos lançamentos deles. Quatro anos depois, em 2001, os livros já eram comercializados em diversos países do mundo, incluindo o Brasil, e o primeiro filme da série era lançado pela Warner Bros¹⁴. Atualmente, os títulos já foram traduzidos para 69 idiomas e venderam mais de 400 milhões de exemplares em 200 países. Seu último livro da série, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, foi o livro mais rapidamente vendido e toda a história com 11 milhões de cópias nas primeiras 24 horas após seu lançamento.

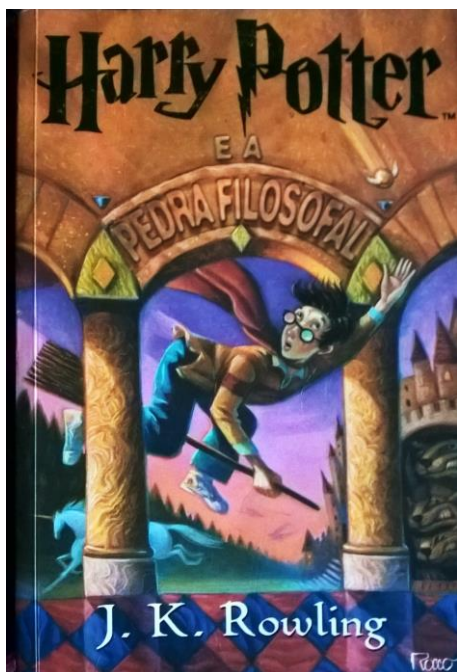
Rowling nunca negou que diversos autores influenciaram em sua escrita. Entre eles, os principais são o também britânico Clive Staples Lewis (1898-1963), autor das *Crônicas de Nárnia* (1950-1956); Elizabeth Goudge (1900-1984), que já foi apontada pela própria Rowling como a autora que mais influência teve na história de *Harry Potter*; e também Louise May Alcott (1832-1888), autora de *Mulherzinhas* (1868).

4.1 Principais obras

Apesar de ter ficado mundialmente conhecida pela escrita de *Harry Potter*, que teve seu último volume lançado em 2007, a obra de Joanne, contudo, não parou por ali. Depois de um período de férias, em 2012 a escritora lançou o romance *Casual Vacancy* (Morte Súbita, no Brasil) e em 2013, o primeiro livro de uma série de obras de romance policial ao estilo Sherlock

¹⁴HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL. Direção de Chris Columbus. Produção de David Heyman. Los Angeles: Warner Bros. Pictures, 2001. 1 DVD-ROM (152 min): DVD, fullscreen, son., color.

Holmes, mostrando sua versatilidade sob o pseudônimo de Robert Galbraith. Atualmente, suas obras podem ser divididas em dois grandes momentos: a escrita para crianças e a escrita para adultos. Se divide também em três principais gêneros: a literatura fantástica, o drama e o mistério.

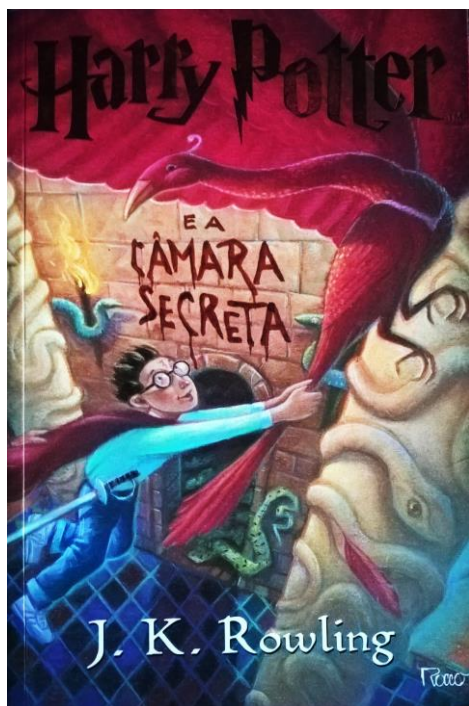


Harry Potter e a Pedra Filosofal (ROWLING, 1997), no original *Harry Potter and the Philosopher Stone*, foi publicado pela primeira vez pela *Bloomsbury Children's Books*, e é o livro que insere o leitor na trama. A história inicia alguns dias antes do aniversário de 11 anos do menino Harry Potter, quando cartas estranhas começam a aparecer na casa em que ele vive com os tios por ser órfão de pais. Elas estão endereçadas ao menino, mas o tio destrói cada uma delas impedindo-o de recebê-las. Na noite de seu aniversário, porém, no dia 31 de julho (data de nascimento da própria Rowling), Harry recebe a visita de Rúbeo Hagrid, guardião das chaves e das terras de Hogwarts, e a verdade vem à tona: Harry é um bruxo,

assim como seus pais eram, e seus pais não morreram em um acidente de carro como haviam lhe contado durante toda a infância, mas assassinados por Lord Voldemort, o mais poderoso bruxo das trevas, que tentou matá-lo também e que ao não obter sucesso fugiu deixando no jovem Potter apenas uma cicatriz e a fama de ter destruído Aquele Que Não Deve Ser Nomeado.

Após receber as notícias e conhecer mais de seu próprio passado, Harry, então, parte para seu primeiro ano em Hogwarts, onde conhece Ronald Weasley e Hermione Granger, que se tornariam os seus melhores amigos. Não demora muito para que o trio embarque em uma aventura dentro da escola. Num determinado dia, eles se perdem no emaranhado de escadas e acabam no proibido corredor do terceiro andar. Lá um gigante cão de três cabeças guarda a Pedra Filosofal, feita por Nicolai Flamel para produzir um elixir da vida capaz de dar a imortalidade a quem o bebe.

Após acontecimentos estranhos, os três passam a suspeitar que o professor de poções, Severo Snape, está tentando roubar a pedra e decidem impedi-lo, voltando ao terceiro andar. Nesse momento, Harry descobre que o ladrão não era Snape, mas o professor da disciplina de Defesa Contra as Artes das Trevas, Quirrell, que estava sendo controlado por aquilo que sobrou da alma de Voldemort. É travada então a primeira batalha da história, da qual Harry sai vitorioso. A pedra é destruída por Alvo Dumbledore, diretor de Hogwarts.



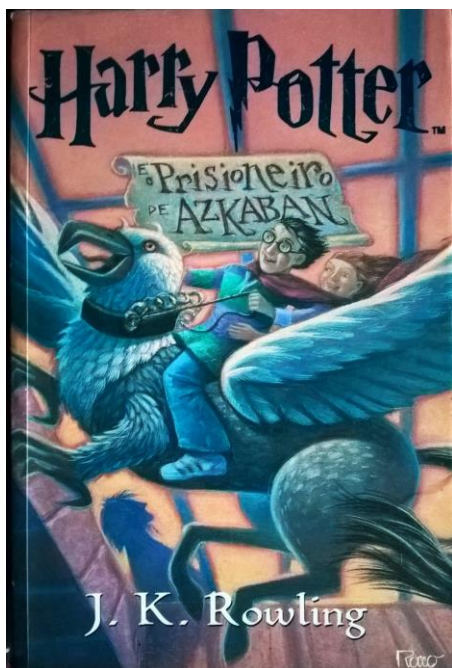
Harry Potter e a Câmara Secreta (ROWLING, 1998), no original *Harry Potter and the Chamber of Secrets*, é o segundo livro da série e nos conta sobre o segundo ano de Harry na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Nele, é reaberta a misteriosa Câmara Secreta onde, de acordo com uma lenda, está escondido um monstro criado para matar todos os alunos com pais não bruxos da escola.

Logo no início da história sabemos que a câmara teria sido construída por Salazar Slytherin, um dos quatro fundadores da escola - e aquele que menos aprovava a aceitação de alunos chamados *trouxas* (bruxos vindos de famílias não mágicas). Sabemos também que apenas um

herdeiro de Slytherin poderia reabri-la para continuar a missão iniciada séculos antes. A suspeita recai sobre Harry quando a escola descobre que ele é um ofidioglota, ou seja, tem uma característica rara entre os feiticeiros que permite que se fale com cobras, e que Salazar Slytherin também possuía.

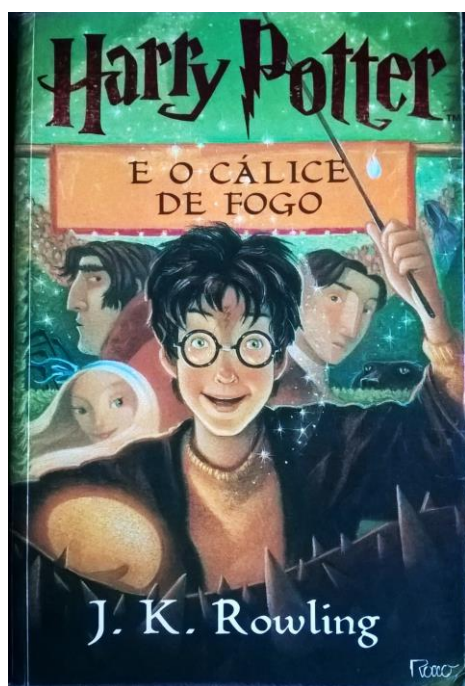
Porém, o que não se sabe é que mais cedo naquele ano, durante o dia das compras de materiais escolares para o ano letivo, Lucio Malfoy, um antigo aliado de Voldemort, colocou um velho diário junto às compras de Gina Weasley, irmã caçula de Rony, com o objetivo de se desfazer do objeto estranho. Quando chega a escola, a menina que está em seu primeiro ano, começa a escrever nas páginas em branco. Só que na medida em que isso acontece, a tinta se apaga e surge uma nova frase, em forma de resposta, escrita por Voldemort. Essa magia e as conversas mantidas entre Gina e o bruxo do diário é que levam a menina à Câmara Secreta e a abertura da mesma.

Depois de alguns ataques do monstro – um Basilisco, uma espécie de serpente -; do afastamento do diretor da escola, Alvo Dumbledore; do surgimento da possibilidade de que Hogwarts feche suas portas e do desaparecimento de Gina, Harry resolve ir atrás da menina. Com a ajuda dos amigos, ele descobre onde fica a entrada da câmara e entra nela. Lá dentro ele luta contra o basilisco para resgatar Gina e salva a escola de um fim trágico. Lá dentro ele também descobre que o herdeiro de Slytherin é o próprio Voldemort. O livro chegou ao topo das paradas dos mais vendidos em um mês após a sua publicação.



Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban (ROWLING, 1999), no original *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban*, é o terceiro livro da série e se passa no terceiro ano de Harry em Hogwarts logo após a fuga do perigoso Sirius Black da prisão do mundo mágico, chamada Azkaban. Tido como um velho aliado de Voldemort, ele estava há 12 anos preso e na primeira oportunidade, mesmo com a segurança de Hogwarts reforçada pela presença dos guardas de Azkaban, os chamados Dementadores – seres que sugam a felicidade – Sirius começa a dar indícios de que entrou na escola.

Esse fato causa uma onda de terror entre os alunos e muitas histórias sobre o prisioneiro começam a ser contadas. Em um determinado momento, Harry chega a descobrir que Sirius era amigo de seus pais e é seu padrinho. Diante disso, quando Sirius se mostra para Harry, ao invés de fugir, o jovem resolve confrontá-lo. É então que descobre que o padrinho nunca foi o verdadeiro culpado dos crimes pelos quais foi acusado, e sim Pedro Pettigrew, outro amigo dos pais de Harry. Ele descobre também que Sirius estava apenas tentando se aproximar de Harry para esclarecer a verdade sobre sua suposta traição.



Harry Potter e o Cálice de Fogo (ROWLING, 2000) no original *Harry Potter and the Goblet of Fire*, esse volume foi o primeiro a ter uma tiragem de um milhão de cópias apenas para o Reino Unido. A história começa com a ida de Harry à casa dos Weasley, de onde os filhos da família Weasley, Hermione e Harry, vão para a final da Copa Mundial de Quadribol – esporte bruxo. Durante esse evento, Harry assiste a dois fatos que remetem ao tempo em que Voldemort estava no poder: a reparação, pela primeira vez em mais de uma década, dos Comensais da Morte, antigos seguidores de Voldemort, cuja maioria fora presa, morta ou dispersa depois da queda do feiticeiro das trevas; e   conjuração

da Marca Negra, que não era vista há 14 anos, e que inspirava grande terror entre a comunidade feiticeira por ser o símbolo que Voldemort deixava pairando sobre as casas dos feiticeiros que

matava.

Passado esse fato, que deixa alerta toda a comunidade bruxa, Harry e os amigos voltam mais uma vez para a escola de magia. Lá, um grande evento também será realizado naquele ano: o Torneio Tribruxo. Por ser menor de idade, Harry está impedido de participar da competição, mas misteriosamente seu nome sai do Cálice de Fogo, junto com o de Cedrico Diggory, para representar Hogwarts no campeonato. Como o regulamento não permite a desistência do candidato, Harry se vê obrigado a realizar as tarefas propostas. Nas duas primeiras ele se sai bem. Porém a terceira tarefa, que consiste em chegar ao centro de um labirinto, onde está a taça do torneio, se mostra uma grande tragédia.

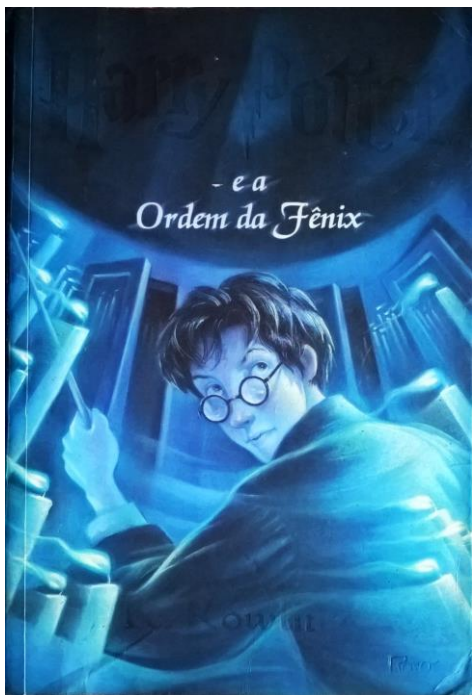
Harry chega à taça junto com Cedrico e ambos decidem pegar a peça juntos. Harry descobre então que o objeto é uma chave de portal, que ao ser tocada, os transporta para um cemitério onde está enterrada a família de Voldemort. Lá, Cedrico é morto e Harry assiste ao retorno do corpo de Voldemort, que até então era apenas um fragmento de alma devido ao acidente com Harry, descrito no primeiro livro. Harry e Voldemort chegam a lutar, porém, com a ajuda das almas das pessoas que Voldemort matou, inclusive as dos pais de Harry, e que saem de sua varinha durante a luta, o jovem bruxo mais uma vez consegue escapar do bruxo das trevas. Ele então, foge levando com ele o corpo de Cedrico. De volta à Hogwarts todos se assustam com a morte do colega e ninguém consegue acreditar na volta do Lorde das Trevas.

Animais fantásticos e onde habitam (ROWLING, 2001), é um dos livros que aparece na história de Harry Potter. Utilizado como um livro didático durante as aulas de Trato das Criatura Mágicas, ele apresenta diversos seres mágicos do mundo de Harry Potter.



Quadribol através dos séculos (ROWLING, 2001), outro livro que aparece na história.

Harry o utiliza para aprender mais sobre o jogo dos bruxos quando esse entra para o time de quadribol da casa Grifinória, uma das quatro casas de Hogwarts e a qual Harry pertence. O livro traz informações sobre equipamentos, bolas, campos de quadribol, bem como principais times do mundo bruxo e campeonatos já realizados.



Harry Potter e a Ordem da Fênix (ROWLING, 2003) no original *Harry Potter and the Order of Phoenix*, foi o quinto livro a ser lançado e logo quebrou os recordes de “Harry Potter e o Cálice de Fogo” como o livro mais rapidamente vendido da história. Mais sombrio, pelo recente retorno de Voldemort, a história mostra um Harry adolescente, que, aborrecido com a falta de contato dos amigos perambula pelas ruas de Surrey, localidade onde vive com os tios. Num determinado dia, após uma discussão com o primo Duda na rua, ambos são atacados por dois Dementadores, os guardas de Azkaban. Para se defender das criaturas Harry opta por usar magia fora da escola e na frente de

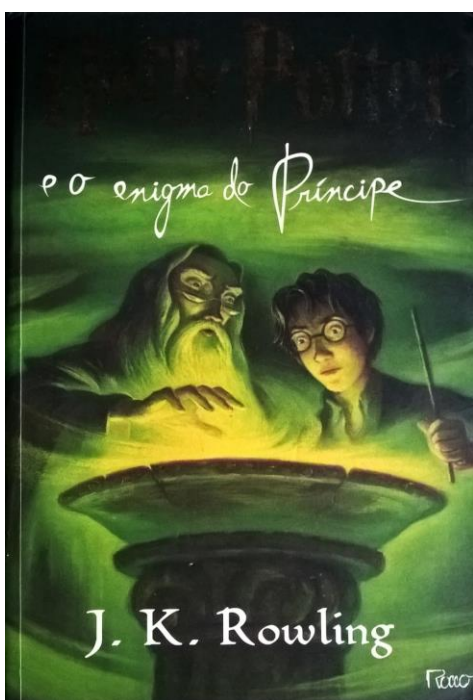
um humano não-bruxo, em função disso, além de ter que dar explicações aos tios quando chega em casa com o primo extremamente abalado, o jovem bruxo recebe duas cartas: uma dizendo que ele fora expulso de Hogwarts e outra o convocando para uma audiência disciplinar.

É nesse cenário que um grupo de bruxos chega até a casa dos tios de Harry alguns dias depois, munidos de vassouras voadoras para levar Harry a uma outra casa, a de seu padrinho Sirius Black. Chegando lá, Harry encontra os amigos Rony e Hermione que lhe explicam sobre a Ordem da Fênix, uma organização criada por Alvo Dumbledore para enfrentar Lord Voldemort, e que tem como sede a casa de Sirius. Harry passa o restante das férias ali e sai apenas para comparecer à audiência, para a qual é levado por Arthur Weasley, pai de Rony. Harry é absolvido graças a uma interferência de Dumbledore. Pouco depois disso chega o momento de, mais uma vez, os jovens voltarem à Hogwarts.

Porém, ao chegar lá, os estudantes descobrem que há outra professora para a disciplina de Defesa Contra as Artes das Trevas. Funcionária do Ministério da Magia, Dolores Umbridge é uma mulher cruel que sente prazer em torturar alunos e que é colocada no cargo para controlar os passos de Dumbledore e tentar fazer o mundo bruxo acreditar que Voldemort não retornou ao poder. Frente a essa situação, e ao fato de que ela, mesmo diante dos tempos sombrios, não está ensinando nada aos alunos, Harry e alguns amigos criam um grupo secreto chamado

Armada de Dumbledore (A.D.). Esse grupo tem por objetivo o ensino de feitiços defensivos. Depois de algum tempo, no entanto, Umbridge os descobre e acaba demitindo Dumbledore, pois suspeita de sua participação naquilo. Com isso, a A.D. fica ainda mais furiosa e planeja um plano para banir Umbridge da escola.

Antes que a história termine, no entanto, Harry se vê preso em uma armadilha criada por Voldemort que ao longo da história descobre uma ligação entre sua mente e a de Harry. Dessa forma o jovem bruxo é levado, junto com integrantes da A.D. até uma misteriosa sala dentro do Ministério da Magia onde estão guardadas profecias antigas. Uma dessas profecias refere-se a Harry e Voldemort e o rapaz acaba a encontrando e ouvindo. Ele descobre então que deve matar Voldemort ou ser morto por ele, como a profetiza afirmou. Antes, porém, que eles pudessem fugir e retornar a Hogwarts, Comensais da Morte surgem, dando início a mais uma batalha e Sirius Black, que vem em socorro de Harry, acaba sendo morto.



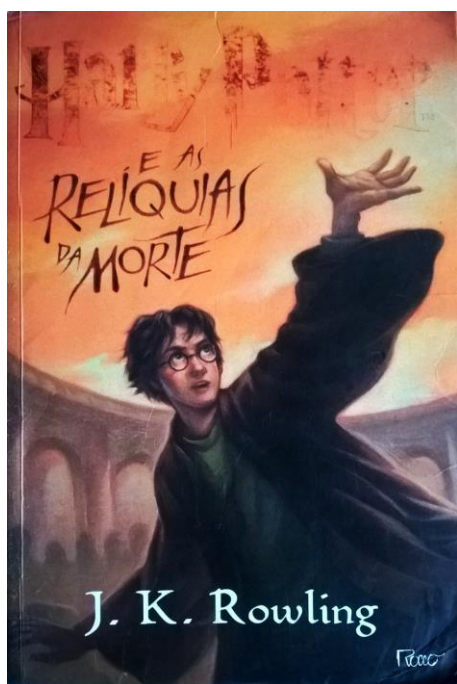
Harry Potter e o Enigma do Príncipe (ROWLING, 2005), no original *Harry Potter and the Half-Blood Prince*, essa história acontece durante o sexto ano de Harry na escola de magia. Voldemort está ficando outra vez perigoso, e Harry se aproxima do diretor Alvo Dumbledore para estudar a história do bruxo das trevas a quem tentam derrotar e também para buscar uma forma de acabar com a defesa que Voldemort criou para si. Para isso, Dumbledore contrata para dar aulas de Poções na escola um antigo amigo e ex-colega, Horácio Slughorn. Dumbledore acredita que ele tenha informações cruciais sobre a vida de Voldemort.

Durante as aulas, Harry recebe um exemplar usado do livro "Curso avançado no preparo de poções", cujo antigo usuário assinava com o pseudônimo Príncipe Mestiço. Graças às anotações que o estudante fazia em seu livro, Harry passa a ser o melhor aluno em poções, superando até mesmo sua amiga Hermione Granger, tida como a melhor aluna da turma. Aproveitando-se dessa oportunidade de se aproximar do professor, Harry acaba descobrindo que foi ele (Slughorn) que revelou a Voldemort, acidentalmente, há muitos anos, um poderoso feitiço que permitiria torná-lo imortal: a maldição das horcruxes.

A partir de então, Harry e Dumbledore passam a trabalhar com a possibilidade de que Voldemort tenha dividido sua alma em vários fragmentos e depositado cada uma dessas partes

dele - que Dumbledore acredita ser sete - em objetos, com o objetivo de se tornar imortal, pois o bruxo só poderá ser destruído completamente quando todas as horcruxes forem também destruídas. Dumbledore e Harry concluem ainda que duas das horcruxes já não existem mais: o diário de Tom Riddle (nome de batismo de Voldemort) que foi responsável pela abertura da Câmara Secreta e destruído no segundo livro da série; e o anel de sua mãe, que havia sido destruído pelo próprio Dumbledore. Durante a história uma terceira horcrux ainda é encontrada, o medalhão de Salazar Slytherin.

Um clima progressivo de grande batalha vai se instalando conforme Harry Potter percebe a necessidade de enfrentar Voldemort muito em breve. E de fato, antes que ele e Dumbledore consigam terminar seus estudos e tarefas, Hogwarts é invadida por Comensais da Morte e Dumbledore é morto. Harry então decide que não voltará mais para a escola. Que a partir daquele momento dedicará sua vida a procura pelas horcruxes.



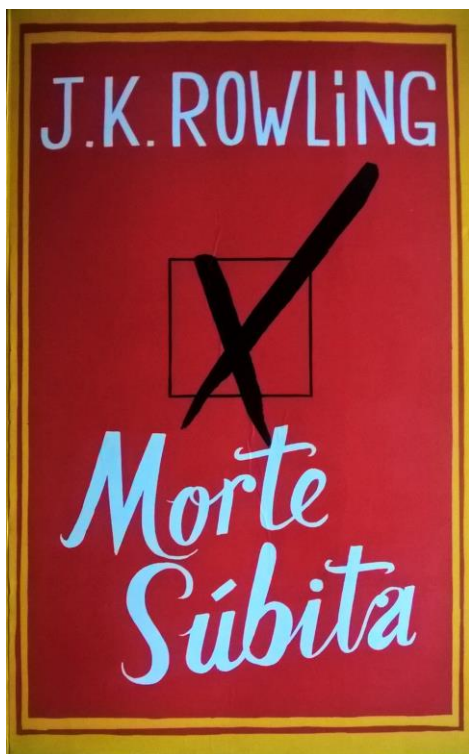
Harry Potter e as Relíquias da Morte (ROWLING, 2007), no original *Harry Potter and the Deathly Hallows*, esse é o sétimo e último livro da série. Nele, Harry segue seu objetivo e destino fora de Hogwarts, auxiliado pelos amigos Rony e Hermione que o acompanham na busca pelas horcruxes. No meio do caminho, porém, eles se deparam com um enigma deixado por Dumbledore antes de morrer que dá um novo norte as buscas. De acordo com uma lenda contada para crianças bruxas, existem três objetos no mundo mágico que, se reunidos pelo mesmo bruxo, o tornam imortal também. São eles uma capa da invisibilidade, uma pedra da ressurreição e uma varinha, a Varinha das Varinhas.

Esses três objetos foram presentes dados pela morte a três irmãos bruxos, há muito tempo.

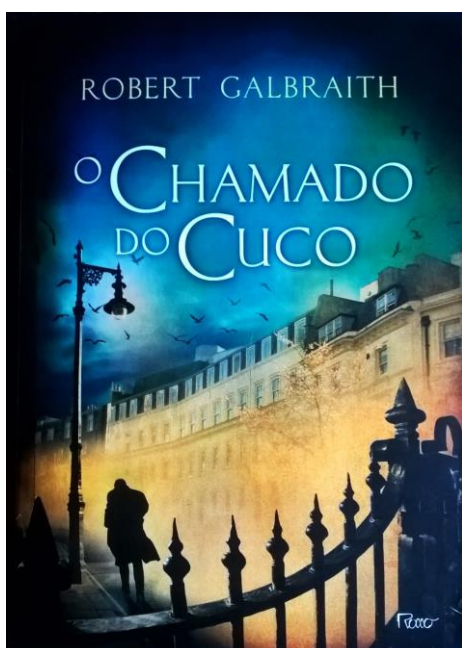
Harry passa a acreditar então, a partir de informações deixadas por Dumbledore que Voldemort além das horcruxes, possa estar de poder da Varinha das Varinhas, que não pode ser derrotada. Entre a busca por mais horcruxes para destruir, ele passa a buscar também a compreensão do funcionamento das Relíquias da Morte e de uma forma de tirar a Varinha de Voldemort. Toda essa busca o leva à Hogwarts outra vez, onde o desfecho da história acontece e Harry vence.

Os Contos de Beedle, o Bardo (ROWLING, 2008), foi um livro publicado em prol do Children's High Level Group (agora Lumos) pouco depois do fim da série Harry Potter. Ainda

ambientado no mundo da magia, ele traz algumas histórias que são contadas para crianças bruxas, entre elas o Conto dos Três Irmãos, de onde surgiu a lenda das Relíquias da Morte, que na história de Harry Potter se mostra verdadeira.



em guerra com seus alunos, e tudo isso com uma grande dose de realismo que faz o leitor pensar sobre a realidade em que ele mesmo vive. A obra já foi traduzida para 44 línguas.



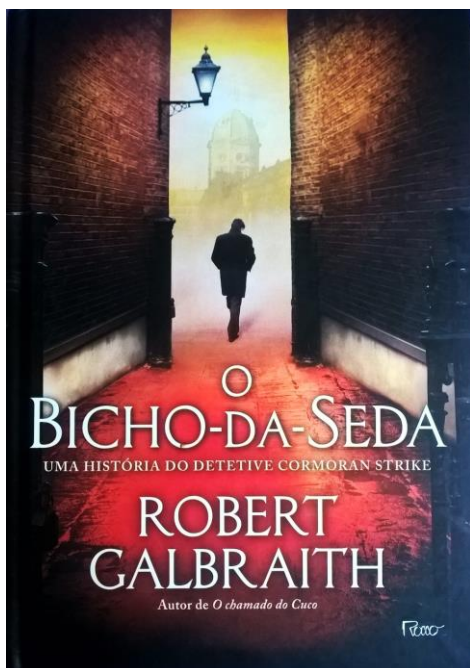
investigativo acabam levando-o a grandes descobertas que o fazem, inclusive, correr perigo de vida. Ele acaba descobrindo, no entanto, que a modelo, de fato, não se suicidou, mas foi assassinada. Sucesso de vendas mesmo antes que se soubesse que a verdadeira escritora era

Morte Súbita (ROWLING, 2012), foi o primeiro romance da escritora fora da série Harry Potter, e devido a sua fama, imediatamente fez um enorme sucesso. O livro, conta a história da pequena cidade de Pagford e seus habitantes, após a morte inesperada de Barry Fairbrother, membro da Câmara da localidade. O fato deixa a população em choque e desencadeia alguns acontecimentos. Ao longo da leitura, percebe-se que Pagford, aparentemente uma pacata cidade inglesa, tem por trás da fachada uma cidade em guerra. Rowling apresenta na obra uma série de questões polêmicas, como guerra de classes, credos, gerações e interesses, ricos contra pobres, adolescentes em guerra com seus pais, esposas em guerra com seus maridos, professores

O Chamado do Cuco (GALBRAITH, 2013) foi seu primeiro romance policial com o pseudônimo de Robert Galbraith, e apresenta a história de uma modelo problemática que morre após cair de uma varanda coberta de neve. Inicialmente, a polícia presume que ela tenha cometido suicídio, porém, seu irmão tem dúvidas e contrata o detetive particular Cormoran Strike para investigar o caso.

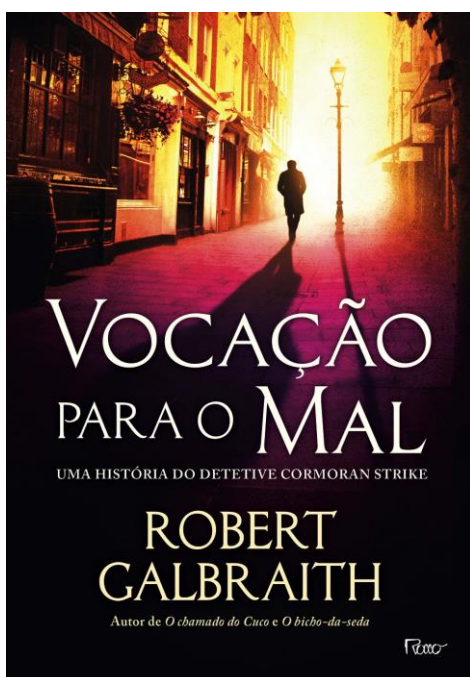
Veterano de guerra, onde perdeu parte de uma perna, Strike está vivendo o fim de um casamento conturbado, está passando por uma má fase na carreira e consequentemente financeira. Porém seu instinto e faro

J.K. Rowling, o livro já foi traduzido em 37 línguas.



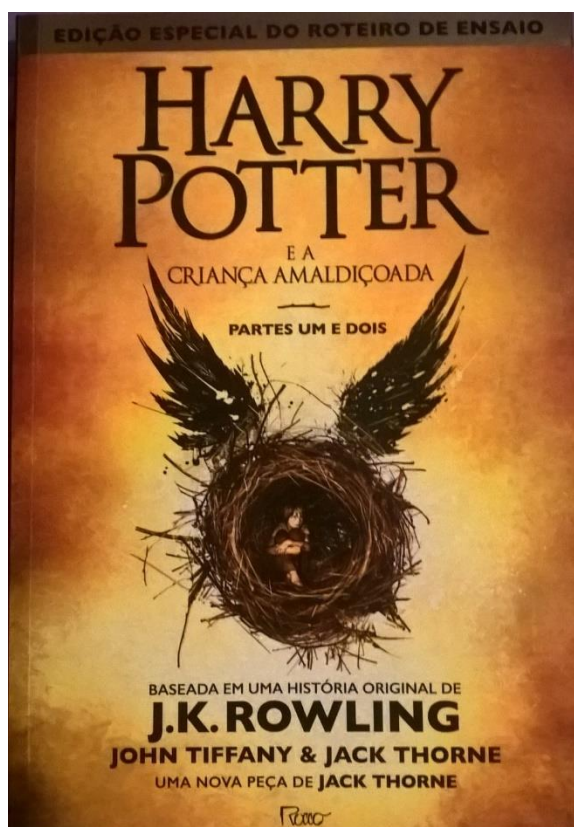
O Bicho da Seda (GALBRAITH, 2014), segundo livro da série sobre o detetive Cormoran Strike, esse volume trata do desaparecimento do escritor Owen Quine, um homem com grandes variações de humor e manias estranhas. Tudo começa quando a esposa de Quine procura o agora famoso detetive para encontrá-lo. Em sua cabeça a senhora pensa que o marido apenas se afastou por uns dias — como já tinha feito antes — por um capricho. Conforme avança nas buscas pelo homem, no entanto, Strike percebe que há algo mais acontecendo.

De posse de um manuscrito que o escritor havia terminado, e que continha descrições venenosas de quase todas as pessoas com que ele convivia, incluindo agentes literários e empresários do ramo da edição de livros, Cormoran se dá conta de que, se aquilo fosse publicado, muitas vidas seriam arruinadas e quando Quine é finalmente encontrado brutalmente assassinado em circunstâncias bizarras, o detetive percebe que muitas pessoas poderiam querer calar o escritor e por isso são suspeitas.



Vocação para o mal (GALBRAITH, 2015), recentemente traduzido para o português, é o terceiro livro da série sobre Cormoran Strike e inicia com a uma entrega inusitada para o detetive e sua assistente: a perna decepada de uma mulher. Inicia-se então nova investigação tanto da polícia, quanto do próprio Strike, e ambas entram em conflito, pois, enquanto a polícia concentra seus esforços em um suspeito, o detetive pensa que o criminoso pode ser outra pessoa. Entre uma reviravolta e outra, o livro também falará da vida pessoal e profissional dos personagens principais, que se encontram também em uma encruzilhada. O livro estreou em segundo lugar na lista dos mais vendidos do

The New York Times.



Harry Potter e a Criança Amaldiçoada

(ROWLING, TIFFANY, THORNE, 2016) no original *Harry Potter and the Cursed Child*, é o roteiro de uma peça de teatro, escrita por Rowling e dois diretores de teatro, lançada em junho de 2016, em Londres, e que foi transformado em livro. A história se passa 19 anos após o fim da história original de Harry Potter, exatamente no ponto em termina Harry Potter e as Relíquias da Morte, ou seja, com a ida dos filhos de Harry para Hogwarts. No enredo, o filho mais jovem de Harry, Alvo Severo, faz amizade com o filho de Draco Malfoy – Escópio - e acaba indo para a Sonserina, para surpresa de todos – já que toda a

família de Harry e Gina é de grifinórios. Junto de Escópio, Alvo acaba se envolvendo em uma aventura perigosa que envolve voltar ao passado para tentar muda-lo. Ambos acabam percebendo que isso é um erro e antes que seja tarde demais para o mundo dos bruxos e trouxas, Alvo pede socorro ao pai, Harry, que também volta ao passado e se defronta com um dos momentos mais difíceis de sua vida. O livro, lançado no dia 31 de outubro, no Brasil, é considerado o oitavo da série Harry Potter.

Além dessas obras, recentemente J.K. Rowling também escreveu um roteiro para cinema, da obra *Animais Fantásticos e Onde Habitam*, longa-metragem foi lançado no dia 17 de novembro de 2016, ambientado no mundo da magia tão familiar aos fãs de Harry Potter. Ele marca a sua estreia como roteirista e o início de uma nova série de filmes em parceria com a Warner Bros.

Ao longo de sua carreira, Rowling recebeu diversos prêmios e honrarias, como a Ordem do Império Britânico (OBE) por seus serviços à literatura infantil, o Prêmio Príncipe das Astúrias para a Concórdia, a Legião da Honra da França e o Prêmio de Literatura Hans Christian Andersen.

5 ESTUDO DE CASO: ARQUÉTIPOS EM HARRY POTTER

Até o momento estruturamos a base desse trabalho monográfico com três principais pontos: a compreensão do que são narrativas fantásticas, seus elementos e características; a apresentação das principais definições de arquétipos e compreensão de como essas imagens primordiais podem estar presentes dentro das narrativas; e a aproximação com a obra de J. K. Rowling, por meio de exposição dos enredos de cada um dos sete volumes de Harry Potter e informações a respeito da construção da história e das principais personagens.

Feito isso, iniciaremos a análise que nos possibilitará alcançar o objetivo proposto nesse trabalho que é fazer uma leitura dos arquétipos dentro da obra Harry Potter, e buscar com isso, a compreensão do papel desses arquétipos na obra, contribuindo assim para a compreensão do papel dos arquétipos dentro das narrativas, especialmente a fantástica. Partiremos então para a parte metodológica deste trabalho.

Ela terá como principal base o estudo de caso. A escolha por esse tipo de metodologia foi alicerçada no conhecimento prévio que já se tinha da obra e de uma aproximação ainda maior com os livros de Rowling, com as teorias da narrativa e da psicologia analítica, decorrente da necessidade de elaboração de um projeto de pesquisa anterior à monografia. Desde esse momento o estudo de caso se mostrou o mais adequado para a análise que se procura fazer.

Dentro desse estudo de caso, para que se consiga obter os resultados propostos, utilizaremos a construção de uma tabela onde serão isolados excertos com conteúdos arquetípicos para que estes sejam mais profundamente analisados em um capítulo posterior. Começaremos, no entanto, por compreender mais profundamente o que é o estudo de caso e como ele se desenvolve para levar o pesquisador aos resultados que se procura.

5.1 Estudo de caso

Muito utilizado nas Ciências Sociais, o Estudo de Caso é uma análise aprofundada de uma unidade, que permite o conhecimento amplo e detalhado, ou seja, profundo e exaustivo de uma realidade. É um método de organização de dados que preserva o caráter unitário do objeto estudado. É essa organização que permite a análise do objeto em relação a determinada teoria e, dessa forma, como define Duarte (2006, p. 234), “contribui para a compreensão dos fenômenos sociais complexos, sejam individuais, organizacionais, sociais ou políticos”. Também é definido por Yin (2001) como o estudo de fenômenos nos quais a fronteira entre o fenômeno e o contexto não estão claramente evidentes.

Quanto a tipologia dos estudos de caso, existem três: os exploratórios, os descritivos e os de ordem prática. Na pesquisa que está sendo proposta, será utilizado principalmente o estudo de caso do tipo exploratório, onde o empenho estará em descobrir quais os arquétipos encontrados na série Harry Potter e seus papéis dentro da narrativa, sugerindo alguma hipóteses que possam, inclusive ser utilizadas em pesquisas futuras.

De acordo com Duarte (2006) são quatro as características essenciais desse método de pesquisa:

1. particularismo: o estudo se centra em uma situação, acontecimento, programa ou fenômeno particular, proporcionando assim uma excelente via de análise prática de problemas da vida real;
2. descrição: o resultado final consiste na descrição detalhada de um assunto submetido à indagação;
3. explicação: o estudo de caso ajuda a compreender aquilo que submete à análise, formando parte de seus objetivos a obtenção de novas interpretações e perspectivas, assim como o descobrimento de novos significados e visões antes despercebidas;
4. indução: a maioria dos estudos de caso utiliza o raciocínio indutivo, segundo o qual os princípios e generalizações emergem a partir da análise dos dados particulares. Em muitas ocasiões, mais que verificar hipóteses formuladas, o estudo de caso pretende descobrir novas relações entre os elementos. (Duarte, 2006, p. 217)

Além disso, é importante destacar que o método é comumente visto como de natureza qualitativa e segundo Duarte apud BRESSAN (2006, p. 219), o principal objetivo das pesquisas que utilizam o estudo de caso é a compreensão dos eventos por meio da descrição, da classificação (tipologia), do desenvolvimento teórico e do teste ilimitado da teoria. Apesar disso, o método também permite a coleta e o tratamento de dados de forma quantitativa.

Em relação ao desenvolvimento do estudo de caso, de acordo com Duarte (2006), de uma forma geral, são três as fases necessárias para o sucesso da pesquisa: uma fase exploratória, momento de estabelecer pontos críticos, contatos e fontes de dados; uma fase de coleta de dados; e uma fase de análise e interpretação e elaboração de relatório.

Dentro dessa pesquisa, a fase exploratória iniciou no primeiro semestre de 2016, durante a elaboração do projeto de pesquisa, quando houve uma reaproximação com o objeto, ou seja, os livros da série literária Harry Potter, bem como de leituras técnicas a respeito das narrativas e dos arquétipos. A fase de análise, por sua vez, acontece no decorrer do segundo semestre com a ampliação dos conhecimentos a respeito da psicologia analítica, especialmente dentro das narrativas e posteriormente com a leitura cuidadosa e aprofundada do primeiro livro da série, a partir da qual será possível fazer a análise e tecer considerações.

Dentro da presente pesquisa, um dos métodos de análise de estudo de caso que será

utilizado é o de adequação ao padrão, que consiste, segundo Yin (2001, p. 136) em “comparar um padrão fundamentalmente empírico com outro de base prognóstica”. Ou seja, vamos comparar a narrativa de Harry Potter com a teoria apresentada por Jung e diversos pesquisadores que seguiram sua linha de pensamento trazendo ao mundo os conhecimentos a respeito dos arquétipos.

Por fim, é preciso destacar que o estudo de caso tem como principal objetivo clarear a compreensão do leitor e levar à descoberta de novos significados. Nele “o pesquisador trabalha com o pressuposto de que o conhecimento não é algo acabado, mas que está sempre em construção” (DUARTE, 2006, p. 233). Consideramos que todas essas características são as necessárias para alcançar o objetivo proposto nessa monografia de graduação, ou seja, para compreender qual o papel dos arquétipos na narrativa de Harry Potter. Portanto, resumidamente, num primeiro momento, buscou-se revisar a bibliografia referente às narrativas fantásticas e aos arquétipos - em especial as obras de Carl Gustav Jung - e em seguida pretende-se aplicar os conhecimentos obtidos em um caso: as obras de Harry Potter.

5.2 Isolamento dos arquétipos

A leitura arquetípica dentro de Harry Potter e a compreensão dos papéis dos arquétipos dentro dessa narrativa, se dará por meio de duas fases distintas de análise. A primeira delas consiste na criação de uma tabela contendo os arquétipos encontrados dentro da narrativa. A segunda delas acontece no capítulo seguinte, quando será feita a leitura e interpretação dessa tabela.

Essa tabela será trabalhada capítulo a capítulo da obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal*¹⁵, volume escolhido para a análise por ser o primeiro da série. Ela conterá os seguintes elementos: capítulo, personagem, arquétipo, excertos e páginas. Vale destacar ainda que, ela não terá fins quantitativos, mas qualitativos, servindo não para apontar o número de vezes que um determinado arquétipo é encontrado dentro da história, mas apenas para que se possa fazer uma adequada separação dos trechos que serão mais profundamente analisados em um capítulo posterior.

Na coluna *personagem*, será inserido o nome da personagem ao qual está ligado o arquétipo que foi encontrado dentro da narrativa. Por questões de necessidade de delimitação

¹⁵ Por questões de ordem metodológica e de necessidade de delimitação da pesquisa foi escolhido para análise apenas um dos sete volumes da série Harry Potter, no caso, o primeiro, que é aquele que introduz o leitor a série, e por isso, um dos mais ricos em detalhes e explicações sobre o mundo mágico no qual o leitor está sendo inserido.

da pesquisa, serão analisados apenas as três principais personagens da série literária, por isso, os três nomes possíveis de constar na tabela são Harry Potter (Harry), Ronald Weasley (Rony) e Hermione Granger (Hermione). Todas as três personagens são o que Gancho (2002) classifica como redondos, ou seja, possuem características físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e/ou morais, podendo ter uma ou mais dessas características simultaneamente e por isso são mais complexos.

Na coluna *arquétipos*, por sua vez, serão apontados os arquétipos visualizados dentro da narrativa em relação à personagem apresentada na coluna antecedente. Na busca por esses arquétipos, utilizaremos como base os conceitos de Jung e dos demais pesquisadores trazidos para a pesquisa no terceiro capítulo desta monografia. Também para fins de delimitação do campo de pesquisa, determinamos que, ao buscar os indícios arquetípicos dentro da narrativa, trabalharemos tendo como base uma listagem pré-elaborada de arquétipos e esses é que serão buscados dentro da obra.

Essa listagem será aquela apresentada por Mark e Pearson (2001), já apresentada no terceiro capítulo dessa pesquisa. Ela contém doze principais arquétipos: o Criador, o Prestativo, o Governante, o Bobo da Corte, o Cara Comum, o Amante, o Herói, o Fora-da-lei, o Mago, o Inocente, o Explorador e o Sábio.

A escolha por utilizar a pesquisa de Mark e Pearson como base se deu justamente pelo fato de os autores terem elencado um grupo de principais arquétipos em suas pesquisas. Com base em leituras realizadas ao longo da construção da presente monografia, percebemos que essa listagem traz em si alguns dos arquétipos mais comuns, mais utilizados no âmbito da comunicação, mas não apenas da comunicação. As características apresentadas como pertencentes a cada um desses arquétipos na obra podem ser facilmente encontradas também na literatura.

Temos consciência, no entanto, de que será necessário um transporte conceitual, porque Mark e Pearson criaram essa tabela pensando em sua área que é a da Publicidade e Propaganda, e nós estamos falando de Literatura e Psicologia Analítica. Por isso, não nos limitaremos a esses doze arquétipos. Se, porventura, outro arquétipo se mostrar presente na obra em relação a qualquer dos três personagens analisados, não hesitaremos em citá-lo na tabela também.

Na coluna *excerto*, serão apresentados trechos da narrativa que indiquem a presença dos arquétipos já apontados na coluna anterior em relação a determinada personagem. A coluna excerto tem como principal objetivo a comprovação da existência desses arquétipos e o isolamento desses trechos, para que possam, em um capítulo posterior, serem analisados à luz da teoria de C. G. Jung e compreendidos em seu contexto dentro da narrativa. Por fim, na coluna

página, informaremos a página de onde foi retirado o excerto.

Não iniciaremos a leitura do livro e a separação dos arquétipos tendo como base suposições prévias de que determinado personagem se enquadra dentro de um determinado arquétipo. Apenas buscaremos, por meio de uma leitura atenta, encontrar os possíveis arquétipos relacionados aos três personagens principais, seguindo o modelo da lista já apresentada.

Além disso, quando se fala em “possíveis arquétipos”, estamos dizendo que trabalharemos com a possibilidade de que cada personagem se enquadre em mais em um arquétipo dentro da narrativa e de acordo com a evolução desta. Levamos em consideração, ao fazer essa escolha dentro da pesquisa, justamente o fato de as personagens serem classificadas como redondas, ou seja, serem menos caricaturais ou construídas com base em estereótipos e mais parecidas com representações humanas reais, o torna ainda mais interessante a busca pelos arquétipos - apesar de mais complexa – porque quando se fala de arquétipos dentro desses personagens, pode-se estar fazendo uma referência aos arquétipos das próprias personalidades humanas com todas as suas variações.

5.3 Tabela de arquétipos em Harry Potter

Partiremos então para a construção da tabela de isolamento dos arquétipos dentro da narrativa da obra literária *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e em relação aos personagens Harry Potter, Ronald Weasley e Hermione Granger. A construção dessa tabela será feita com base na leitura atenta do volume e separação dos trechos que forem considerados como representações de possíveis arquétipos.

Antes de iniciar a construção da tabela, é importante ressaltar ainda que poderão ser encontrados dentro do texto mais excertos do que aqueles que serão incluídos na tabela, e se isso ocorrer, essa seleção ocorrerá única e exclusivamente pela necessidade de delimitação do objeto de pesquisa. Para fazer essa seleção, será utilizado como critério a força com que o arquétipo é expressado dentro do trecho da narrativa, ou seja, serão escolhidos os excertos em que os arquétipos estão mais claramente expostos e onde eles são mais facilmente identificáveis.

Tabela 3: Os arquétipos encontrados em Harry Potter

Capítulo 1 – O menino que sobreviveu			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Harry	Herói (anti-herói)	“[...] Estão dizendo que ele tentou matar o filho dos Potter, Harry. Mas... não conseguiu. Não conseguiu matar o garotinho. Ninguém sabe o porquê nem o como, mas estão dizendo que na hora em que não pode matar Harry Potter, por alguma razão, o poder de Voldemort desapareceu, e é por isso que ele foi embora. Dumbledore concordou com a cabeça, sério. - <i>É... é verdade?</i> – gaguejou a professora. – Depois de tudo o que ele fez... todas as pessoas que matou... não conseguiu matar um garotinho? É simplesmente espantoso... ”	16
Harry	Herói (anti-herói)	“Harry Potter virou-se dentro dos cobertores sem acordar. Sua mãozinha agarrou a carta ao lado, mas ele continuou a dormir, sem saber que era especial, sem saber que era famoso [...] ”	20

Capítulo 1: apresenta a família Dursley e seu hábitos de vida. Mostra um cotidiano bastante parecido com a que a maioria das pessoas leva. Aqui e ali, porém, dá indícios de que uma realidade alternativa pode existir, onde pessoas vestem-se de maneira diferente. A realidade de “*peessoas como os Potter*”.

Em seguida, no mesmo capítulo, temos um vislumbre do mundo mágico com o aparecimento de pessoas dessa realidade alternativa na Rua dos Alfeneiros – onde os Dursleys vivem. Eles falam sobre o menino Harry e já nos mostram que, mesmo sem ter uma explicação para isso, consideram Harry Potter como um herói.

Capítulo 2 – O vidro que sumiu			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Harry	Órfão/Ignorado /Abandonado	“ A sala não continha nenhuma indicação de que havia outro menino na casa. ”	21
Harry	Órfão/Ignorado /Abandonado	“Talvez fosse porque vivia num armário escuro, mas Harry sempre fora pequeno e muito magro para a idade. Parecia ainda menor e mais magro do que realmente era porque só lhe davam para vestir as roupas velhas de Duda e Duda era quatro vezes maior do que ele. Harry tinha um rosto magro, joelhos ossudos, cabelos negros e olhos muito verdes. Usava	22

		óculos redondos, remendados com fita adesiva, por causa das muitas vezes que Duda o socara no nariz.”	
Harry	Órfão/Ignorado /Abandonado	“Com frequência, os Dursley falavam de Harry assim, como se ele não estivesse presente – ou melhor, como se ele fosse alguma coisa muito desprezível que não conseguisse entendê-los, como uma lesma. ”	24
Harry	Estranho /Sobrenatural /Mágico/Mago	“O problema era que sempre aconteciam coisas estranhas à volta de Harry e simplesmente não adiantava dizer aos Dursley que não era sua culpa. Uma vez, tia Petúnia, cansada de ver Harry voltar do barbeiro como se não tivesse estado lá, apanhara uma tesoura de cozinha e cortara o cabelo dele tão curto que o deixara quase careca, exceto por uma franja, que ela deixou “para esconder aquela cicatriz horrorosa”. Duda morrera de rir de Harry, que passou a noite acordado imaginando o que seria a escola no dia seguinte, onde já riam dele por causa das roupas folgadas e dos óculos emendados com fita adesiva. Na manhã seguinte, porém, quando se levantou, os cabelos estavam exatamente como eram antes de tia Petúnia cortá-los. ”	26
Harry	Estranho /Sobrenatural /Mágico/Mago	“O que se passou em seguida aconteceu tão depressa que ninguém viu como foi: num segundo, Pedro e Duda estavam encostados no vidro, no segundo seguinte, estavam saltando para trás soltando uivos de terror. Harry sentou-se e parou de respirar: o vidro da frente do tanque da jiboia tinha sumido. A grande cobra se desenrolou depressa e escorregou pelo chão – as pessoas no alojamento dos répteis gritaram e começaram a correr para as saídas. Quando a cobra passou rápido por ele, Harry poderia jurar que uma voz baixa e sibilante tinha dito: “Brasil, aqui vou eu... Obrigada, amigo”.	29

Capítulo 2: ressalta o papel de empregado de Harry na casa dos Dursley. O fato de ser órfão e não ter, de fato, uma família que o trate como tal. Fica clara a ideia de que ele só é aceito porque serve a família. É tratado como um servo.

Ressalta também alguns fatos estranhos relacionados a Harry – evidencia curiosidades e comportamentos/acontecimentos pouco comuns, sem explicação, beirando o sobrenatural. Harry até tenta explicar quando diz, por exemplo, que o vento deve tê-lo apanhado para que ele

fosse parar no telhado da escola, mas não são explicações muito lógicas, de forma que fica no ar a dúvida sobre o que realmente aconteceu – situação bem característica do fantástico, como vimos no capítulo dois dessa pesquisa, a dúvida.

Capítulo 3 – As cartas de ninguém			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Harry	Órfão/ Ignorado /Abandonado Solitário/ Inocente	“Harry apanhou-a e ficou olhando, o coração vibrando como um elástico gigante. Ninguém, jamais, em toda a sua vida, lhe escrevera. Quem escreveria? Ele não tinha amigos, nem outros parentes – não era sócio da biblioteca, de modo que jamais receberia sequer os bilhetes grosseiros pedindo a devolução de livros. Contudo, ali estava, uma carta, endereçada tão claramente que não podia haver engano.”	34

Capítulo 3: fala pouco sobre Harry especificamente, mas mostra o esforço da família Dursley de impedir que Harry tenha acesso às cartas que estão insistentemente e misteriosamente chegando endereçadas a ele. Isso deixa claro ao leitor que algo está sendo escondido. Algo estranho e possivelmente sobrenatural, tendo em vista a forma como as cartas chegam.

Capítulo 4 – O guardião das chaves			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Harry	Herói (anti-herói)	“Você-Sabe-Quem matou os dois. E então, e esse é o verdadeiro mistério da coisa, ele tentou matar você . Queria fazer o serviço completo, acho, ou então tinha começado a gostar de matar. Mas não conseguiu . Você nunca se perguntou como arranhou essa marca na testa? Isso não foi um corte normal. Isso é o que se ganha quando um feitiço poderoso e maligno atinge a gente; destruiu os seus pais e até a sua casa, mas não fez efeito em você , e é por isso que você é famoso Harry. Ninguém nunca sobreviveu depois que ele decidia matá-lo, ninguém a não ser você , e ele já havia matado alguns dos melhores bruxos da época, os McKinnon, os Bone, os Priuet, e você era apenas um bebê, e sobreviveu”.	53
Harry	O cara-comum/ Inocente	“Hagrid fitou Harry com calor e respeito iluminando seus olhos, mas Harry, ao invés de se sentir contente e orgulhoso, teve a certeza de que tinha havido um terrível engano. Bruxo? Ele? Como era possível? Passara a vida dominado por Duda e infernizado pela tia Petúnia e pelo tio Valter ; se era realmente	54

		um bruxo, por que eles não tinham se transformado em sapos toda vez que tentavam prendê-lo no armário? Se uma vez derrotara o maior feiticeiro do mundo, como é que Duda sempre pudera chutá-lo para cá e para lá como se fosse uma bola de futebol?”	
Harry	Mago	“Pensando bem... cada coisa estranha que deixara os seus tios furiosos tinha acontecido quando ele, Harry, estava perturbado ou com raiva... perseguido pela turma de Duda, pusera-se de repente fora de seu alcance... receoso de ir para a escola com aquele corte ridículo, conseguiu fazer os cabelos crescerem de novo... e da última vez que Duda batera nele, não fora à forra sem perceber que estava fazendo isto? Não mandara uma cobra atacá-lo? ”	54-55

Capítulo 4: Harry é inserido em um novo mundo, aquele que passaremos a considerar como seu verdadeiro mundo. Ele hesita – o que faz parte da jornada do herói, mas acaba por aceitar que, de fato há elementos estranhos e confusos em sua trajetória de vida, e que essa nova realidade à qual está sendo apresentado, pode ter boas explicações para eles. Explicações que o mundo tradicional não tem.

Harry pode ser visto pela primeira vez como um herói – ou anti-herói, já que ele não tem exatamente méritos pelo que fez – porque é apresentado à sua própria história. Descobre que ele salvou o mundo dos bruxos de uma dominação do mal e que é famoso por isso.

Nesse capítulo também aparecem os primeiros elementos mágicos e fantásticos de fato. Seres presentes na mitologia, como a coruja, “ave de Atena (Minerva), simboliza a reflexão e que domina as trevas” (CHEVALIER e GERBRANT, 2015, p. 293).

Capítulo 5 – O Beco Diagonal			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Harry Rony Hermione	Bruxo/ Mago	“Os estudantes do primeiro ano precisam de: 1. Três conjuntos de vestes comuns de trabalho (pretas) 2. Um chapéu pontudo simples (preto) para uso diário 3. Um par de luvas protetoras (couro de dragão ou similar) 4. Uma capa de inverno (preta com fechos prateados)”	61
Harry Rony Hermione	Bruxo/ Mago	“Os alunos devem comprar um exemplar de cada um dos seguintes: - Livro padrão de feitiços (1ª série) de Miranda Goshawk - História da Magia de Batilda Bagshot - Teoria da magia de Adalberto Waffling	61

		<ul style="list-style-type: none"> - Guia de transfiguração para iniciantes de Emerico Switch - Mil ervas e fungos mágicos de Fílida Spore - Bebidas e poções mágicas de Arsênio Jigger - Animais fantásticos e seu habitat de Newton Scamander - As forças das trevas: Um guia de autoproteção de Quintino Trimble” 	
Harry Rony Hermione	Bruxo/ Mago	<p>“Outros equipamentos 1 varinha mágica 1 caldeirão (estanho, tamanho padrão 2) 1 conjunto de frascos 1 telescópio 1 balança de latão Os alunos podem ainda trazer uma coruja OU um gato OU um sapo”</p>	62
Harry	Famoso/ Herói	<p>“-Dóris Crockford, Sr. Potter, não acredito que finalmente posso conhecê-lo. - Estou tão orgulhosa, Sr. Potter, tão orgulhosa. - Sempre quis apertar sua mão. Estou nas nuvens. - Encantado, Sr. Potter, nem sei lhe dizer o quanto. Diggle é o meu nome, Dédalo Diggle. - Já vi o senhor antes! – disse Harry, e a cartola de Diggle caiu de tanta excitação. – O senhor se curvou para mim uma vez numa loja. - Ele se lembra! – exclamou Dédalo Diggle, olhando todos à volta. – Vocês ouviram isso? Ele se lembra de mim!”</p>	64
Harry	Herói	<p>“- Lembro-me de cada varinha que vendi, Sr. Potter. De cada uma. Acontece que a fênix cuja pena está na sua varinha produziu mais uma pena, apenas mais uma. É muito curioso que o senhor tenha sido destinado para esta varinha porque a irmã dela, ora, a irmã dela produziu a sua cicatriz. Harry engoliu em seco. - É, tinha trinta e quatro centímetros. Puxa. É realmente curioso como essas coisas acontecem. A varinha escolhe o bruxo, lembre-se... Acho que podemos esperar grandes feitos do senhor, Sr. Potter... afinal, Aquele-Que-Não-Se-Deve-Nomear realizou grandes feitos, terríveis, sim, mas grandes”</p>	77-78
Harry	Inseguro/ Anti-herói	<p>“- Todo mundo acha que eu sou especial – disse finalmente. – Todas aquelas pessoas no Caldeirão Furado, o Prof. Quirrell, o Sr. Olivaras... mas eu não conheço nenhuma de magia. Como podem esperar grandes feitos de mim? Sou famoso e nem ao menos me lembro o porquê. Não sei o que aconteceu quando Vol... desculpe... quero dizer, na noite que meus pais morreram.”</p>	78

Capítulo 5: Harry é ainda mais inserido no mundo bruxo e nessa inserção fica ainda mais visível seu papel de herói (ou anti-herói) e sua fama por isso. Ao mesmo tempo, no entanto, ele sente uma forte insegurança, e por vezes chega a desconfiar de suas capacidades e a nova realidade ou negá-las. Por outro lado, a curiosidade também se faz presente e ela move a personagem. Ele se encontra claramente dividido entre o medo/insegurança e a curiosidade

Nesse capítulo também há a inserção do arquétipo “mago/bruxo”, graças ao material escolar comprado por Harry. São livros e objetos tipicamente conhecidos como de uso bruxo, e isso insere ainda mais a personagem na fantasia da história. Isso também acontece através do contato com elementos tais como vassouras, duendes, dragões e fênix – todos mitológicos e cheios de significados, que são inseridos na história por motivos específicos.

No caso dos Duendes (ou anões), eles são definidos por Chevalier e Gerbrant (2015), como seres “vindos do mundo subterrâneo ao qual permanecem ligados, simbolizam as forças obscuras que existem em nós e em geral têm aparências monstruosas” (CHEVALIER e GERBRANT, 2015, p. 49). No caso do Dragão, como “o guardião dos tesouros ocultos” (CHEVALIER e GERBRANT, 2015, p. 349). No caso da Fênix como a “ressurreição e imortalidade, reaparecimento cíclico” (CHEVALIER e GERBRANT, 2015, p. 422). E, por fim, no caso da vassoura, como “[...] símbolo do poder sagrado”. (CHEVALIER e GERBRANT, 2015, p. 932)

Capítulo 6 – O embarque na plataforma nove e meia			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Harry	Fama/Herói	“- Obrigado – disse Harry, afastando os cabelos suados dos olhos. - Que é isso? – perguntou de repente um dos gêmeos apontando para a cicatriz de Harry. - Caramba – disse o outro gêmeo. – Você é...? - Ele é – disse o outro gêmeo. – Não é? – acrescentou para Harry. - O que? – indagou Harry. - Harry Potter – disseram os gêmeos em coro. - Ah, ele – disse Harry. – Quer dizer, é, sou.”	85
Rony	Irmão mais novo	“-Não tem graça. E cuidem do Rony. - Não se preocupe, Roninho está seguro como gente. - Cale a boca – mandou Rony outra vez.”	87
Rony	Ambicioso/exigido	“[...] - Sou o sexto de minha família a ir para Hogwarts. Pode-se dizer que tenho que fazer justiça ao nosso nome , Gui e Carlinhos já terminaram a escola. Gui foi chefe dos monitores e Carlinhos foi capitão do time de quadribol. Agora Percy	

		é monitor. Fred e Jorge fazem muita bagunça, mas tiram notas muito boas e todo mundo acha que eles são realmente engraçados. Todos esperam que eu me saia tão bem quanto os outros, mas se eu me sair bem, não será nada de mais, porque eles fizeram isso primeiro ”.	
Hermione	Autoritária	“- Alguém viu um sapo? Neville perdeu o dele. – Tinha um tom de voz mandão , cabelos castanhos muito cheios e os dentes da frente meio grandes.”	94
Hermione	Sábia/ Autoritária	“- Você tem certeza de que esse feitiço está certo? – perguntou a menina. – Bem, não é muito bom, né? Experimentei uns feitiços simples só para praticar e deram certo. Ninguém na minha família é bruxo, foi uma surpresa enorme quando recebi a carta, mas fiquei tão contente, é claro, quero dizer, é a melhor escola de magia existente, me disseram. Já sei de cor todos os livros que nos mandaram comprar , é claro, só espero que seja suficiente; aliás, sou Hermione Granger, e vocês quem são?”	94
Hermione	Sábia	“[...]Já ouvi falar de você, é claro. Tenho outros livros recomendados, e você está em <i>História da magia moderna</i> e em <i>Ascensão e queda das artes das trevas</i> e em <i>Grandes acontecimentos mágicos do século XX.</i> - Estou? - Nossa, você não sabia, eu teria procurado saber tudo que pudesse se fosse comigo – disse Hermione.”	94-95

Capítulo 6: esse é o primeiro capítulo em que Rony e Hermione aparecem. E já de cara eles demonstram suas personalidades. Hermione surge como uma menina extremamente inteligente e por ter consciência disso, ela também é bastante autoritária.

Já Rony é um menino tímido, acostumado a viver nas sombras dos cinco irmãos mais velhos que possui. Ele também se mostra, logo no início de sua aparição, um menino humilde, consciente das dificuldades financeiras da família, e por isso, se sente um pouco “rebaixado” socialmente e pouco confiante. Também em razão disso, Rony demonstra grande vontade de superar os irmãos, ser alguém respeitável, digno de nota. Ele é ambicioso.

Harry, nesse capítulo, consegue ser, pela primeira vez dentro da história, uma criança normal. Gastando dinheiro com doces e comendo-os despreocupadamente na companhia de um amigo.

Capítulo 7 – O chapéu seletor			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página

Harry	Inseguro	<p>“O coração de Harry deu um pulo terrível. Um teste? Na frente da escola toda? Mas ele ainda nem conhecia mágica nenhuma – que diabo teria que fazer? Não previra nada do gênero assim logo na chegada. Olhou à volta, ansioso, e viu que os outros também pareciam apavorados. Ninguém falava muito a não ser Hermione, que cochichava muito depressa todos os feitiços que aprendera, sem saber o que precisaria mostrar. Harry fez força para não escutar o que ela dizia. Nunca se sentira tão nervoso, nunca, nem mesmo quando tivera que levar um boletim escolar para os Dursley dizendo que, não sabiam como, ele fizera a peruca do professor ficar azul. Ele manteve os olhos grudados na porta. A qualquer segundo agora a Profa. Minerva voltaria e o conduziria ao seu triste fim.”</p>	102
Harry Rony Hermione	Nobre cavalheiro	<p>“<i>Quem sabe sua morada é a Grifinória, Casa onde habitam os corações indômitos. Ousadia e sangue-frio e nobreza Destacam os alunos da Grifinória dos demais;</i>” (trecho da música do Chapéu Seletor – sobre características dos alunos de cada uma das casas)</p>	104-105
Harry	Famoso	<p>“- Harry Potter! Quando Harry se adiantou, correu um burburinho por todo o salão como um fogo de rasilho. - <i>Potter</i>, foi o que ela disse? - <i>O Harry Potter?</i> A última coisa que Harry viu antes de o chapéu lhe cair sobre os olhos foi um salão cheio de gente se espichando para lhe dar uma boa olhada. Em seguida só viu a escuridão do chapéu.”</p>	107
Harry	Nobre Cavalheiro/ Herói	<p>“- Difícil. Muito difícil. Bastante coragem, vejo. Uma mente nada má. Há talento, ah, minha nossa, uma sede razoável de se provar, ora isso é interessante... Então onde vou colocá-lo? Harry apertou as bordas do banquinho e pensou “Sonserina, não, Sonserina, não”. - Sonserina, não, hein? – disse a vizinha. – Tem certeza? Você poderia ser grande, sabe, está tudo aqui na sua cabeça, e a Sonserina lhe ajudaria a alcançar essa grandeza, sem dúvida nenhuma, não? Bem, se você tem certeza, ficará melhor na GRIFINÓRIA!”</p>	107-108

Capítulo 7: nesse capítulo pode-se destacar a leitura da personalidade de Harry pelo

Chapéu Seletor de Hogwarts, que nos dá algumas informações a mais sobre o menino, e também a descrição da personalidade geral dos alunos pertencentes à casa Grifinória – corajosos, e heroicos -, à qual Harry é selecionada. Ambas as situações, nos fazem pensar em Harry, mais uma vez como o herói.

Ainda é possível destacar o contato de Harry e Rony com os professores da escola, entre eles Minerva. Sua impressão a respeito dela está bastante ligada à descrição da personagem greco-romana de mesmo nome, ou seja, sábia, íntegra, austera.

Harry, no entanto, está mais inseguro do que nunca, o que demonstra suas características de anti-herói.

Capítulo 8 – O mestre das poções			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Harry	Corajoso	<p>“Harry fez força para continuar olhando diretamente para aqueles olhos frios. Folheara os livros na casa dos Dursley mas será que Snape esperava que ele se lembrasse de tudo o que vira em <i>Mil ervas e fungos mágicos</i>?</p> <p>Snape continuava a desprezar a mão trêmula de Hermione.</p> <p>- Qual é a diferença, Potter, entre o acônito lo-coctono e acônito lapelo?</p> <p>Ao ouvir isso, Hermione se levantou, a mão esticada em direção ao teto da masmorra.</p> <p>- Não sei – disse Harry em voz baixa. – Mas acho que Hermione sabe, por que o senhor não pergunta a ela?”</p>	121
Rony	Conselheiro	<p>“A injustiça foi tão grande que Harry abriu a boca para argumentar, mas Rony deu-lhe um pontapé por baixo trás do caldeirão.</p> <p>- Não force a barra – cochichou. – Ouvi dizer que Snape pode ser muito indigesto.”</p>	122-123
Harry	Astuto	<p>“[...]Harry releu a notícia. <i>O cofre aberto na realidade fora esvaziado mais cedo naquele dia.</i> Hagrid esvaziara o cofre setecentos e treze, se é que se podia chamar de esvaziar alguém levar aquele pacotinho encalombado. Seria aquilo que os ladrões estavam procurando?</p> <p>Quando Harry e Rony voltaram ao castelo para jantar, tinham os bolsos pesados com os biscoitos que a educação os impedira de recusar. Harry pensou que nenhuma das aulas que tivera até ali tinha-lhe dado tanto o que pensar quando o chá com Rúbeo Hagrid. Será que Hagrid tinha apanhado o pacote bem na hora? Onde estava o pacote agora? Será que ele sabia alguma</p>	125

		coisa de Snape que não queria contar a Harry?”	
--	--	---	--

Capítulo 8: Harry mostra pela primeira vez, mesmo que superficialmente, que possui instintos de coragem quando provocado, e que não recua diante de situações de raiva ou medo. Característica importante para um herói e mostrada com mais clareza no fim da história. Também é possível a astúcia e curiosidade de Harry em relação a situações mal explicadas.

Já Rony se mostra um pacificador, tentando acalmar os ânimos de Harry, consolá-lo e mostrar a razão em um momento de raiva.

Capítulo 9 – O duelo à meia-noite			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Harry	Habilidoso/ Atleta	“- Estiquem a mão direita sobre a vassoura – mandou Madame Hooch diante deles – e digam “Em pé!” - EM PÉ! – gritaram todos. A vassoura de Harry pulou imediatamente para sua mão, mas foi uma das poucas que fez isso. A de Hermione Granger simplesmente se virou no chão e a de Neville nem se mexeu.”	128
Harry	Defensor/ Herói/ Corajoso	“- Olhe! – disse Draco, atirando-se para frente e recolhendo alguma coisa na grama. – É aquela porcaria que a avó do Neville mandou. O Lembrol cintilou ao sol quando o garoto o ergueu. - Me dá isso aqui, Draco – falou Harry em voz baixa. Todos pararam de conversar para espiar. Draco soltou uma risada malvada. - Acho que vou deixá-la em algum lugar para Neville apanhar, que tal em cima de uma árvore? - Me dá isso <i>aqui</i> – berrou Harry, mas Draco montara na vassoura e saía voando. Ele não mentira, <i>sabia</i> voar bem, e planando ao nível dos ramos mais altos de um carvalho desafiou: - Venha buscar, Potter! Harry agarrou a vassoura.”	130
Harry Rony	Fora-da-lei	“Havia uma boa chance de serem pegos por Filch ou por Madame Nor-r-ra, e Harry sentiu que estava abusando da sorte, desrespeitando mais de um regulamento da escola no mesmo dia. Por outro lado, a cara de deboche de Draco não parava de lhe aparecer no escuro – essa era sua grande oportunidade de vencer Draco cara a cara. Não podia perde-la.	136

		- Onze e trinta – Rony cochichou finalmente, é melhor irmos.”	
Hermione	Autoritária/ Sábia	- Tinham quase chegado à abertura do retrato quando uma voz falou da poltrona mais próxima. - Não posso acreditar que você vai fazer isso, Harry. Uma lâmpada se acendeu. Era Hermione Granger, de robe cor-de-rosa e cara fechada. - <i>Você!</i> – exclamou Rony furioso. – Volte para a cama! - Quase contei ao seu irmão – retorquiu Hermione. – Percy, ele é monitor, ia acabar com essa história.”	136
Harry Rony Hermione	Fora-da-lei	“Não estavam em uma sala, conforme ele supusera. Achavam-se num corredor. O corredor proibido do terceiro andar. E agora sabiam por que era proibido. Estavam encarando os olhos de um cachorro monstruoso, um cachorro que ocupava todo o espaço entre o teto e o piso. Tinha três cabeças. Três pares de olhos que giravam enlouquecidos; três narizes, que franziam e estremeciam farejando-os; três bocas babosas, a saliva escorrendo em cordões viscosos das presas amarelas”	141
Hermione	Sábia	“- Vocês não usam os olhos, vocês todos, usam? – perguntou com rispidez. – Vocês não viram em cima do que ele estava? - No chão? – arriscou Harry. – Eu não fiquei olhando para as patas, estava ocupado demais com as cabeças. - Não, não estou falando do chão. Ele estava em cima de um alçapão. É claro que está guardando alguma coisa.”	142
Harry	Astuto	“Mas Hermione tinha dado a Harry algo em que pensar quando voltou para a cama. O cachorro estava guardando alguma coisa... Que era que Hagrid tinha dito? Gringotes era o lugar mais seguro do mundo quando se queria esconder alguma coisa – com exceção talvez de Hogwarts. Parecia que Harry descobrira onde o pacotinho encalombado do cofre setecentos e treze tinha ido parar.	142

Capítulo 9: Harry e Rony se mostram dois “Fora-da-lei”, quebrando regras em prol de uma causa. Já Hermione se mostra cada vez mais inteligente, e também madura. Pela primeira vez eles se deparam com o cão de três cabeças, conhecido na mitologia greco-romana como

“Cérbero”. O animal tem um papel bastante importante no desfecho da história e também no sentido arquetípico.

De acordo com o Dicionário de Símbolos, de Chevalier e Gerbrant (2015),

Cérbero é o cão monstruoso de múltiplas cabeças (três, cinquenta, cem), com cauda de dragão, e o dorso eriçado de cabeças de serpente. Proíbe que os vivos entrem no inferno, e que os monstros saiam. Os dois únicos a realizarem essa façanha foram Hércules (Hércules) – que o dominou com suas próprias forças – e Orfeu, que o encantou (e adormeceu) ao som de sua lira” (CHEVALIER e GERBRANT, 2015, p. 221 – 222)

Ele também simboliza o “inferno interior de cada ser humano” (CHEVALIER e GERBRANT, 2015, p. 222).

Capítulo 10 – O Dia das Bruxas			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Harry Rony	Fora-da-lei/ Aventureiros	“Harry e Rony começaram a achar que o encontro com o cachorro de três cabeças fora uma excelente aventura e estavam prontos para outra”	143
Hermione	Sabe-tudo	“- Você está dizendo o feitiço errado – Harry ouviu Hermione corrigir aborrecida. – É ving-gardium levi-o-as, o “gar” é bem pronunciado e longo. - Diz você então, que é tão sabichona – retrucou Rony. Hermione enrolou as mangas das vestes, bateu a varinha e disse: - Vingardium leviosa! A pena se ergueu da mesa e pairou a mais de um metro acima da cabeça deles.”	150
Rony Harry	Fora-da-lei	“- Acabei de me lembrar da Hermione. - O que tem ela? - Ela não sabe que tem um trasgo aqui. Rony mordeu o lábio. - Ah, está bem – falou ríspido. – Mas é melhor Percy não ver a gente. Abaixando-se, eles se misturaram aos alunos da Lufa-Lufa que iam na direção contrária, escapuliram por um lado deserto do corredor e correram para os banheiros das meninas.”	151-152
Rony Harry	Heróis	“-Distrai ele! – Harry pediu desesperado a Rony, e, agarrando uma torneira, atirou-a com toda a força contra a parede. O trasgo parou a um metro de Hermione. Virou-se com lentidão, piscando sem entender, procurou ver que barulho era aquele. Seus olhinhos	153-154

		<p>malvados viram Harry. Ele hesitou, em seguida partiu para cima de Harry, erguendo o bastão. [...] Harry então fez uma coisa que era ao mesmo tempo muito corajosa e muito idiota: tomou impulso e deu um salto conseguindo abraçar o pescoço do trasgo pelas costas. O trasgo não sentiu Harry pendurar-se ali, mas até um trasgo percebe quando se espeta um pedaço comprido de pau dentro da narina, e a varinha de Harry ainda estava na mão quando ele saltou – e entrou direto na narina do trasgo. [...] Hermione afundara no chão de tanto medo; Rony puxou a própria varinha – sem saber o que ia fazer, ouviu-se gritando o primeiro feitiço que lhe veio à cabeça: <i>Vingardium leviosa!</i> Na mesma hora o bastão voou da mão do trasgo, ergueu-se no ar, foi subindo, subindo, virou-se lentamente – e caiu, com um barulho feio, na cabeça do seu dono. O trasgo cambaleou e, em seguida, caiu de cara no chão, com um baque que fez o banheiro todo sacudir.”</p>	
--	--	--	--

Capítulo 10: esse capítulo mostra Harry e Rony agindo em desacordo com as regras de Hogwarts em vários momentos, mas sempre tendo causas justificáveis. Também reforça o papel autoritário de Hermione. Em seguida, mostra que, por estarem em desacordo com a lei, Harry e Rony acabam assumindo o papel de heróis, quando esses se deparam com o Trasgo, também conhecido na mitologia nórdica como Troll - a variação “Ogro” também é comum. Eles são descritos como seres altos, com uma cabeça muito pequena em relação ao corpo, pernas curtas, braços desproporcionalmente longos, pele cinzenta e grossa. Também é comum que eles carreguem um bastão de madeira na maior parte das representações. Em Harry Potter, ele também é descrito como tendo mau cheiro e como um ser de capacidade intelectual muito limitada.

Capítulo 11 – Quadribol			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Harry	Vítima	<p>“De repente, as pessoas em todas as arquibancadas estavam apontando para Harry no alto. Sua vassoura começara a jogar para um lado e para o outro, e ele mal conseguia se segurar. Então a multidão gritou. A vassoura dera uma guinada violenta e Harry desmontara. Estava agora pendurado, aguentando-se apenas com uma mão.”</p>	165

Hermione	Sábua	<p>“Ao ouvir isso, Hermione agarrou o binóculo de Hagrid, mas ao invés de olhar para Harry no alto, começou a espiar agitadíssima para a multidão.</p> <p>- Que é que você está fazendo? – gemeu Rony, o rosto branco.</p> <p>- Eu sabia! – exclamou Hermione. – Snape. Olhe.</p> <p>Rony agarrou o binóculo, Snape estava no centro das arquibancadas do lado oposto. Tinha os olhos fixos em Harry e movia os lábios sem parar.</p> <p>- Eles está fazendo alguma coisa, ele está azarando a vassoura – disse Hermione.”</p>	165
Hermione	Fora-da-lei/ Heroína	<p>“Hermione abriu caminho até a arquibancada onde estava Snape e agora corria pela fileira atrás dele; nem parou para pedir desculpas quando derrubou o Prof. Quirrell de cabeça na fileira da frente. Ao chegar perto de Snape, ela se agachou, puxou a varinha e disse algumas palavras bem escolhidas. Chamas vivas e azuladas saíram de sua varinha para a barra das vestes de Snape.</p>	166

Capítulo 11: é um capítulo curto que se passa praticamente todo durante uma partida de quadribol, o principal esporte dos bruxos. Dessa forma Harry aparece apenas como um jogador.

O capítulo mostra, no entanto, uma visível mudança no modo de agir de Hermione. Ela se mostra agora não apenas uma menina inteligente, mas uma amiga, alguém que também é capaz de quebrar regras e fazer coisas supostamente erradas, em prol daqueles que são seus amigos.

Capítulo 12 – O espelho de Ojesed			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Harry Rony	Criança/ Adolescente	<p>“Harry e os Weasley passaram uma tarde muito alegre ocupados em uma furiosa guerra de bolas de neve. Depois, frios, molhados e ofegantes, voltaram para junto da lareira na sala comunal da Grifinória, onde Harry estreou o seu novo jogo de xadrez perdendo espetacularmente para Rony. Suspeitou que não teria levado uma surra tão grande se Percy não tivesse tentado ajudá-lo tanto.”</p>	176
Harry	Explorador	<p>“De repente, Harry se sentiu completamente acordado. Toda a Hogwarts se abria para ele com esta capa. Sentiu-se tomado de excitação</p>	177

		<p>em pé ali na escuridão silenciosa. Podia ir a qualquer lugar com a capa, qualquer lugar, e Filch jamais saberia.</p> <p>Rony resmungou adormecido. Será que Harry devia acordá-lo? Alguma coisa o deteve – a capa do seu pai -, sentiu que desta vez – a primeira – queria usá-la sozinho.</p> <p>[...]</p> <p>Onde deveria ir? Parou, o coração acelerado, e pensou. E então lhe ocorreu. A seção reservada da biblioteca. Poderia ler o tempo que quisesse, o tempo que precisasse para descobrir quem era Flamel. Foi, então, puxando a capa bem junto do corpo ao andar.”</p>	
Harry	Órfão	<p>“Harry estava tão perto do espelho agora que seu nariz quase encostava em sua imagem.</p> <p>- Mamãe? – murmurou. – Papai?</p> <p>[...]</p> <p>Quanto tempo esteve parado ali, ele não sabia. As imagens não esmaeceram e ele continuou mirando-as até que um ruído distante o trouxe de volta ao presente. Não podia ficar ali, tinha que encontrar o caminho de volta para a cama. Com esforço, desviou os olhos do rosto de sua mãe, sussurrando, “eu volto” e saiu depressa do aposento.”</p>	180-181
Rony	Ambicioso	<p>“- Olhe só pra mim! – exclamou.</p> <p>- Você está vendo toda a sua família à sua volta?</p> <p>- Não, estou sozinho, mas estou diferente... pareço mais velho, e sou chefe dos monitores.</p> <p>- O quê?</p> <p>- Estou... usando um crachá igual ao do Gui... e estou segurando a taça das casas e a taça de quadribol, sou capitão do time de quadribol também.”</p>	182
Rony	Conselheiro	<p>“- Sei o que é que você está pensando, Harry, naquele espelho. Não volte lá hoje à noite.</p> <p>- Por que não?</p> <p>- Não sei, estou com uma intuição ruim, e de qualquer forma você já escapou por um triz muitas vezes, demais. Filch, Snape e Madame Nor-r-ra estão andando por lá. E daí se eles não conseguem ver você? E se esbarrarem em você? E se você derrubar alguma coisa?”</p>	183

Capítulo 12: esse capítulo se passa no período do Natal, e nele Harry pode ser visto outra vez como um menino órfão, que não espera ganhar presentes, porque nunca os ganhou antes, e que nem espera ser lembrado. Harry, porém, ganha uma capa da invisibilidade de um remetente misterioso e esse presente faz com que ele e Rony se tornem dois exploradores. Já não há limites

para eles.

Esse capítulo também é um dos que Rony mais se mostra em seu íntimo. Quando os meninos encontram o espelho de Ojesed, ele se vê como alguém digno de nota. Ele se mostra então como alguém ambicioso, mas não em um sentido negativo, e sim, no sentido de vencer na vida, mostrar seu valor, seus talentos. Sair das sombras dos irmãos.

Capítulo 13 – Nicolau Flamel			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Harry	Sortudo	“- Encontrei! – murmurou. – Encontrei Flamel! Eu disse a vocês que tinha lido o nome dele em algum lugar. Li-o no trem a caminho daqui. Escutem só isso: <i>O Prof. Dumbledore é particularmente famoso por ter derrotado Grindewald, o bruxo das Trevas, em 1945, e ter descoberto os doze usos do sangue de dragão, e por desenvolver um trabalho de alquimia em parceria com Nicolau Flamel.</i> ”	189
Hermione	Sábua	“- Viram? – disse Hermione, quando Harry e Rony terminaram. – O cachorro deve estar guardando a pedra Filosofal de Flamel! Aposto que pediu a Dumbledore que a guardasse em segurança, porque são amigos e ele sabia que alguém andava atrás dela, esse é o motivo por que Dumbledore quis transferir a pedra de Gringotes”.	190
Rony	Irônico/ Engraçado	“- E não admira que não conseguíssemos encontrar Flamel em <i>Estudos dos avanços recentes em magia</i> – disse Rony. – Ele não é bem recente, se já faz seiscentos e sessenta e cinco anos, não é mesmo? ”	190
Harry	Herói	“Harry deixou o vestiário sozinho algum tempo depois, para levar sua Nimbus 2000 de volta à garagem. Não se lembrava de ter se sentido mais feliz. Realmente fizera agora uma coisa de que poderia se orgulhar – ninguém poderia mais dizer que ele era apenas um nome famoso. ”	194
Harry	Explorador	“Harry tornou a montar a Nimbus 2000 e levantou voo. Planando silenciosamente sobre o castelo, viu Snape entrar na floresta correndo. Seguiu-o. ”	194
Harry Rony Hermione	Exploradores	“- Então tínhamos razão, é a Pedra Filosofal e Snape está tentando obrigar Quirrell a ajudá-lo a roubar. Ele perguntou se o outro sabia como passar pelo Fofó, e falou alguma coisa sobre as magiquinhas de Quirrell. Imagino que haja outras coisas protegendo a pedra	196

		além de Fofó, uma porção de feitiços, provavelmente, e Quirrel deve ter feito algum contrafeitiço de que Snape precisa para entrar...”	
--	--	--	--

Capítulo 13: a partir desse capítulo, cada uma das três personagens principais se mostra com características diferentes e complementares. Hermione se estabelece cada vez mais como a sábia do trio e até esse momento ela é quem tem o arquétipo mais bem definido dentro da história. Harry por sua vez, é aquele que tem a coragem, aquele que age, que toma a iniciativa, que enfrenta as situações difíceis. Ele sente medo e insegurança. Isso é bastante visível. Ele também sofre pelo histórico da falta dos pais, mas essas dificuldades só o impulsionam mais ao invés de abatê-lo.

Já Rony se mostra cada vez mais o amigo leal. Ele está sempre ao lado de Harry, assumindo o papel que for necessário, seja de pacificador, conselheiro, humorista ou defensor. Em uma história de cavalaria, eu diria que Rony é o Fiel Escudeiro de Harry Potter. Um escudeiro que sonha em ser grande e em tornar-se um lembrado por seus próprios méritos.

Capítulo 14 – Norberto, o dragão norueguês			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Hermione	Sábia/ Estudiosa	“Hermione, no entanto, tinha mais no que pensar do que na Pedra Filosofal. Começara a programar suas revisões e a marcar em cores suas anotações de aula para classificá-las. Harry e Rony não teriam se importado com isso, mas ela não parava de chateá-los para fazerem o mesmo.”	197
Hermione	Astuta	“- Ah, vamos, Rúbeo, talvez você não queira nos dizer, mas você sabe tudo o que acontece por aqui – disse Hermione num tom caloroso e lisonjeiro. – Só estávamos querendo saber realmente quem fez o feitiço de proteção – continuou Hermione. – Estávamos querendo saber em quem Dumbledore teria confiado o suficiente para ajudá-lo, além de você. O peito de Rúbeo se estufou ao ouvir essas palavras. Harry e Rony se abriram em sorrisos para Hermione. ”	200
Harry Rony Hermione	Fora-da-lei	“- Temos a capa da invisibilidade – disse Harry. – Não deve ser muito difícil: acho que a capa é bastante grande para cobrir dois de nós e o Norberto. O fato de os outros dois concordarem indicava como a semana fora ruim, Qualquer coisa para se livrarem de Norberto – e de Malfoy.”	205

Capítulo 14: Esse é um capítulo à parte. Aparentemente foi escrito para criar uma situação que levasse as personagens a um desfecho, ou seja, Harry precisava descobrir mais a frente que Voldemort estava envolvido na busca pela Pedra Filosofal, e que está escondido na floresta do Castelo de Hogwarts. Como Harry faria essa descoberta? Um dos modos mais eficientes, seria levando Harry até a floresta, mas seria necessário um bom motivo para ele ir até lá. Então Rowling coloca o menino numa fria, para que, como descobre-se no capítulo seguinte, o menino tenha que cumprir uma detenção na floresta.

Capítulo 15 – A floresta proibida			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Harry Hermione	Medrosos	“Filch levou-os à sala da Profa. Minerva no primeiro andar, onde eles ficaram sentados esperando, sem trocar uma palavra entre si. Hermione tremia. Desculpas, álibis e justificativas fantásticas substituíam-se umas às outras na cabeça de Harry, cada qual mais capenga do que a anterior. Ele não conseguia ver como iam se livrar desta encrenca. Estavam encurralados. Como podiam ter sido burros a ponto de se esquecerem da capa? Não havia nenhuma razão no mundo para a Profa. Minerva aceitar que estivessem fora da cama, esgueirando-se pela escola a altas horas da noite, e muito menos que estivessem na alta torre de astronomia, que era proibida aos alunos a não ser durante as aulas. Some-se a isso Norberto e a capa da invisibilidade e seria melhor começarem a fazer as malas.”	209
Harry	Criminoso	“ Da posição de aluno mais popular e admirado na escola, Harry passou à de mais odiado. Até os alunos da Corvinal e Lufa-Lufa se voltaram contra ele, porque todos desejavam há muito tempo ver a Sonserina perder a taça das casas. Para todo lado que Harry ia, as pessoas o apontavam e não se davam ao trabalho de baixar as vozes para xingá-lo. Os de Sonserina, por outro lado, batiam palmas quando ele passava e davam vivas.”	211
Rony	Amigo leal/ Conselheiro	“ Somente Rony continuou do seu lado. - Eles vão esquecer dentro de umas semanas. Fred e Jorge já perderam montes de pontos desde que chegaram aqui e as pessoas continuam a gostar deles.”	211
Harry	Medo	“Harry dera um passo à frente mas um som de algo que deslizava o fez congelar onde estava.	220

		Uma moita na orla da clareira estremeceu... Então, do meio das sobras saiu um vulto encapuzado que se arrastava de gatas pelo chão como uma fera à caça. Harry, Malfoy e Canino ficaram paralisados. ”	
Harry	Medo	“- Não consegue pensar em ninguém que tenha esperado muitos anos para retomar o poder, que se apegou à vida, esperando uma chance? Foi como se uma mão de ferro de repente apertasse o coração de Harry. Acima do farfalhar das árvores, ele parecia ouvir mais uma vez o que Hagrid lhe contara na noite que se conheceram: “Uns dizem que ele morreu. Bobagem na minha opinião. Não sei se ele ainda teria bastante humanidade para morrer. - Você está dizendo – Harry falou rouco – que aquele era o Vol... ”	223

Capítulo 15: Voldemort finalmente surge, tencionando a narrativa. O medo começa a se fazer mais presente. A ansiedade também. O espírito aventureiro, por outro lado, também é encontrado, especialmente nos trechos em que Harry, Rony e Hermione discutem uma possível intervenção ao roubo da Pedra Filosofal. Nesses momentos, inclusive, é preciso destacar, Rony é o que se mostra mais disposto a quebrar as regras para fazer o que é necessário. Ele acaba sendo um incentivador para os demais.

Outra curiosidade desse capítulo é que, são feitos diversos contatos com seres mitológicos que até então não haviam aparecido. Entre eles estão os centauros e os unicórnios. Os Centauros, segundo Chevalier e Gerbrant (2015) são “seres monstruosos da mitologia grega, cuja cabeça, braços e tronco são os de um homem e o resto do corpo e as pernas de um cavalo.” (CHEVALIER e GERBRANT, 2015, p. 219).

Capítulo 16 – No alçapão			
Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Harry	Medo	“No futuro, Harry nunca conseguiria lembrar muito bem como conseguiu prestar os exames enquanto esperava Voldemort irromper a qualquer instante pela porta. ”	225
Harry	Astuto	“- Vocês não acham um pouco estranho – disse Harry, subindo, às carreiras, a encosta gramada – que o que Rúbeo mais quer na vida é um dragão, e aparece um estranho que por acaso tem ovos de dragão no bolso, quando isso é contra as leis dos bruxos? Que sorte encontrar Rúbeo, não acham? Por que não percebi isso antes? ”	227

Harry	Corajoso (medo que o move)/ Herói	<p>“-Vou sair daqui hoje à noite e vou tentar apanhar a Pedra primeiro.</p> <p>- Você ficou maluco! – exclamou Rony.</p> <p>- Você não pode! – disse Hermione. – Depois do que a Profa. Minerva e Snape disseram? Vai ser expulso!</p> <p>- E DAÍ? – gritou Harry. – Vocês não percebem? Se Snape apanhar a pedra, Voldemort vai voltar! Vocês não ouviram contar como era quando ele estava tentando conquistar o poder? Não vai haver Hogwarts para nos expulsar! Ele vai arrasar Hogwarts, ou transformá-la numa escola de magia negra! Ganhar pontos não importa mais! Vocês não entendem? Acham que ele vai deixar vocês e suas famílias em paz, se Grifinória ganhar o campeonato das casas? Se eu for pego antes de conseguir a pedra, bem, vou ter que voltar para os Dursley e esperar Voldemort me encontrar lá. É só uma questão de morrer um pouquinho depois do que teria morrido, porque eu nunca vou me aliar aos partidários da magia negra! Vou entrar naquele alçapão hoje à noite e nada que vocês dois disserem vai me impedir! Voldemort matou meus pais, estão lembrados?”</p>	231-232
Rony Hermione	Amigos Leais Escudeiros	<p>“- Mas ela dá pra esconder nós três? – perguntou Rony.</p> <p>- Nós... nós três?</p> <p>- Ah, corta essa, você não acha que vamos deixar você ir sozinho?</p> <p>- Claro que não – disse Hermione com energia.</p> <p>– Como acha que vai chegar à Pedra sem nós? É melhor eu dar uma olhada nos meus livros, talvez encontre alguma coisa útil...”</p>	232
Harry	Herói	<p>“-Harry, que continuava a tocar a flauta, fez sinal para atrair a atenção de Rony e apontou para si mesmo.</p> <p>- Você quer ir primeiro? Tem certeza? – disse Rony. – Não sei qual é a profundidade dessa coisa. Dá a flauta para Hermione manter Fofó adormecido.”</p>	236
Hermione	Sábua	<p>“- Visgo do diabo, visgo do diabo... o que foi que a professora Sprout disse? Gosta de umidade e de escuridão...</p> <p>- Então acenda um fogo! – engasgou-se Harry.</p> <p>[...]</p> <p>- Ah, certo! – disse Hermione e, puxando a varinha, sacudiu-a, murmurou alguma coisa e despachou um jato daquelas chamas azuis que usara</p>	238

		em Snape contra as plantas. E questão de segundos, os dois meninos sentiram a planta afrouxar e se encolher para longe da luz e do calor. Torcendo-se, ela se desenrolou dos corpos dos meninos que puderam se levantar. - Que sorte que você presta atenção às aulas de Herbologia, Hermione – disse Harry, quando se juntou a ela ao pé da parede, enxugando o suor do rosto.”	
Harry	Atleta	“ Mas não era à toa que Harry era o mais jovem apanhador do século. Tinha um jeito para localizar as coisas que os outros não tinham. Depois de um minuto trançando pelo redemoinho de penas, ele notou uma chave grande de prata que tinha uma asa dobrada, como se já tivesse sido apanhada e enfiada de qualquer jeito na fechadura.”	239-240
Rony	Estrategista	“- Acho que vamos ter que virar peças. Ele se dirigiu a um cavalo preto e esticou a mão para tocar seu cavaleiro. No mesmo instante, a pedra ganhou vida. O cavalo pateou o tabuleiro e seu cavaleiro virou a cabeça protegida por um elmo para olhar Rony. - Temos que nos unir a vocês para chegar ao outro lado? O cavaleiro preto confirmou com a cabeça. Rony virou-se para os outros dois. - Isto exige reflexão – disse. – Suponho que a gente tenha que tomar o lugar de três peças pretas... Harry e Hermione ficaram quietos, observando Rony refletir. Finalmente ele disse: - Agora não vão se ofender, mas nenhum dos dois é tão bom assim em xadrez... - Não estamos ofendidos – interrompeu Harry depressa. – Diga o que vamos fazer. - Bom, Harry, você toma o lugar daquele bispo e, Hermione, você fica ao lado dele substituindo a torre. - E você? - Vou ser o cavaleiro. ”	241
Rony	Herói	“- É... – continuou baixinho – é o jeito... Preciso me sacrificar. - NÃO! – Harry e Hermione gritaram. - Isto é xadrez! – retorquiu Rony. – A pessoa tem que fazer alguns sacrifícios! Dou um passo à frente e ela me come, isso deixa você livre para dar o xeque-mate no rei, Harry! - Mas... - Você quer deter Snape ou não?”	242

		- Rony... - Olhe, se você não se apressar, ele já terá apanhado a Pedra! Não havia opção.”	
Hermione	Heroína	“Hermione deixou escapar um grande suspiro e Harry, perplexo, viu que ela sorria, a última coisa que ele tinha vontade de fazer. - Genial – disse. – Isso não é mágica, é lógica, uma charada. A maioria dos grandes bruxos não tem um pingo de lógica, ficariam presos aqui para sempre. - E nós também, não? - Claro que não. Tudo o que precisamos está aqui nesse papel. Sete garrafas: três contêm veneno; duas, vinho; uma nos ajudará a passar a salvo pelas chamas negras; e uma nos levará de volta através das chamas roxas.”	244

Capítulo 16: é um dos capítulos mais importantes, pois cada uma das três personagens mostra seus dons e seu valores. Hermione, comprova ainda mais sua sabedoria, mostra sua inteligência e salva os amigos graças a isso. Rony mostra seu senso prático, sua frieza diante de situações difíceis, e inclusive a habilidade de brincar quando está nervoso ou com medo. Harry, por fim, é quem tem a coragem. É quem age. Dessa forma, os três se completam, suas habilidades são complementares.

Nesse capítulo temos o grande momento de Rony, como amigo e fiel escudeiro em ascensão, quando ele se mostra um jogador de xadrez muito habilidoso, salva os amigos graças a isso e inclusive, se sacrifica “pelo bem maior”, para que se possa alcançar o objetivo de impedir Voldemort de retomar o poder. A partida de xadrez também nos faz pensar sobre seu pensamento estratégico, já que esse é um jogo de estratégia.

Nesse capítulo também percebe-se que Harry percorreu até aqui uma jornada de herói, mas fica muito claro que ele não teria conseguido sozinho, o que complexifica o enredo, torna a personagem mais real, mais próximo do leitor. Ele se mostra um líder, porque se preocupa com o bem-estar dos demais. É também aquele que se coloca à frente dos amigos nos momentos de medo, perigo, mesmo que ele próprio esteja com medo. Isso o caracteriza ainda mais como um herói.

Nesse capítulo também temos o início do clímax da história, e esse clímax tem uma forte relação com a mitologia – mais especificamente com o mito de Orfeu e Cérbero - e com o arquétipo do herói.

Personagem	Arquétipo	Excerto	Página
Harry	Medo	<p>“Harry sentiu como se o visgo do diabo o tivesse pregado no chão. Não conseguia mover nenhum musculo. Petrificado, viu Quirrell erguer os braços e começar a desenrolar o turbante. Que estava acontecendo? O turbante caiu. A cabeça de Quirrell parecia estranhamente pequena sem ele. Então ele virou de costas sem sair do lugar.</p> <p>Harry poderia ter gritado, mas não conseguiu produzir nem um som. Onde deveria estar a parte de trás da cabeça de Quirrell, havia um rosto, o rosto mais horrível que Harry já vira. Era branco-giz com intensos olhos vermelhos e fendas no lugar das narinas, como uma cobra.”</p>	250
Harry	Sortudo	<p>“Quirrell aproximou-se de Harry pelas costas. Harry respirou o cheiro esquisito que parecia vir do turbante de Quirrell. Fechou os olhos, adiantou-se para se postar na frente do espelho, e tornou a abri-los.</p> <p>A princípio viu a sua imagem, pálida e apavorada. Mas um segundo depois, a imagem sorriu pra ele. Levou a mão ao bolso e tirou uma pedra cor de sangue. Aí piscou e devolveu a pedra ao bolso – e ao fazer isto, Harry sentiu uma coisa pesada cair dentro do seu bolso de verdade. De alguma forma – inacreditável – estava de posse da Pedra.</p>	249
Harry	Instinto/ Coragem/ Herói	<p>“Quirrell levantou a mão para jogar uma praga letal, mas Harry, por instinto, esticou as mãos e agarrou a cara de Quirrell.</p> <p>-AAAAAI!</p> <p>Quirrell saiu de cima dele, seu rosto se encheu de bolhas também, e então Harry entendeu: Quirrell não podia tocar sua pele, sem sofrer dores terríveis – sua única chance era dominar Quirrell, causar-lhe dor suficiente para impedi-lo de lançar feitiços.”</p>	251
Harry	Altruísta	<p>“[...] Cheguei a tempo de tirar Quirrell de cima de você...</p> <p>- Então foi o <i>senhor</i>.</p> <p>- Receei que tivesse chegado tarde demais.</p> <p>- Quase chegou, eu não poderia ter mantido Quirrell afastado da Pedra por muito mais tempo...</p> <p>- Não da Pedra, menino, de você. O esforço que você fez quase o matou. Por um instante terrível, receei que tivesse matado. Quanto à Pedra, ela foi destruída.”</p>	253

Capítulo 17: O último capítulo traz apenas Harry enfrentando o vilão da história. Ele sente

medo em muitos momentos, como fica claro, na leitura, e em outros momentos também acontece de ele nem mesmo saber como agir. O faz muito no instinto, e conta bastante com a sorte. Mas mesmo nesses momentos ele costuma se mostrar corajoso e até mesmo altruísta. Cumpre sua missão – a missão que ele próprio se impôs - da melhor forma que consegue até receber novamente ajuda de bruxos superiores como o mago Dumbledore, diretor da Escola de Magia onde os fatos acontecem.

Por fim, ainda nesse capítulo, Harry embarca novamente no Expresso de Hogwarts e retorna, não sem pesar, à casa dos tios, os Dursley, com quem terá que passar o verão até o início do período letivo. Harry Potter, no entanto, se dá conta de que pode ser beneficiado por sua condição de bruxo, uma vez que os tios e o primo passaram a vê-lo como algo a ser temido.

Com base na tabela construída, e nas considerações feitas até aqui, já podemos considerar que tanto Harry Potter quanto Hermione Granger possuem um arquétipo mais entranhado em suas personalidades, que é o do herói e o do sábio, respectivamente. Já a personagem Rony Weasley possui um conjunto de características que em uma análise mais profunda podem nos levar a um arquétipo maior, como o do “Amigo”, ou do “Fiel Escudeiro”. Nenhum deles possui, no entanto, uma característica única, justamente porque suas personalidades, como já havia sido citado, são bastante complexas dentro da narrativa. São personagens redondos.

Uma análise mais profunda dessa tabela e de seus elementos será realizada em seguida, a fim de analisar quais os arquétipos presentes e encontrados na obra, e também suas contribuições para a narrativa e a literatura fantástica. Para isso, utilizaremos dos conhecimentos adquiridos ao longo do desenvolvimento da presente pesquisa, como teoria da narrativa e da literatura fantástica, psicologia analítica, bem como os conhecimentos gerais a respeito da obra de J. K. Rowling.

6 CONSIDERAÇÕES INTERPRETATIVAS

Tendo como base as pesquisas realizadas até aqui a respeito de narratologia, da psicologia analítica, e sobre a vida e obra de J. K. Rowling, partiremos agora para uma análise mais profunda dos arquétipos encontrados em Harry Potter, nos personagens Harry, Rony e Hermione, buscando não apenas a compreensão de quais são eles, mas também, sua importância dentro da narrativa e dentro do gênero fantástico.

Iniciaremos a análise com a construção de uma segunda tabela, que terá por objetivo resumir as tabelas feitas no capítulo anterior, para facilitar a compreensão a respeito dos arquétipos. Essa tabela conterá os seguintes elementos: personagem e arquétipos. No espaço personagem, será apresentada a personagem analisada. No espaço arquétipos, serão elencados os arquétipos encontrados em relação àquela personagem.

Tabela 4: resumo dos arquétipos encontrados

Personagem	Arquétipos
Harry	Herói, Órfão, Mago, o Cara Comum, Inocente, Famoso, Inseguro, Corajoso, Astuto, Fora-da-lei, Vítima, Criança/Adolescente, Sortudo, Explorador, Atleta, Instintivo, Altruísta.
Rony	Mago, Irmão mais novo, Ambicioso, Conselheiro, Fora-da-lei, Herói, Criança/Adolescente, Bobo-da-corte, Explorador, Inseguro, Leal, Estrategista.
Hermione	Mago, Autoritário, Sábio, Fora-da-lei, Herói, Explorador, Astuta, Inseguro, Leal.

Por meio dessa tabela, é possível observar que cada personagem possui um conjunto de arquétipos relacionados à sua personalidade, e não apenas um, o que os torna personagens bastante complexos dentro da narrativa. Ou, como define Gancho (2002), personagens redondos.

É possível observar também que a mesma personagem possui arquétipos controversos em si, como medo e insegurança, mas também coragem e desejo por explorar. Isso, além de aumentar a compreensão sobre a complexidade das personagens também as torna mais próximas do leitor, que se identifica mais facilmente. Humanos que somos, também possuímos momentos de medo e de coragem em nossas vidas.

Além disso, também é possível observar que as três personagens analisadas possuem

arquétipos em comum, mas também, arquétipos próprios, o que torna o trio parecido em suas personalidades e formas de agir, mas ao mesmo tempo complementar um ao outro. O que falta em um, está presente no outro e vice-versa. É justamente essas características complementares e individuais que veremos a seguir.

6.1 As personagens e seus arquétipos

Em comum, todos os três personagens possuem os arquétipos do Mago, do Fora-da-Lei, do Explorador e do Inseguro. O arquétipo do Mago se deve pelo fato óbvio de os três serem bruxos, estarem em uma escola de magia, estudando feitiços, poções, transfigurações, usos de plantas mágicas, entre outras disciplinas. O arquétipo do Fora-da-Lei, por sua vez, se deve pelas regras quebradas, especialmente por Harry e Rony, mas também por Hermione em diversos momentos.

É curioso, entretanto, que todas as atitudes do trio tidas como Fora-da-Lei, tenham ligação com objetivos maiores do que o prazer próprio ou simplesmente a vontade de agir em desacordo. Dessa forma, o não-cumprimento de regras, em praticamente todas as ocasiões, acabaram resultando no desfecho da narrativa que os tornou efetivamente heróis, já que salvaram a escola e o mundo da magia com seus feitos. Diante disso, pode-se dizer que na narrativa de Harry Potter, o arquétipo do Fora-da-Lei está intimamente ligado ao arquétipo do Herói. O que faz sentido, já que segundo Mark e Pearson (2005), o Fora-da-Lei possui como principal meta a destruição daquilo que não está funcionando. Fica bastante claro que esse é o objetivo das personagens principais.

Em relação ao arquétipo do Explorador, tem como base o fato de os jovens “se meterem onde não deveriam” por curiosidade, mas também com o objetivo de fazer algo para que “o mal não vença”. Ao invés de esperarem que o mundo se torne o lugar ideal para que possam viver tranquilamente, eles partem para uma jornada com o objetivo de construir eles mesmos o mundo externo que “se adapta às necessidades, preferências e esperanças interiores” (MARK e PEARSON, 2005, p. 79).

Já o arquétipo do Inseguro não é citado por Mark e Pearson, porém, sabe-se que o inseguro, segundo o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa (2008) é aquele que não tem segurança, confiança em si próprio, é aquele que titubeia, fica tímido, medroso, hesitante. Essas características aparecem em diversos momentos em todos os três personagens. Não é de se admirar, porque os fatos enfrentados pelo trio na narrativa estão bem acima das capacidades de três jovens bruxos de apenas 11 anos, crianças ainda, portanto.

Já em relação a características individuais, entre as três personagens, Hermione é aquela que possui um padrão maior em seus arquétipos durante toda a história. Ela inicia sendo uma menina autoritária e sabe-tudo e termina dessa mesma forma, porém, mais humilde em relação aos outros dois personagens, já que se torna amiga deles em meados da narrativa.

É muito fácil definir Hermione como a Sábia, entre os três. Ela é aquela que mais usa a inteligência durante toda a história. Sempre rodeada por livros ela é aquela que primeiro encontra as soluções lógicas para os problemas e essa característica sua se mostra fundamental no desenvolvimento da história, já que é ela quem primeiro percebe que o cão de três cabeças está escondendo algo, que Nicolau Flamel foi um alquimista e que o que está sendo protegido e também buscado pelo vilão é a Pedra Filosofal.

Além disso, depois de iniciada a jornada do trio no subsolo do castelo em busca da pedra, seus conhecimentos são úteis em mais de uma ocasião, começando pelo momento em que é necessário livrar-se das garras de uma planta, e encerrando no momento em que ela e Harry se deparam com um jogo de lógica que precisa ser resolvido para que Harry tome a poção certa – e não um veneno – que permitirá sua passagem para a câmara seguinte e o encontro com o vilão para o desfecho da história.

Nesse momento, Hermione não deixa de ser também uma Heroína. Além de ter feito toda a jornada do herói junto de Harry, ela mostra que seu papel é extremamente importante também, e que sem sua presença, Harry não teria conseguido. É graças também a seu trabalho que a missão de Harry é cumprida.

Rony, por sua vez, é o que tem uma variação maior. Ao longo da história, diversos arquétipos diferentes aparecem em sua forma de pensar e agir, o que torna bastante difícil definir sua personalidade de uma forma mais geral. Uma das características que se sobressaem, porém, é a da ambição no sentido de querer ser alguém importante, alguém que mereça reconhecimento, alguém digno de nota. Essa característica se deve, claramente, à sua criação junto de diversos irmãos mais velhos, que tiveram por si só seus méritos. Rony cobra de si mesmo um desempenho igual ou melhor. Acaba conseguindo esse destaque ao fim da narrativa, no clímax da história, quando mostra seus dons de estrategista e jogador de xadrez sem os quais Harry não teria conseguido vencer.

A personagem é também, porém, uma espécie de camaleão dentro da história. Ele se adapta facilmente a vários papéis. Em alguns momentos é aquele que torna o clima mais leve e agradável para o trio, porque deixa transparecer o arquétipo do Bobo-da-corte, em outros momentos é o Conselheiro, aquele que apazigua Harry ou o faz agir. Em todos os momentos, é preciso ressaltar, ele está ao lado de Harry, se dispõem a acompanhá-lo, ajudá-lo e inclusive

defendê-lo, de forma que fica muito transparente o arquétipo do Fiel Escudeiro, como nas velhas histórias de cavaleiros. Se Harry é o cavaleiro herói, tanto Rony quanto Hermione são aqueles que tornam sua jornada possível por meio de facilitações.

Por esses motivos, além de ser também um Herói no momento do jogo de xadrez – porque assim como acontece com Hermione, nesse momento o papel de Rony foi fundamental para a conclusão da jornada de Harry – jogando magnificamente bem e sacrificando-se para que Harry e Hermione possam seguir adiante na missão, Rony pode ser definido também como o Amigo, em termos arquetípicos. Basta que pensemos em na palavra *amigo*. A maior parte das pessoas pensa em um mesmo conceito para ela, com pequenas variações, baseadas em suas próprias experiências. A essência, porém, é a mesma, e Rony, se enquadra perfeitamente nesse arquétipo.

Harry, por fim, inicia tendo um papel de herói, porém, um herói que nem compreende o que fez para sê-lo. Por isso, tendo como base a teoria da narrativa, pode se concluir que Harry inicia sua história, na verdade, como um anti-herói – aqueles que não possuem características que os distingam dos demais, mas que por algum motivo acabam no papel de heróis. Porque Harry é um bebê quando a queda do mago das trevas acontece, e porque como fica claro no início da história, nem mesmo se tem ideia do porque aquele menino de um ano de vida conseguiu derrotar um bruxo poderosíssimo. Porém, graças a necessidade de se provar, e de agir como o herói que o mundo vê nele, Harry acaba percorrendo a trajetória do herói, como descreve Campbell, em sua obra *O herói de mil faces* (2000).

Nas fases apresentadas por Campbell, a primeira é a partida, onde o herói recebe um chamado para a aventura e precisa deixar o lugar confortável ou conhecido. Logo após isso, ele recusa esse chamado, duvida dele, mas acaba dando o primeiro passo com uma ajuda inesperada, às vezes sobrenatural.

É muito fácil encontrar esses elementos nos primeiros capítulos de Harry Potter. Quando está em seu mundo comum ele recebe o chamado através das cartas, e como não tem acesso a elas, fica sabendo do chamado através do desconhecido Hagrid, que vai em seu encontro. Num primeiro momento ele duvida que aquilo que Hagrid fala possa ser real. Diz que não pode ser bruxo porque é o “Harry. Só Harry”. O bruxo mais velho, no entanto, faz com que ele se dê conta dos acontecimentos estranhos e sem explicação em sua vida, o que o ajuda a compreender que, de fato, o que Hagrid – que se transforma em seu primeiro mentor – fala, pode ser verdade. Posteriormente, então, eles vão juntos até o Beco Diagonal, onde Harry se dá conta de que o mundo mágico é verdadeiro, sim, e que agora faz parte dele.

A segunda fase é a de iniciação, onde a personagem passa por diversas provas morais, testes de consciência. Em seguida, ele precisa provar seu valor de herói e, quando conclui sua

missão é exaltado como tal. Também não é difícil encontrar esses elementos dentro da narrativa. Desde o momento em que Harry chega a Hogwarts ele é testado por todos que já o veem como um herói, mas desconfiam disso por ser ele apenas uma criança. O primeiro teste acontece quando ele se depara com o Chapéu Seletor e precisa mostrar seu desagrado em relação à casa de Hogwarts para qual normalmente vão os vilões. O último teste é a própria jornada em busca da Pedra Filosofal na tentativa de alcançá-la antes dos vilões da história. Nesse meio tempo ele passa a conhecer seus amigos e inimigos, se aproxima do clímax, que é quando enfrenta sua provação mais difícil, e onde terá que comprovar que é, de fato, um Herói.

Harry vai atrás de pedra e a resgata, provando quem é, mesmo que quase tenha que morrer para isso. Posteriormente, passa então por um momento de recuperação da saúde, e quando retorna, acontece o momento da exaltação e glorificação do menino, no banquete de encerramento do ano letivo da escola de magia, onde o diretor, o mago Alvo Dumbledore, não apenas exalta Harry, Rony e Hermione e seus feitos diante de toda a escola, como também lhes concede pontos no campeonato das casas, de forma que a casa Grifinória vence e eles passem a ser duplamente heróis.

Por fim, a última fase é composta pelo retorno ao lar, ao lugar do início da história. Esse retorno, porém, não é fácil, e a personagem normalmente precisa de ajuda. Em todos os casos o herói se transforma em um senhor de dois mundos, porque conhece duas realidades. E é exatamente o que ocorre com Harry então. Ele embarca de volta à Londres, volta para a casa dos tios, mesmo que contra a sua vontade, mas esses agora o temem, porque sabem quem ele é e os poderes que tem. Harry então pode usufruir de sua liberdade, e viver nos dois mundos, nos dois lares.

6.2 O papel dos arquétipos na narrativa

As narrativas sempre estiveram ligadas à construção do inconsciente coletivo e das imagens arquetípicas, desde os primórdios da civilização, porque são uma forma de expressão, tanto do que está no consciente quando do que está no inconsciente. Como já foi dito anteriormente, elas estavam presentes já nas narrativas contidas nas pinturas feitas em paredes de cavernas, ou nos mitos, lendas e contos criados para explicar fenômenos naturais e situações do cotidiano que os homens mais antigos não poderiam explicar cientificamente ainda. Por isso, pode-se dizer que as narrativas estão ligadas às profundezas da mente humana.

Por estarem ligadas dessa forma ao homem, é natural que as narrativas estejam repletas de elementos do nosso inconsciente, que reflitam nossa forma mais profunda de ver o mundo.

Elementos tais quais os arquétipos, que são as imagens primordiais que temos no nosso inconsciente coletivo. E diversos estudiosos, como Jung, Campbell, Meletinski, entre outros já provaram isso, de forma que a dúvida que deu origem a essa pesquisa, nunca foi a de que houvesse arquétipos na narrativa de Harry Potter, da escritora J. K. Rowling, mas de como esses arquétipos estavam inseridos nela, e qual seu papel nessa história.

Através releitura da história, da separação dos arquétipos encontrados em relação aos personagens principais (Harry, Rony e Hermione) e da análise desses elementos, compreendemos que na narrativa de Harry Potter, existem arquétipos relacionados à trama em sua totalidade, e arquétipos relacionados à pequenos acontecimentos dentro da história. Ambos, no entanto, são importantes, porque ajudam a tornar mais clara a personalidade de cada uma das personagens.

Esse é o caso do capítulo 14. Os elementos arquetípicos desse estão relacionados a uma situação específica da história que é o cumprimento da detenção. É graças a essa detenção, no entanto, que Harry faz uma descoberta importante para o desfecho da história. Também é possível entender mais de Harry. Perceber que ele sente medo daquilo que quase o atacou no escuro. Mas que se ele puder, ele enfrentará aquele ser, para destruí-lo de vez, ou seja, o medo o move ao invés de paralisar.

Além disso, no decorrer da história encontramos diversos elementos mitológicos – tais como os duendes, o trasgo, entre outros - que nos fazem crer que Harry está de fato ingressando em um mundo mágico e misterioso ou está dentro de um. Sabemos que os mitos estão recheados de arquétipos. Esses mitos, além de ajudarem a história a se enquadrar dentro do gênero fantástico – que tem como um dos elementos principais a dúvida – também nos auxiliam a ver a personagem principal como um Mago (arquétipo) – fazem parte da compreensão da personalidade e da realidade da personagem.

Entretanto, além desses elementos mitológicos menores, também foi possível identificar uma semelhança entre a aventura que Harry Potter e seus amigos realizam às masmorras de Hogwarts, com o mito grego de Orfeu. Nessa história da mitologia, Orfeu vai até o mundo inferior (dos mortos) em busca de sua esposa falecida. Ela leva consigo sua lira, com a qual consegue encantar e adormecer o vigia dos portões do mundo inferior, o Cérbero, cão de múltiplas cabeças. A lira também é usada para sensibilizar Hades, o deus dos mortos. Dessa forma, Orfeu consegue levar de volta à vida sua esposa, Eurídice.

As semelhanças são breves. Há um cão de três cabeças que guarda a entrada para o subsolo onde está escondido o que Harry procura, e esse cão se mostra extremamente suscetível à música, dormindo assim que ouve uma. Na narrativa de Harry Potter, há inclusive uma lira

que já está aos pés do cão, quando Harry Potter chega ao local. O menino supõe – e acerta – que a lira tenha sido usada pelo vilão da história para adormecer o monstro. Harry, por sua vez, como não sabe utilizar a lira, utiliza-se de uma flauta que ganhou de presente meses antes.

Harry Potter também não vai ao subsolo de Hogwarts atrás de um amor, ou de trazer alguém de volta à vida. Porém ele vai atrás de um objeto que tem uma relação muito grande com a vida, a Pedra Filosofal, que é capaz de manter vivo quem beber uma poção feita com ela. Harry também realiza a jornada pensando na vida das pessoas que ele ama e que pertencem a sua comunidade – a bruxa, que ele aprendeu a amar, porque é onde ele se sente mais em casa na falta de uma família – no caso do vilão Lord Voldemort retomar sua vida plena e seus poderes.

É possível destacar ainda que, de acordo com o Dicionário dos Símbolos, o Cérbero “[...] simboliza o inferno interior de cada ser humano” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2015, p. 222). Se refletirmos a respeito do contexto da narrativa, ir atrás de Voldemort é claramente o inferno pessoal de Harry Potter. Ele precisou enfrentar seu pior inimigo e seus piores medos para poder cumprir sua missão. Além disso, a missão não foi imposta por ninguém, mas que a consciência do menino exigiu. Uma espécie de vingança pela morte de seus pais, ou, no mínimo, vontade de encarar frente a frente o causador de seu sofrimento.

Não se pode dizer, portanto, que as histórias são idênticas, mas pode-se dizer que há referências, sim, e que Rowling buscou inspiração nesse mito para aplicá-lo à sua história, auxiliando dessa forma, na construção de um arquétipo de Herói em relação à Harry Potter. O mesmo acontece com outros pequenos mitos, como já foi dito, e com culturas como a nórdica, que não deixa de fazer parte da cultura de Rowling que é britânica. E se os arquétipos estão presentes nesses mitos, estão também em Harry Potter, e auxiliam na construção da narrativa, da percepção que se tem das personagens, e principalmente na identificação dos leitores com essas personagens, já que os arquétipos são elementos do consciente coletivo e por isso todos os têm dentro de si e os percebem, mesmo que não os compreendam como arquétipos.

Se levarmos em consideração que os arquétipos se formam e se mantêm por meio de uma incessante renovação de vivências, inclusive literárias, e o número de leitores que a narrativa de Harry Potter tem em todo o mundo, pode-se dizer ainda, que a saga do bruxinho, inclusive, auxiliou na absorção de informações a respeito de arquétipos como o do Herói, do Sábio e do Amigo, correspondentes à Harry, Hermione e Ron respectivamente. Todos aqueles que leram, além das informações que já possuíam em seu inconsciente, passaram a ter novas informações. Ampliaram sua visão, seus conceitos. Essa ampliação, além de permanecer como uma espécie de herança psicológica, como podem ser caracterizados os arquétipos, também poderá ser expressada em obras de futuras gerações de escritores.

É possível dizer, inclusive, que o arquétipo que mais será reproduzido, talvez seja o do Sábio, de Hermione. Essa afirmação se dá com base na observação de que o arquétipo do Herói é bastante utilizado desde os primórdios, não é algo incomum, ao contrário, é um dos arquétipos mais encontrados nas narrativas; já o arquétipo do Amigo, de Rony, não é bastante claro para a maior parte dos leitores, que não fazem uma análise mais profunda; mas o arquétipo do Sábio de Hermione, apesar de recorrente em narrativas importantes, como é o caso até mesmo de Senhor dos Anéis, que também pertence ao gênero de narrativas fantásticas, é um dos arquétipos que mais chama a atenção na história, talvez porque Hermione tenha esse arquétipo em si com muita força. Mais força do que Harry possui em si o arquétipo do Herói.

Essa afirmação também se dá pelo fato de que logo que Harry Potter tornou-se conhecido no mundo, também tornou-se comum entre crianças e jovens, que um aluno muito estudioso, que sabe de muitas coisas porque lê muito, ou que tem uma grande participação em sala de aula, seja chamado de “Hermione”. A semente, portanto, foi plantada e já floresce como um estereótipo ao menos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com um universo calcado na realidade (há na história o âmbito familiar, o das amizades, o escolar, o das dificuldades adolescentes, entre outros), Harry Potter nos mostra aquilo que vários estudiosos (MOTTA, 2013; BARTHES, 2008) já vêm nos dizendo há algumas décadas: as narrativas são uma representação do real, são um espaço de representação das figuras e dos ambientes sociais, mesmo na literatura fantástica, pois essa só pode ser enquadrada como fantástica quando ela deixa no leitor a dúvida sobre a realidade dos fatos, quando ela faz o leitor pensar, do começo ao fim da narrativa, que aquilo pode ter uma explicação, e que aquela é apenas uma realidade regida por leis desconhecidas - do contrário ela deixa de ser fantástica para ser estranha (TODOROV, 2004, p. 30). E como se alcança esse estado de dúvida? Construindo uma narrativa semelhante à realidade. Por isso tudo as narrativas possuem um papel muito mais importante na vida do homem do que a maioria consegue supor.

E justamente por ser uma representação do real que algumas questões psicológicas tais quais como os Arquétipos, também podem ser encontradas. Aliás, como Jung já havia ressaltado, é mesmo comum que personagens da literatura sejam criadas tendo como base arquétipos, porque elas conferem à história maior aceitabilidade, uma vez que as personagens personificam imagens que fazem parte da psique do leitor. Em Harry Potter, essa afirmação apenas se confirmou.

Temos então uma Hermione extremamente característica, a personificação do arquétipo do Sábio durante toda a história e que não deixa de ser uma Heroína por toda a sabedoria que carrega consigo. Temos um Rony, super adaptável às situações, que age conforme é necessário que ele haja, e que se transforma, por isso, em um amigo inigualável, e por ser um amigo fiel escudeiro, ele também se transforma em um Herói.

E temos, por fim, um Harry que surge como um anti-herói, mas que evolui dentro da narrativa, se prova e prova ao mundo a que veio, e que com a ajuda dos amigos, se transforma num Herói de fato. Esse é um herói muito humano, no entanto. Como ficou claro pela comparação com a teoria de Campbell, Harry é um herói que tem medo, que se recusa ao chamado por insegurança, mas que acaba impulsionado por esse próprio medo a agir de acordo com o que é necessário, e de acordo com o que esperam dele (como anti-herói que é).

Esse medo e essa insegurança, que aliás, estão nas três personagens, assim como a amizade e o gosto por livros e por saber mais e mais, são características que podem ser encontradas em diversos jovens. Dentro de círculos de amigos adolescentes, dentro do grupo de leitores de Harry Potter, sempre há aquele que se identifica mais com uma ou outra

personagem.

Com esse conjunto, temos, então, uma narrativa rica em arquétipos. Arquétipos que ajudam o leitor a se identificar com as personagens, que tornam a história mais profunda e enraizada em um conhecimento que é milenar, porque vem de um inconsciente coletivo construído a partir das vivências de diversas gerações. Arquétipos que ajudam cada vez mais a renovar as vivências que formam e transformam essas imagens primordiais dentro do inconsciente coletivo. Especialmente por ser uma leitura voltada para crianças e jovens, seres que ainda estão em processo de formação de seus conscientes e inconscientes individuais.

Concluimos, portanto, que os arquétipos não apenas estão presentes em Harry Potter, como já imaginávamos, mas são uma das bases da construção dessa narrativa. Sua presença é umas das principais características, pois é muito marcante, e tem um papel bastante importante no desenvolver da narrativa. Pode-se dizer que até mesmo as personagens têm consciência disso. Pode-se dizer que é graças a consciência de que as pessoas o consideram como um herói, que Harry age como um herói e se transforma, de fato, em um.

Em relação ao papel dos arquétipos nas narrativas fantásticas de uma forma geral, serão necessárias ainda muitas pesquisas para que se possa fazer afirmações com certeza. Somando, entretanto, o conhecimento adquirido a respeito do papel dos arquétipos na narrativa de Harry Potter e o conhecimento de que os mitos e mitologias - as primeiras expressões de uma narrativa fantástica - são carregados de arquétipos, não é difícil concluir que as narrativas fantásticas possuem sua base de sustentação nessas imagens primordiais. São elas que conferem às narrativas fantásticas o toque de fantástico - porque muitos elementos arquetípicos foram construídos com base na fantasia dos homens e tentativa de explicação de fenômenos -, e ao mesmo tempo de realidade, porque esses arquétipos são inerentes a todos os seres humanos, estamos acostumados a eles, a enxergá-los e a vivê-los sem que nem mesmo percebamos. As narrativas fantásticas, portanto, precisam dos arquétipos para existirem.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. O bruxo e os leitores. In: JACOBY, Sissa; RETTENMAIER, Miguel (org.). *Além da plataforma nove e meia*. Passo Fundo: UPF, 2005.
- ALMEIDA, Ísis Lopes de. *O real e o humano no fantástico: uma análise de "O capote" e "O nariz" de Nicolau Gógol*. 2013. 53 f. Monografia (Graduação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, 2013
- AMARAL, Fernanda Alamino do. *Narrativas ficcionais seriadas: um estudo sobre Harry Potter* (Produção Científica). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2005.
- ASSOCIAÇÃO JUNGUIANA DO BRASIL. Desenvolvido por: Associação Junguiana do Brasil - AJB. Disponível em: <http://www.ajb.org.br/psicologiaanalitica.php>. Acesso em: 20 out. 2016.
- BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- BARTHES, Roland (org.). *Análise Estrutural da Narrativa*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BEUTTENMULLER, Eric. *Mitos, arquétipos e visão de mundo na obra em prosa de Mário de Sá-Carneiro*. 2014. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.
- BRUNER, J. Actos do Significado. In: MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 6. ed São Paulo: Cultrix, 2000.
- CARNEIRO, Raphael M. O. *Harry Potter e o Latim: um estudo analítico-descritivo baseado em corpus*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014.
- CESERANI, Remo. *O Fantástico*. Curitiba: UFPR, 2006.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos Símbolos*. 28. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- DUARTE, Marcia Y. M. Estudo de caso. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 1. ed São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. Ed. Curitiba: Positivo, 2008.

- FRYE, Northrop. *Fábulas de identidade: estudos de mitologia poética*. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
- GALBRAITH, Robert. *O Bicho da Seda*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- GALBRAITH, Robert. *O Chamado do Cuco*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- GALBRAITH, Robert. *Vocação para o mal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- GANCHO, Cândida V. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL. Direção de Chris Columbus. Produção de David Heyman. Los Angeles: Warner Bros. Pictures, 2001. 1 DVD-ROM (152 min): DVD, fullscreen, son., color.
- JACOBY, Sissa; RETTENMAIER, Miguel (org.). *Além da plataforma nove e meia*. Passo Fundo: UPF, 2005.
- JATOBÁ, Ascânio. *O que é arquétipo e o significado dos símbolos nos sonhos*. Entrevista concedida ao Canal do Youtube da Rádio Jovem Pan, o Jovem Pan Online. 27 de agosto de 2012.
- JUNG, C. G. (Org.). *O homem e seus símbolos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, Carl G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LEITE, Dante Moreira. *Psicologia e literatura*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- LOPES, Ana Cristina M; REIS, Carlos. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. *O herói e o fora-da-lei: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MELETÍNSKI, Eleazar M. *Os arquétipos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- ORIGEM DA PALAVRA. Desenvolvido por Origem da Palavra site de etimologia. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/arquetipo/>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- POTTERMORE. Desenvolvido por Harry Potter and Pottermore Publishing Rights © J.K. Rowling. 2011. Disponível em: [<https://www.pottermore.com/>](https://www.pottermore.com/). Acesso em: 20 mar. 2016.
- PROPP, Vladimir I. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

- RODRIGUES, Selma Calasans. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROWLING, J.K. *Animais fantásticos e onde habitam*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Chamber of Secrets*. Londres: Bloomsbury Children's Books, 1998.
- ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Deathly Hallows*. Londres: Bloomsbury Children's Books, 2007.
- ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Goblet of Fire*. Londres: Bloomsbury Children's Books, 2000.
- ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Half-Blood Prince*. Londres: Bloomsbury Children's Books, 2005.
- ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Order of the Phoenix*. Londres: Bloomsbury Children's Books, 2003.
- ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Philosopher Stone*. Londres: Bloomsbury Children's Books, 1997.
- ROWLING, J.K. *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban*. Londres: Bloomsbury Children's Books, 1999.
- ROWLING, J.K. *Morte Súbita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- ROWLING, J.K. *Os Contos de Beedle, o Bardo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- ROWLING, J.K. *Quadribol através dos séculos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ROWLING, J.K.; TIFFANY, John; THORNE, Jack. *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016
- SEVERO, Paola. *Um épico de provações: A jornada da personagem Frodo Bolseiro na narrativa de O Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien*. 2014. 69 f. Monografia (Graduação) - Universidade

de Santa Cruz do Sul, 2014.

SIGNIFICADOS. Desenvolvido por 7Graus. Disponível em:
<https://www.significados.com.br/mito/>. Acesso em: 14 ago. 2016.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*. 2. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

WIKIPEDIA. Desenvolvido por Wikimedia foundation. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Modernidade>. Acesso em: 10 jan. 2017.

WIKIPEDIA (b). Desenvolvido por Wikimedia foundation. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Carl_Gustav_Jung. Acesso em: 30 ago. 2016.

WIKIPEDIA (a). Desenvolvido por Wikimedia foundation. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Mimesis>. Acesso em: 14 ago. 2016.

WIKIPEDIA (c). Desenvolvido por Wikimedia foundation. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89mile_Durkheim. Acesso em: 30 ago. 2016.

WILLRICH, Glauber Rezende Jacob. *A formação arquetípica dos personagens de Dostoiévski*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Cultura e Artes. Unigranrio. Vol. 1. N. 13. 2016.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.